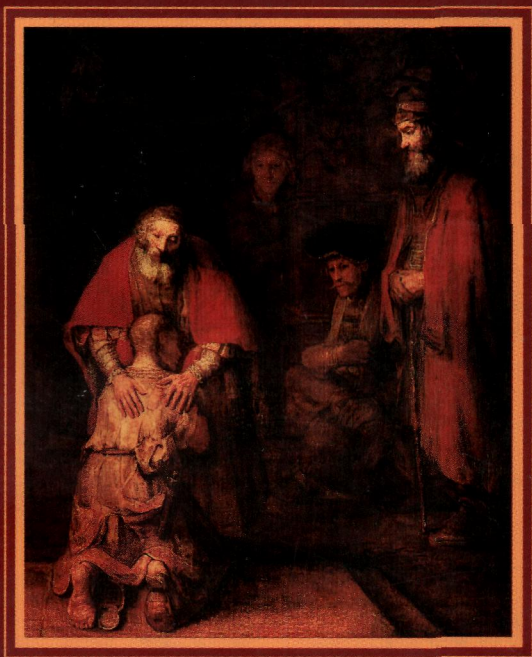


Henri J. M. Nouwen

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO



A história de um
retorno para casa



Um encontro fortuito com uma reprodução da pintura *A volta do filho pródigo*, de Rembrandt, projetou Henri Nouwen numa longa aventura espiritual. Aqui ele relata a reflexão muito pessoal e vibrante que o levou a descobrir o lugar no qual Deus escolheu fazer sua morada.

Seguindo a inspiração que teve diante da obra em que Rembrandt retrata a impressionante história do Evangelho, Henri Nouwen examina os diversos movimentos da parábola: a volta do filho mais jovem, o restabelecimento da filiação, o espírito vindicativo do filho mais velho e a misericórdia do pai. Meditando sobre Rembrandt em sua própria caminhada, o autor invoca o drama vigoroso da parábola de maneira rica e fascinante, que certamente ressoará nos corações dos leitores. Os temas de volta para casa, afirmação e reconciliação serão redescobertos por todos aqueles que experimentaram solidão, melancolia, ciúmes ou raiva. O desafio de amar como o pai e ser amado como o filho será mostrado como a revelação final da parábola, conhecida pelos cristãos ao longo dos tempos e aqui descrita com um vigor e força novos para os dias de hoje.

Para todos os que se perguntam "Para onde me levou a minha luta?" ou para os que "no caminho" tiveram a coragem de empreender a jornada, mas buscam a luz de um trajeto conhecido e de uma travessia segura, este trabalho, cada vez que for lido, servirá como guia e inspiração.

"*A volta do filho pródigo* é um livro de muita beleza, tanto na limpidez de sua sabedoria quanto na beleza assustadora da transformação que somos chamados a realizar."

New Oxford Review

Henri J. M. Nouwen nasceu na Holanda, onde foi ordenado padre em 1957. Escreveu muitos livros e ensinou na Universidade de Notre Dame, Yale e Harvard.

Capa: Scala/Art Resource, N.Y. Rembrandt,
A volta do filho pródigo, o "hermitage",
St. Petersburg (Rússia).



ISBN 85-7311-872-5



9 788573 118728

Henri J. M. Nouwen

A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

A história de um
retorno para casa

2ª edição – 1998



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nouwen, Henri J. M.

A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa / Henri J. M. Nouwen; [tradução Sonia S. R. Orberg]. — São Paulo: Paulinas, 1997. — (Coleção sopro do espírito).

Título original: The return of the prodigal son.

ISBN 85-7311-872-5

1. Filho pródigo (Parábola) 2. Filho pródigo (parábola) na arte 3. Rembrandt Harmenszoon van Rijn, 1606-1669. Volta do filho pródigo I. Título. II. Série.

97-3246

CDD-226.806

Índices para catálogo sistemático:

1. Filho pródigo: Parábola: Evangelhos: Interpretação e crítica 226.806

Título original da obra

THE RETURN OF THE PRODIGAL SON

© 1992 por Henri J. M. Nouwen

Publicado por acordo com Doubleday,
uma divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

Tradução

Sonia S. R. Orberg

Revisão de texto

Patrícia Marini Martins

Revisão do conteúdo

Dom Geraldo González y Lima, osb

Ilustração da capa

Scala/Art Resource, N. Y. REMBRANDT, A volta do Filho Pródigo, o "hermitage", St. Petersburg (Rússia).

Paulinas

Av. Indianópolis, 2752

04062-003 – São Paulo – SP

<http://www.paulinas.org.br>

editora@paulinas.org.br

Telemarketing – Fone: 0800-157412

© Pela Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 1997

Ao meu pai,
Laurent Jean Marie Nouwen
pelos seus noventa anos

A história de dois filhos e seu pai

Havia um homem que tinha dois filhos. O mais jovem disse ao Pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me cabe". E o Pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa.

E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: "Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou mais digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados". Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. O filho, então, disse-lhe: "Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho". Mas o pai disse aos seus servos: "Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!". E começaram a festejar.

Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: “É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde”. Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu pai: “Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!”.

Mas o pai lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!”.¹

1. *A História de dois filhos e seu pai* (Lc 15,11-32).

Prólogo

Encontro com uma pintura

O pôster

Um encontro, aparentemente sem importância, de um pôster mostrando detalhes de *A Volta do Filho Pródigo* de Rembrandt foi o que fez surgir uma longa aventura espiritual que me fez reavaliar minha vocação e me deu novo alento para vivê-la. No centro desta aventura está uma pintura do século XVII e seu artista, uma parábola do primeiro século e seu autor, uma pessoa do século vinte à procura do sentido da vida.

A história começa no outono de 1983, na cidadezinha de Trosly, na França, onde eu estava passando alguns meses em *A Arca*, uma comunidade que mantém um lar para pessoas com problemas mentais. Fundada em 1964 por um canadense, Jean Vanier, a comunidade de Trosly é a primeira de mais de noventa comunidades *A Arca* espalhadas pelo mundo.

Um dia fui visitar minha amiga Simone Landrien no pequeno centro de documentação comunitário. Enquanto falávamos deparei-me com um pôster preso à sua porta. Esse pôster retratava um homem envolto num amplo manto vermelho tocando afetuosamente o ombro de um jovem andrajoso, ajoelhado diante dele. Eu não conseguia desviar os olhos do quadro. Senti-me atraído pela intimidade entre os dois personagens; o vermelho cálido do manto, o

amarelo dourado da túnica do rapaz, e a luz misteriosa envolvendo ambos. Mas, acima de tudo, foram as mãos — as mãos do homem idoso — a maneira como tocavam os ombros do jovem, que me sensibilizaram como jamais acontecera.

Percebendo que não estava mais prestando muita atenção à conversa, disse a Simone: “Fale-me desse pôster”. Ela respondeu: “O.K., essa é uma reprodução de *A Volta do Filho Pródigo*, de Rembrandt. Você gosta?”. Continuei olhando e, finalmente, gaguejei: “É bonito, mais do que isso... dá-me vontade de chorar e rir ao mesmo tempo... Não sei dizer o que sinto quando o contemplo, mas me toca profundamente”. Simone retrucou: “Talvez você devesse ter o seu próprio exemplar. Pode comprá-lo em Paris”. “Sim”, respondi, “preciso ter uma cópia”.

Quando vi o quadro pela primeira vez eu havia justamente concluído uma viagem de seis semanas, fazendo palestras nos Estados Unidos e convocando comunidades cristãs a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance com o fim de deter a violência e evitar a guerra na América Central. Sentia-me tão cansado que mal podia andar. Sentia-me angustiado, só, inquieto e muito carente. Durante a viagem agira como um defensor da justiça e da paz, capaz de enfrentar sem medo o mundo sombrio. Concluída a jornada, sentia-me como uma criança enfraquecida que quer se aninhar no colo da mãe e chorar. Tão logo se dispersavam as multidões entusiastas ou suplicantes, eu era acometido de solidão tão arrasadora que facilmente poderia sucumbir às forças sedutoras que prometiam descanso físico e emocional.

Foi nesse estado de espírito que me deparei pela primeira vez com *A Volta do Filho Pródigo* sob a forma de um pôster preso à porta do escritório de Simone. Meu coração saltou no peito quando o vi. Depois dessa viagem tão desgastante, tudo o que eu poderia querer estava contido no carinhoso abraço de pai e filho. Eu era, na verdade, o filho exausto depois de longas viagens; queria ser

abraçado, procurava um lar onde me sentisse seguro. O filho que volta — era como eu me sentia e tudo o que desejava. Por muito tempo eu havia ido de um lugar para outro — confrontando, pedindo, advertindo, consolando. Agora desejava somente descansar em algum local onde me sentisse seguro, onde me sentisse em casa.

Muita coisa aconteceu nos meses e anos que se seguiram. Mesmo tendo me livrado daquele cansaço extremo e voltado à vida de ensino e viagens, o abraço de Rembrandt ficou impresso em minha alma muito mais profundamente do que qualquer manifestação passageira de apoio emocional. Pusera-me em contato com algo dentro de mim que subsiste bem distante dos altos e baixos de uma vida atarefada, algo que representa a constante busca do espírito humano, o anseio por uma volta definitiva, por uma inquebrantável sensação de segurança, por um lar permanente. Embora ocupado com diferentes grupos de pessoas, envolvido em diversos temas e comparecendo a locais variados, a *Volta do Filho Pródigo* permanecia indelével na minha mente e passou a ter cada vez mais importância em minha vida espiritual. A aspiração por um lar definitivo, de que me tornara consciente através da pintura de Rembrandt, tornou-se mais profunda e mais intensa, de certo modo transformando o artista em guia e fiel companheiro.

Dois anos depois de ver a pintura de Rembrandt renunciei à cadeira na Universidade de Harvard e regressei para *A Arca* em Trosly, para passar lá um ano inteiro. A razão dessa mudança foi verificar se estaria sendo chamado a viver uma vida com pessoas deficientes mentais em uma das comunidades *A Arca*. Durante esse ano de transição, senti-me muito perto de Rembrandt e de seu *Filho Pródigo*. Afinal de contas, eu estava procurando um novo lar. Parecia que meu compatriota me fora dado como um companheiro especial. Antes que terminasse o ano, decidi fazer de *A Arca* meu novo lar, ingressando na comunidade *O Amanhecer*, em Toronto.

A pintura

Um pouco antes de deixar Trosly, fui convidado por meus amigos Bobby Massie e sua esposa Dana Robert a acompanhá-los numa viagem à União Soviética. A minha primeira reação foi: “Agora poderei ver a verdadeira pintura”. Desde que passara a me interessar por essa grande obra, soubera que o original fora adquirido em 1766 por Catarina, a Grande, para o Hermitage em São Petersburgo (depois da revolução passou a chamar-se Leningrado, recentemente voltando à denominação anterior de São Petersburgo) e lá continua. Eu nunca sonhara que tão logo teria a chance de ver o quadro. Apesar de estar ansioso para conhecer de perto um país que havia tão fortemente influenciado meus pensamentos, emoções e sentimentos durante grande parte de minha vida, isso se tornou quase irrelevante se comparado à oportunidade de sentar diante do quadro e contemplar a pintura que me mostrava o mais profundo do meu coração.

Desde o momento de minha partida, eu sabia que a minha decisão de me ligar a *A Arca* de maneira definitiva e minha visita à União Soviética estavam intimamente ligados. O elo, eu tinha certeza, era *O Filho Pródigo* de Rembrandt. De certa maneira senti que ver essa pintura me possibilitaria entrar no mistério da volta ao lar de uma forma que ainda não tinha acontecido.

Retornar de uma cansativa viagem de palestras para um lugar seguro havia sido uma volta ao lar; deixar o mundo de professores e alunos para viver numa comunidade de homens e mulheres deficientes mentais me fizera sentir como voltar para casa; encontrar pessoas de um país que se separara do resto do mundo por muros e fronteiras fortemente guardadas, isso, também, foi, à sua maneira, um jeito de regressar à casa. Mas, sob ou além de tudo isso, “voltar para casa” parecia dizer, para mim, caminhar passo a passo em direção Àquele que me espera de braços abertos e deseja me envolver num eterno abraço. Eu sabia

que Rembrandt entendera profundamente esse retorno espiritual. Sabia que quando Rembrandt pintou seu *Filho Pródigo*, ele vivera uma existência que não lhe deixara dúvida sobre sua verdadeira e última morada. Senti que se eu pudesse encontrar Rembrandt exatamente onde ele pintara pai e filho, Deus e humanidade, compaixão e miséria, num círculo de amor, eu viria a saber tanto quanto possível sobre morte e vida. Também tive esperança de que, através da obra-prima de Rembrandt, chegaria um dia a ser capaz de expressar o que eu mais gostaria de dizer sobre o amor.

Estar em São Petersburgo é uma coisa. Ter a oportunidade de refletir sossegadamente sobre o *Filho Pródigo* no Hermitage é inteiramente diferente. Quando vi a longa fila de gente esperando para entrar no museu, fiquei preocupado imaginando como e por quanto tempo poderia ver o que tanto desejava.

Minha preocupação, entretanto, logo desapareceu. Nossa excursão oficialmente acabou em São Petersburgo e diversas pessoas do grupo voltaram às suas cidades. A mãe de Bobby, Suzanne Massie, que estava na União Soviética durante a nossa viagem, convidou-nos a passar alguns dias com ela. Suzanne é especialista em arte e cultura russas e seu livro *The Land of the Firebird* me ajudara bastante a me preparar para a viagem. Perguntei a Suzanne: “Como devo fazer para me aproximar do *Filho Pródigo*?”. Ela respondeu: “Não se preocupe, Henri. Vou providenciar para que você tenha todo o tempo que queira e necessite junto à sua obra favorita”.

No segundo dia de nossa estada em São Petersburgo, Suzanne me deu um número de telefone e disse: “Este é o número do escritório de Alexei Briantsev, ele é um grande amigo meu. Telefone para ele e ele lhe ajudará a chegar ao seu *Filho Pródigo*”. Telefonei imediatamente e fiquei surpreso de ouvir Alexei, num inglês cordial e com um leve sotaque, prometer me encontrar na porta lateral, longe da entrada dos turistas.

Sábado, 26 de julho de 1986, às 14h30, fui ao Hermitage, caminhei ao longo do Rio Neva, passando pela entrada principal, e encontrei a porta que Alexei me indicara. Entrei e alguém sentado atrás de uma mesa grande permitiu que usasse o telefone interno para chamar Alexei. Depois de alguns minutos ele apareceu e me recebeu com muita gentileza. Levou-me através de corredores esplêndidos e imponentes escadas a um lugar fora do percurso habitualmente feito pelos turistas. Era uma sala comprida, de teto alto e parecia um studio de um velho artista. Os quadros estavam empilhados por toda a parte. No centro havia mesas grandes e cadeiras cobertas de papéis e toda sorte de objetos. Quando nos sentamos por alguns minutos, logo se tornou evidente que Alexei era o responsável pelo departamento de restauração do museu. Com muita cordialidade e claro interesse na minha vontade de passar algum tempo com a pintura de Rembrandt, ele me ofereceu toda a ajuda necessária. Levou-me depois diretamente ao *Filho Pródigo*, disse ao guarda para não me molestar, e me deixou.

Então lá estava eu; olhando para o quadro que estivera na minha mente e no meu coração aproximadamente 3 anos. Estava deslumbrado diante de sua majestosa beleza. Seu tamanho, maior do que o natural, seus vermelhos intensos, marrons e amarelos, seus recessos sombreados e limiares luzidios, mas, acima de tudo, o abraço de pai e filho, cheio de luz, e as quatro misteriosas testemunhas, tudo isso me atingiu com uma intensidade maior do que poderia pensar. Houve momentos em que me ocorrera que a verdadeira pintura poderia me desapontar. Aconteceu o oposto. Sua grandiosidade e esplendor fizeram com que tudo ficasse para trás e me cativassem por completo. Vir aqui foi realmente uma volta ao lar.

Enquanto muitos grupos de turistas com seus respectivos guias chegavam e partiam, sucedendo-se rapidamente, sentei numa das cadeiras de veludo vermelho defronte do quadro e fiquei olhando. Agora eu estava diante da

obra original. Não somente o pai abraçando o seu filho de volta à casa, mas também o filho mais velho e três outros personagens. É uma obra grande em óleo sobre tela, medindo dois metros e meio de altura por 1,8 metro de largura. Levou algum tempo para que eu simplesmente *estivesse* ali, simplesmente me dando conta de que estava diante do que tanto queria ter visto, meramente gozando o fato de estar sozinho no Hermitage, em São Petersburgo, admirando o *Filho Pródigo* por quanto tempo desejasse.

A pintura estava muito bem exposta, numa parede que recebia, de uma janela próxima, farta luz natural, num ângulo de 80°. De onde estava, notei que a luz se intensificava à medida que a tarde caía. Às quatro horas o sol cobria a pintura com novo brilho, e as figuras mais atrás — que pareciam somente esboçadas nas primeiras horas — pareciam sair dos seus cantos escuros. Com o entardecer, a luz do sol se tornava anelada e vibrante. O abraço do pai e filho tornou-se mais vigoroso e envolvente e os espectadores, mais diretamente participantes neste misterioso encontro de reconciliação, perdão e cura interior. Gradativamente compreendi que havia tantas pinturas do *Filho Pródigo* quantas as alterações na luminosidade e, por algum tempo, permaneci como que encantado com a graciosa dança da natureza e arte.

Sem que me desse conta, mais de duas horas haviam se passado quando Alexei reapareceu. Com um sorriso compreensivo e numa atitude de apoio sugeriu que eu estava precisando de uma pausa e me convidou para um café. Conduziu-me através dos esplêndidos corredores do museu — que era, em grande parte, o antigo palácio de inverno dos czares — até o local de trabalho onde havia estado anteriormente. Alexei e seu colega haviam disposto sobre a mesa pães, queijos e doces e me animaram para que me servisse à vontade. Certamente, quando eu fazia planos e esperava passar algum tempo tranqüilo admirando o quadro, não imaginava que tomaria um café à tarde com os restauradores de arte do Hermitage. Tanto Alexei

como o seu companheiro dividiram comigo tudo o que sabiam sobre a obra de Rembrandt e se mostraram ansiosos por saber porque me marcara tanto. Pareciam surpresos e mesmo um pouco perplexos diante das minhas reflexões e abordagem espiritual. Ouviram atentamente e me pediram que falasse mais.

Depois do café, voltei ao quadro por mais uma hora até que o segurança e a faxineira me disseram claramente que o museu estava fechando e que eu já estivera lá bastante tempo.

Quatro dias mais tarde voltei para mais uma visita. Nessa ocasião, algo divertido aconteceu, algo que não posso deixar de relatar. Por causa do ângulo com que o sol da manhã atingia a pintura, o verniz empregado refletia um brilho perturbador. Peguei então uma das poltronas de veludo vermelho e mudei-a para um lugar de modo que esse brilho não interferisse e eu pudesse ver nitidamente os personagens no quadro. Logo que o segurança, um rapaz sério, de boné e vestimenta militar, viu o que eu estava fazendo, ficou muito irritado com minha ousadia em pegar a cadeira e mudá-la de lugar. Caminhando na minha direção, mandou, numa efusão de palavreado russo e de gestos universalmente aceitos, que eu colocasse a cadeira no seu lugar. Em resposta, apontei-lhe o sol e a tela, tentando explicar porque eu mudara a cadeira. Meus esforços foram em vão. Coloquei a cadeira de volta no seu lugar e me sentei no chão. Isso o perturbou ainda mais. Depois de mais algumas tentativas para conquistar a sua simpatia, ele disse que me sentasse no aquecedor debaixo da janela, de onde eu teria uma boa visão. Entretanto, o primeiro guia a circular por ali com um grupo grande dirigiu-se a mim e falando com severidade mandou-me sair de onde estava e voltar às cadeiras de veludo. Depois disso, o guarda ficou nervoso com o guia e lhe informou, numa profusão de palavras e gestos, que fora ele que me deixara sentar sobre o aquecedor. O guia não se satisfaz, mas decidiu voltar sua atenção aos turistas que estavam con-

templando Rembrandt e questionando o tamanho dos personagens. Alguns minutos mais tarde Alexei veio ver como eu estava. Imediatamente o guarda se aproximou dele e estava obviamente tentando explicar o que acontecera, mas a discussão durou tanto tempo que fiquei preocupado com o rumo que as coisas tomariam. Então, repentinamente, Alexei saiu. Por um momento me senti culpado de ter causado tanto transtorno e receei ter aborrecido Alexei. Entretanto, dez minutos depois ele voltou carregando uma poltrona grande, estofada, de veludo vermelho e com pernas douradas. Tudo para mim! Com um largo sorriso colocou a cadeira defronte ao quadro e pediu que me sentasse. Alexei, o guarda e eu, todos sorrimos. Eu tinha minha própria poltrona e ninguém mais se opunha. De repente, tudo parecia bastante cômico. Três cadeiras vazias que não podiam ser tocadas e uma poltrona luxuosa vinda de uma outra sala do palácio de inverno, à minha disposição, para que eu a colocasse onde me aprovesse. Cordial burocracia! Pensei se algum dos personagens do quadro que havia presenciado toda a cena estaria sorrindo também. Nunca ficarei sabendo.

No conjunto passei mais de quatro horas com o *Filho Pródigo*, anotando o que eu ouvia dos guias e turistas, o que eu via à medida que o sol se tornava mais forte e desaparecia e, também, o que eu sentia no mais profundo do meu ser à medida que me tornava parte da parábola que fora uma vez narrada por Jesus e que depois Rembrandt havia retratado na sua obra. Fiquei imaginando como esse tempo precioso passado no Hermitage iria qualquer dia produzir frutos.

Quando deixei o recinto, me dirigi ao jovem guarda e tentei expressar minha gratidão por me agüentar tanto tempo. Quando olhei nos seus olhos, sob o boné da Rússia, vi um homem semelhante a mim: temeroso, mas com um desejo imenso de ser perdoado. De seu rosto imberbe veio um sorriso muito gentil. Sorri também e ambos nos sentimos a salvo.

O acontecimento

Algumas semanas depois de visitar o Hermitage, em São Petersburgo, cheguei à Arca *O Amanhecer* em Toronto, para viver e trabalhar como guia espiritual da comunidade. Apesar de que levara um ano todo para decidir minha vocação e discernir a vontade de Deus — procurar entender se estaria sendo chamado para uma vida com deficientes mentais — ainda me sentia apreensivo e receoso sobre minha capacidade de vivê-la bem. Nunca antes prestara muita atenção aos deficientes mentais. Muito ao contrário, me ocupara mais e mais de estudantes universitários e de seus problemas. Aprendi como fazer palestras e a escrever livros, como expor temas sistematicamente, como compor títulos e subtítulos, como argumentar e como analisar. Portanto, eu não sabia muito bem me comunicar com homens e mulheres que mal falam e, se o fazem, não estão interessados em argumentos lógicos ou opiniões bem elaboradas. Sabia ainda menos como anunciar o Evangelho de Cristo a pessoas que ouviam mais com o coração do que com a mente e que eram mais sensíveis aos meus atos do que às minhas palavras.

Cheguei a *O Amanhecer* em agosto de 1986, com a convicção de que fizera a escolha certa, mas com o coração ainda muito perturbado diante do que estava por vir. Apesar disso estava convencido de que, depois de mais de vinte anos na sala de aula, chegara o tempo de confiar que Deus ama os pobres em espírito de maneira especial e que, apesar de ter pouco para lhes oferecer, eles, certamente, teriam muito o que me dar.

Uma das primeiras coisas que fiz depois de minha chegada foi procurar um lugar adequado para pendurar o pôster do *Filho Pródigo*. O escritório que me deram era excelente. Quando me sentava para ler, escrever ou falar com alguém, podia ver aquele misterioso abraço de pai e filho que se tornaram parte integrante da minha jornada espiritual.

Desde a minha visita ao Hermitage, tornara-me mais consciente das quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, que estavam ao redor do espaço iluminado onde o pai acolhe seu filho que volta. Sua maneira de olhar deixa você imaginando o que eles pensam ou sentem sobre o que estão vendo. Essas testemunhas ou observadores dão margem a toda sorte de interpretação. Quando penso na minha própria caminhada, cada vez mais me convenço de que, por muito tempo, fiz o papel de observador. Por anos eu havia ensinado aos jovens os diferentes aspectos da vida espiritual, tentando ajudá-los a enxergar a necessidade de viver de acordo com esses ensinamentos. Quanto a mim, teria eu na verdade tido a coragem de me dirigir ao centro, de ajoelhar e de me deixar envolver por um Deus misericordioso?

O simples fato de ser capaz de expressar uma opinião, enunciar um argumento, defender um ponto de vista, elucidar um parecer, me dera, e ainda me dá, uma sensação de controle. E, em geral, sinto-me muito mais seguro quando consigo controlar uma situação não definida do que quando me submeto ao desenrolar dos acontecimentos.

Certamente houve muitas horas de oração, muitos dias e meses de retiro e inúmeras palestras com diretores espirituais, mas eu nunca abandonara o papel de observador. Apesar de que a vida toda desejara estar no interior olhando para fora, não obstante continuamente voltava à posição de um estranho olhando para dentro. Algumas vezes este olhar para dentro era de curiosidade, outras de ciúme ou de ansiedade e às vezes até um olhar afetuoso. Mas deixar a posição um tanto cômoda de observador e crítico parecia um grande salto num território totalmente desconhecido. Desejava tanto manter certo controle sobre minha caminhada espiritual, continuar capaz de prever pelo menos parte do resultado, que renunciar à posição tranqüila de observador pela incerteza do filho que volta parecia quase impossível. Formar estudantes, transmitir a eles

as muitas explicações dadas, através dos séculos, das palavras e atos de Jesus, e indicar-lhes os diversos caminhos espirituais que as pessoas percorreram no passado, se parece bastante com tomar a atitude de um dos quatro personagens que circundam o abraço divino. As duas mulheres de pé, atrás do Pai, em posições diferentes, o homem sentado olhando no vazio, sem vislumbrar ninguém, e o jovem alto, de pé, ereto, em atitude crítica diante do que se passa num plano à sua frente — são todas maneiras de não se envolver diretamente. Há indiferença, curiosidade, devaneio e observação atenta; há olhares fixos, contemplativos, vigilantes e calmos; há diferentes posturas — na retaguarda, encostado a um arco, de braços cruzados, de mãos entrelaçadas. Cada uma dessas atitudes, reservada ou manifesta, me são bem familiares. Algumas são mais confortáveis do que outras, mas todas são maneiras de não se envolver.

Optar por mudar, não mais lecionando a estudantes universitários e passando a viver com deficientes mentais, era, pelo menos para mim, um passo em direção ao plano em que o pai abraça o filho ajoelhado. É o local iluminado, o paradeiro da verdade e do amor. É o lugar onde tanto desejo estar, mas do qual tenho tanto receio.

Aí encontrarei tudo o que procuro, tudo o que desejei ter, tudo o que poderei precisar, mas também é nesse estágio que devo renunciar a tudo aquilo a que ainda me apego. É o lugar que me faz compreender que verdadeiramente aceitar amor, perdão e cura é, muitas vezes, mais difícil do que concedê-los. É o estágio que se situa além de conquistar, merecer e obter recompensa. É o lugar de entrega e confiança absolutas.

Logo depois de chegar a *O Amanhecer*, Linda, uma bonita jovem portadora de síndrome de Down, pôs seus braços em volta do meu pescoço e me disse: “Bem-vindo”. Ela age da mesma maneira com todos os recém-chegados e, sempre que faz isso, é com plena convicção e amor. Mas como receber um tal abraço? Linda nunca havia me en-

contrado. Nada sabia dos meus antecedentes antes de chegar a *O Amanhecer*. Jamais conheceu meu lado sombrio, nem pudera visualizar aspectos menos favoráveis. Ela nunca lera nenhum dos meus livros, nunca me ouvira pregar, ou sequer havia tido uma conversa comigo.

Então deveria eu simplesmente sorrir, dirigir-me a ela com carinho, e continuar como se nada tivesse acontecido? Ou Linda estava ali, naquele mesmo plano, dizendo com seu gesto: “Venha, não seja tão tímido, seu Pai também quer abraçá-lo”. Parece que cada vez, seja com a saudação de Linda, o aperto de mão de Bill, o sorriso de Gregory, o silêncio de Adam ou as palavras de Raymond, tenho que fazer uma escolha entre “explicar” esses gestos ou simplesmente aceitá-los como convites para subir mais alto, chegar mais perto.

Estes anos em *O Amanhecer* não têm sido fáceis. Tem havido muita luta íntima e sofrimento mental, emocional e espiritual. Nada, absolutamente nada, dava a impressão de que tivesse atingido o objetivo. Entretanto, a mudança de Harvard para *A Arca* representava uma pequena mudança da posição de observador para a de participante, de árbitro para o de pecador contrito, de pregar o amor a ser querido como o filho bem-amado. Não suspeitava quão difícil seria a jornada. Não sabia quão profundamente enraizada a resistência que havia em mim e como seria angustiante encarar a verdade, cair de joelhos e deixar que as lágrimas escorressem livremente. Eu não fazia idéia de como seria difícil participar efetivamente do grande acontecimento que o quadro de Rembrandt retrata.

Cada pequeno passo em direção ao centro me parecia uma solicitação impossível, um pedido para que eu deixasse de lado essa vontade de estar no controle, de que abdicasse, mais uma vez, da inclinação de fazer prognósticos, de mais uma vez sucumbir ao medo de ignorar a que tudo isso levaria, e a me entregar ao amor que não conhece limites. Entretanto, sabia que nunca seria capaz de viver o grande mandamento do amor sem que eu mesmo fosse

amado incondicionalmente. A distância entre ensinar e aceitar eu mesmo o amor evidenciou-se muito mais longa do que eu imaginara.

A visão

Muito do que aconteceu desde que cheguei a *O Amanhecer* está escrito em diários e anotações, mas, do jeito que está, pouco pode ser partilhado com outros. As palavras são muito cruas, intensas, “carregadas” e sem floreios. Agora chegou o tempo em que é possível olhar para trás, para esses anos de turbulência e descrever, de maneira objetiva, o ponto a que toda essa luta me conduziu. Ainda não sou bastante independente para deixar que o abraço do Pai me envolva completamente. De muitas maneiras estou ainda me dirigindo ao centro. Estou ainda como o *Filho Pródigo* — viajando, preparando falas, imaginando como será quando chegar à casa do Pai. Mas estou, certamente, no caminho para casa. Deixei o país longínquo e vim para sentir a proximidade do amor. Estou, portanto, pronto a partilhar minha história. Há uma certa esperança, uma certa luz e algum consolo nessa narrativa. Muito do que vivi nos últimos anos será parte desta história, não para expressar insegurança ou desespero, mas como passagens de minha caminhada à procura da luz.

O quadro de Rembrandt ficou bem perto de mim durante esse tempo. Mudei-o de lugar algumas vezes — do meu escritório para a Capela, da Capela para a sala de estar da casa “Dia de Primavera” (a casa de oração d’*O Amanhecer*) e dessa sala de estar de volta para a Capela. Falei sobre esse quadro muitas vezes, dentro e fora da comunidade d’*O Amanhecer*, a pessoas deficientes e aos que as assistem — a guias espirituais e padres, a homens e mulheres de diversas camadas sociais.

Quanto mais falei do *Filho Pródigo*, quanto mais o contemplei, mais a pintura passou a ser a minha própria

criação, a obra que contém não somente o cerne da história que Deus deseja me contar, mas também traduz todo o sentido daquilo que eu quero dizer a Deus e a seu povo. Todo o Evangelho está ali. Toda a minha vida está ali. Todas as vidas dos meus amigos. A obra se tornou uma passagem misteriosa através da qual posso entrar no Reino de Deus. É como se fora um portão largo que me permite passar para o outro lado da vida e de lá contemplar uma variedade singular de pessoas e fatos que compõem o meu dia-a-dia.

Por muitos anos procurei vislumbrar Deus através da observação cuidadosa de diferentes aspectos do comportamento humano: amor e solidude, alegria e pesar, ressentimento e gratidão, discórdia e paz. Procurei entender os altos e baixos da alma humana, ali distinguir fome e sede que somente um Deus cujo nome é Amor pode saciar. Tentei descobrir o duradouro acima do transitório, o eterno contrapondo-se ao temporal, o verdadeiro amor vencendo os entraves do medo e a consolação de Deus superando toda desolação, toda angústia e agonia humanas. Tentei constantemente assinalar o fato que, ao lado da nossa natureza mortal, paira uma presença maior, profunda, ampla e mais bela do que podemos imaginar, e falar dessa presença como algo que mesmo agora pode ser visto, ouvido e tocado por aqueles que se dispõem a crer.

Entretanto, durante a minha estada aqui n'O *Amanhecer*, fui conduzido a um lugar dentro de mim onde ainda não estivera. É um recanto muito íntimo que Deus escolheu para fazer sua morada. É aí que me sinto seguro sendo envolvido pelo abraço de um Pai amoroso que me chama pelo nome e diz: "Você é o meu filho querido, que tem todo o meu carinho". É nesse local seguro que encontro toda a alegria e toda a paz que não são deste mundo.

Esse abrigo sempre existiu e eu o reconhecia como a fonte de graças, mas não conseguia fazer ali minha morada. Jesus diz: "Se alguém me ama, guardará minha palavra e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos

morada.”² Estas palavras sempre me tocaram profundamente. Eu sou o templo de Deus!

Mas foi sempre difícil, para mim, reconhecer a verdade contida nessas palavras. Sim, Deus habita no mais íntimo do meu ser, mas como poderia eu aceitar o chamado de Jesus: “Permanecei em mim, como eu em vós”.³ O convite é claro e inconfundível. Habitar no mesmo lugar onde Deus fez a sua morada, este é o grande desafio espiritual. Parecia uma tarefa impossível.

Com meus pensamentos, sentimentos, emoções e paixões, eu estava sempre distante do local escolhido por Deus como o lar. Voltar para casa e permanecer ali, onde Deus habita, ouvindo o apelo da verdade e do amor, isso era, de fato, a jornada que eu mais temia pois sabia que Deus é um amante possessivo que me quer por inteiro todo o tempo. Quando eu estaria pronto para aceitar esse amor?

Deus mesmo me mostrou o caminho. Os problemas físicos e emocionais que interromperam o meu dia-a-dia atarefado n’O *Amanhecer* me obrigaram — de forma decisiva — a voltar para casa e a buscar Deus onde Deus pode ser encontrado — no meu próprio santuário. Não posso dizer que tenha aí chegado. Nesta vida não conseguirei, porque a busca de Deus transcende os limites da morte. Apesar de ser uma caminhada longa, e bastante difícil, é também cheia de surpresas deliciosas, muitas vezes nos permitindo sentir o gosto do que está por vir.

Quando vi pela primeira vez o quadro de Rembrandt, essa noção da presença de Deus em mim não era tão nítida quanto agora. Entretanto, a reação intensa ao abraço do pai e filho mostrou quão ansiosamente eu buscara aquele lugar secreto onde eu também pudesse me sentir tão amparado quanto o jovem do quadro. Na ocasião não era

2. Jo 14,23.

3. Jo 15,4.

possível prever o que seria necessário para chegar um pouco mais perto desse lugar. Agradeço não ter sabido de antemão o que Deus havia reservado para mim. Agradeço também, pois, com o sofrimento, algo de novo se abriu dentro de mim. Tenho uma vocação diferente agora. É o desejo de falar e escrever dessa abertura dentro de situações na minha vida e na de outros, também incerta. Devo me ajoelhar diante do Pai, colocar os ouvidos no seu peito e ouvir, sem interrupção, os batimentos do coração de Deus. Somente então posso expressar com cautela e suavidade o que ouço. Sei agora que devo falar da eternidade no cotidiano; da alegria duradoura na realidade passageira de nossa breve existência neste mundo; da casa do amor na casa do medo; da presença de Deus nas dimensões humanas. Estou bem ciente da grandiosidade desta vocação. Ainda assim, confio que este seja o único caminho. Poderíamos chamá-lo de visão “profética” — contemplar o mundo e as pessoas através dos olhos de Deus.

Será isso possível para um ser humano? Mais ainda: “é a opção que devo fazer?”. Não se trata de uma pergunta intelectual. É uma questão de vocação. Sou chamado a entrar no santuário bem dentro do meu próprio ser onde Deus escolheu fazer sua morada. Somente através da oração contínua posso me colocar aí. Muitas dificuldades e muito sofrimento podem abrir o caminho, mas tenho a certeza de que somente pela oração constante poderei chegar.

Introdução

O filho mais jovem, o filho mais velho e o pai

No ano que seguiu ao meu primeiro encontro com o *Filho Pródigo*, minha jornada espiritual foi marcada por três fases que me ajudaram a traçar as bases da minha história.

A primeira fase foi a experiência de ser o filho mais moço. Os longos anos de ensino universitário e o profundo envolvimento com assuntos ligados às Américas Central e do Sul fizeram com que me sentisse um tanto perdido. Tenho perambulado por lugares longínquos e vastos, encontrado gente com os mais diversos estilos de vida e de diferentes credos, e participado de muitos movimentos. Mas, no fim de tudo isso, eu me senti sem um lar e bastante cansado. Quando vi a maneira carinhosa como o pai tocava os ombros do filho mais jovem e o amparava contra o seu peito, senti bem no fundo do meu coração que eu era o filho perdido que desejava voltar, como ele o fizera, para ser abraçado da mesma maneira. Por muito tempo me coloquei no lugar do *Filho Pródigo*, de volta à casa, antegozando o momento de ser afetuosamente recebido por meu Pai.

Depois, um tanto inesperadamente alguma coisa mudou. Depois de estar na França por um ano, e da minha visita ao Hermitage, em São Petersburgo, o desespero que fizera com que eu me sentisse tão em sintonia com o filho

mais jovem diminuiu um tanto — passou, por assim dizer, a ocupar um lugar de menos destaque em meu consciente. Eu tomara a decisão de ir para *O Amanhecer* em Toronto e, conseqüentemente, me sentia mais confiante do que até então.

A segunda fase da minha jornada espiritual teve início numa tarde em que eu conversava sobre a pintura de Rembrandt com Bart Gavigan, um inglês meu amigo que no último ano passara a me conhecer intimamente. Enquanto explicava a Bart como tinha sido forte a minha identificação com o filho mais jovem, ele me olhou firme nos olhos e me disse: “Será que não é com o filho mais velho que você mais se parece?”. Com essas palavras abriu-se um novo espaço dentro de mim.

Sinceramente, eu nunca me vira como o filho mais velho, mas depois que Bart me colocou diante dessa possibilidade, inúmeras idéias me vieram à mente. Começando pelo simples fato que, na minha própria família eu sou, realmente, o filho mais velho, concluí que vivera uma vida de muita disciplina. Aos seis anos já desejava ser padre e nunca mudara de idéia. Nasci, fui batizado, crismado e ordenado na mesma igreja e fui sempre obediente aos meus pais, professores, bispos e ao meu Deus. Nunca saí de casa, nem desperdicei meu tempo e dinheiro em prazeres do sexo; jamais me perdi em “devassidão ou embriaguez”.⁴ Toda a minha vida fui muito responsável, fiel à tradição e à família. Mas, com tudo isso, posso, na verdade, ter estado tão perdido quanto o filho mais jovem. De repente me enxerguei de maneira inteiramente diversa. Enxerguei o meu ciúme, raiva, suscetibilidade, obstinação, mau humor e, acima de tudo, meu farisaísmo sutil. Vi o quanto eu me queixava e quanto o meu pensar e agir estavam imbuídos de ressentimento. Por algum tempo não dava para acreditar que eu tivesse me enxergado como o filho mais jovem. Eu era, certamente, o mais velho, mas tão perdido quanto

4. Lc 21,34.

seu irmão mais moço, apesar de que eu permanecera “em casa” toda a minha vida.

Eu estivera trabalhando duro na fazenda de meu pai, mas nunca, na verdade, me regozijara pelo fato de estar em casa. Em vez de me sentir agradecido pelos privilégios a mim concedidos, eu me tornara uma pessoa ressentida: ciumento de meus irmãos e irmãs mais jovens que tanto tinham se aventurado e que eram recebidos de volta com tanto carinho. Durante o meu primeiro ano e meio n’O *Amanhecer*, o comentário tão perspicaz de Bart continuava a reger a minha vida interior.

Mais estava por vir. Nos meses que se seguiram à comemoração do trigésimo aniversário de minha ordenação sacerdotal, gradualmente fui entrando em depressão e passei a sentir muita angústia. Cheguei ao ponto de não mais me sentir seguro na minha própria comunidade e tive que sair para buscar ajuda e trabalhar diretamente na minha cura interior. Os poucos livros que pude levar comigo eram todos sobre Rembrandt e a parábola do *Filho Pródigo*. Embora morando num lugar um tanto isolado, distante de meus amigos e da comunidade, era muito reconfortante ler sobre a vida atribulada do grande pintor holandês e conhecer os caminhos sofridos que, finalmente, o capacitaram a pintar essa obra magnífica.

Por horas, admirei os lindos desenhos e pinturas que ele havia criado no meio de todos os reveses, decepções e pesar e compreendi como, de seu pincel, emergiu a figura de um homem quase cego amparando seu filho num gesto de perdão e compadecimento. Era preciso que tivesse passado por muitas mortes e chorado muitas lágrimas para ter produzido uma figura de Deus com tanta humildade.⁵

Foi durante esse período de grande sofrimento íntimo que uma outra amiga falou o que eu mais precisava ouvir. E assim deu início à terceira fase de minha jornada

5. Paul Baudiquet, *La vie et l'oeuvre de Rembrandt* (Paris: ACR Edition-Vilo, 1984), 210,238.

espiritual. Sue Mosteller, que estivera com a comunidade d'O *Amanhecer* desde o início dos anos 70 e desempenhara um papel importante para que eu viesse para cá, me dera apoio indispensável quando as coisas se tornaram difíceis e me encorajara a lutar e sofrer o quanto fosse preciso, de modo a obter plena libertação interior. Quando ela me visitou no meu "hermitage"* e falamos sobre o *Filho Pródigo*, ela disse: "Quer você seja o filho mais moço ou o mais velho, você precisa compreender que é chamado a se tornar o Pai".

Suas palavras me atingiram como uma descarga elétrica porque, depois de todos esses anos de ter vivido com a pintura e visto o pai idoso amparando um filho, nunca me ocorrera que a figura do Pai era a que melhor expressava a minha vocação.

Sue não me deu chance para que protestasse: "Você esteve a vida toda procurando amigos, desde que o conhecimento vive carente de afeição; esteve interessado em milhares de coisas, solicitando de um lado e de outro atenção, louvor e afirmação, à direita e à esquerda. Chegou a hora de procurar sua verdadeira vocação — de ser um pai que pode acolher seus filhos que voltam sem lhes fazer perguntas e sem esperar nada em troca. Olhe para o pai no pôster e você entenderá quem você é chamado a ser. Nós, n'O *Amanhecer*, e a maioria das pessoas que o cerca não precisamos de você como um bom amigo ou mesmo um irmão carinhoso. Precisamos de você como pai que possa se arrogar o direito da verdadeira compaixão".

Olhando para o homem idoso, barbudo, com seu amplo manto vermelho, senti profunda dificuldade em me ver daquela maneira. Eu estava pronto a me identificar com o jovem perdulário ou com o filho mais velho, ressentido, mas a idéia de ser como o ancião que nada tinha a

*. N.T.: O autor usa um jogo de palavras com o nome do museu e o profundo sentido de hermitage" — cela ou convento de eremitas — referindo-se à sua própria experiência naquele momento.

perder porque perdera tudo e ter somente que dar me deixava com muito medo. Entretanto, Rembrandt morreu quando tinha 63 anos e estou muito mais próximo dessa idade do que da de qualquer um dos dois filhos. Rembrandt se dispôs a se colocar no lugar do pai; por que não eu?

O ano e meio decorridos desde esse desafio de Sue Mosteller tem sido um tempo em que procuro assumir minha paternidade espiritual. Tem sido uma luta lenta e difícil e muitas vezes ainda sinto o desejo de continuar como filho e nunca envelhecer, mas também experimentei a alegria enorme de filhos voltando ao lar e de colocar neles as mãos numa atitude de perdão e bênção. Cheguei a saber um pouco como é ser um pai que nada pergunta, desejando somente receber os filhos em casa.

Tudo o que eu vivi desde o meu primeiro encontro com o pôster de Rembrandt deu-me não somente a inspiração para escrever este livro, mas também para estruturá-lo. Irei primeiramente refletir sobre o filho mais jovem, depois sobre o mais velho e finalmente sobre o pai. Porque, na verdade, sou o filho mais moço; sou o filho mais velho; e estou a caminho de me tornar o pai. E, para vocês que vão fazer esta caminhada espiritual comigo, desejo e oro para que descubram dentro de cada um de vocês não somente o filho perdido de Deus, mas também a mãe e o pai compassivos que Deus é.

parte I

O FILHO MAIS MOÇO

O mais jovem disse ao pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me cabe". E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa.

E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: "Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados". Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

1

Rembrandt e o filho mais moço

Rembrandt estava perto da morte quando ele pintou o seu *Filho Pródigo*. Provavelmente foi um dos seus últimos trabalhos. Quanto mais leio sobre a pintura e a contemplo, mais a enxergo como capítulo final de uma vida tumultuada e sofrida. Juntamente com sua obra inacabada "*Simeão e o Menino Jesus*", o *Filho Pródigo* retrata a percepção de sua idade avançada — uma percepção em que cegueira física e profunda visão interior estão intimamente ligadas. A maneira pela qual o velho Simeão segura a criança indefesa e o modo do pai abraçar seu filho exausto revelam uma visão interior que faz lembrar as palavras de Jesus aos seus discípulos: "Abençoados os olhos que vêem o que vós vedes".⁶ Tanto Simeão como o pai do filho que volta trazem *dentro* de si aquela luz misteriosa pela qual eles vêem. É uma luz interior, bem escondida, mas que irradia uma beleza suave e penetrante.

Essa luz interior, entretanto, ficara escondida por muito tempo. Por muitos anos fora inatingível para Rembrandt. Gradativamente, à custa de muita angústia, ele a encontrou em si mesmo e, através dele, naqueles que pintou. Antes de ser como pai, Rembrandt fora por muito tempo como o jovem orgulhoso que "se apossou de tudo o que tinha e partiu para um país distante onde esbanjou toda a fortuna".

6. Lc 10,23.

Quando olho para os auto-retratos, profundamente interiorizados, que Rembrandt pintou durante seus últimos anos, e que explicam bastante a sua inclinação para retratar o pai, o ancião iluminado e o velho Simeão, não devo esquecer que, como jovem, Rembrandt tinha todas as características do *Filho Pródigo*: impetuoso, convencido, gastador, sensual e muito arrogante. Aos trinta anos ele se retratou com sua esposa, Saskia, como o filho perdido num bordel. Esse quadro não deixa ver nada mais profundo. Embriagado, com a boca entreaberta e os olhos ávidos de sexo, ele olha desdenhosamente para aqueles que contemplam seu retrato como se dissesse: “Isto não é o máximo?”. Com sua mão direita, ele ergue um copo parcialmente cheio enquanto com a esquerda toca os quadris de sua namorada, cujo olhar é tão lascivo quanto o seu. O cabelo comprido e encaracolado de Rembrandt, sua boina de veludo com a pena branca e a espada com a bainha de couro e cabo dourado tocando as costas dos dois folgações, tudo isso deixa pouca dúvida sobre suas intenções. A cortina puxada no canto superior direito faz a gente pensar nos bordéis do decadente distrito da luz vermelha de Amsterdã. Fitando intencionalmente esse auto-retrato sensual do jovem Rembrandt como o *Filho Pródigo*, mal posso crer que este seja o mesmo homem que, trinta anos mais tarde, se retratou com olhos que penetram tão profundamente os escondidos mistérios da vida.

Entretanto, os biógrafos de Rembrandt o descrevem como um jovem orgulhoso por demais convencido de seu próprio talento e desejoso de explorar tudo o que o mundo tem a lhe oferecer, um extrovertido que ama a luxúria e pouco se importa com o que se passa com as pessoas à sua volta. Não há dúvida de que o dinheiro era uma das principais preocupações de Rembrandt. Ele ganhou muito, gastou muito e perdeu muito. Grande parte de sua energia foi gasta em longos processos judiciais de falência. Os auto-retratos pintados no final da segunda década de sua existência e ao começar a terceira mostram Rembrandt

como um homem sedento de fama e bajulação, apreciador de roupas extravagantes, preferindo correntes douradas a colarinhos brancos engomados, e chapéus, boinas, capacetes e turbantes esportivos e bizarros. Mesmo que muito desse modo de se vestir tão caprichado possa ser considerado como um procedimento normal, visando a prática e a demonstração de técnicas de pintura, também retrata uma personalidade arrogante que não visa somente agradar aos seus patrocinadores.

Contudo, a esse curto período de sucesso, popularidade e riqueza, segue-se muita tristeza, infelicidade e infortúnio. Pode ser acabrunhador tentar resumir as muitas desventuras da vida de Rembrandt. Não são diferentes das do *Filho Pródigo*. Depois de ter perdido seu filho Rumbartus em 1635, sua primeira filha Cornélia em 1638 e sua segunda filha Cornélia em 1640, sua esposa Saskia, que ele muito amava e admirava, morre em 1642. Rembrandt fica com um filho de nove meses, Titus. Depois da morte de Saskia, a vida de Rembrandt continua a ser marcada por inúmeros problemas e sofrimentos. Um relacionamento muito infeliz com a enfermeira de Titus, Geertje Dircx, termina por ação judicial e internação de Geertje num sanatório. Segue-se uma união mais estável com Hendrickje Stoffels. Ela lhe dá um filho que morre em 1652 e uma filha, Cornélia, a única que sobrevive a ele.

Durante esses anos, a popularidade de Rembrandt, como artista, caiu rapidamente, embora alguns colecionadores e críticos continuassem a reconhecê-lo como um dos grandes pintores de seu tempo. Seus problemas financeiros se tornaram de tal ordem que em 1656 Rembrandt é considerado insolvente e, para evitar falência, as propriedades e bens que possui são colocados à disposição de seus credores. Tudo o que possui, suas obras de arte e as de outros pintores, sua vasta coleção de objetos artesanais, sua casa em Armsterdã, sua mobília, tudo é vendido em três leilões, durante os anos de 1657 e 1658.

Apesar de que Rembrandt nunca conseguiria ficar completamente livre de dívidas e devedores, aos cinquenta anos alcançou uma certa paz. Seus quadros deste período crescem em calor e interioridade e mostram que os muitos desapontamentos não o tornaram amargurado. Ao contrário, tiveram sobre sua maneira de ver um efeito purificador. Jakob Rosenberg escreve: "Ele começou a contemplar homem e natureza com olhos mais penetrantes, não mais aturdido por aparências pomposas ou demonstrações teatrais".⁷ Em 1663 morre Hendrickje e cinco anos depois Rembrandt assiste não só ao casamento, mas também à morte de seu amado filho, Titus. Quando o próprio Rembrandt morre em 1669, ele é um homem pobre e solitário. Somente sua filha Cornélia, sua nora Magdalene Van Loo e sua neta Titia sobrevivem a ele.

Quando vejo o *Filho Pródigo* ajoelhando diante do pai e encostando o rosto contra seu peito, vejo o artista outrora tão confiante e respeitado e chego à dolorosa conclusão de que a fama que alcançou foi apenas glória passageira. Em vez dos ricos trajes com os quais o jovem Rembrandt pintou a si mesmo no bordel, ele agora usa somente uma túnica rasgada cobrindo seu corpo emaciado e as sandálias, com as quais caminhou tanto, que se tornaram gastas e imprestáveis.

Olhando o filho penitente e o pai compassivo, vejo que a luz cintilante refletida por correntes douradas, armaduras, capacetes, velas e lâmpadas escondidas se apagou e foi substituída pela luz interior da velhice. É o movimento a partir da glória que leva a uma busca cada vez maior de riqueza e popularidade em direção à glória que se acha escondida na alma humana e transcende a morte.

7. Jacob Rosenberg, *Rembrandt: Life and Work*, 3ª ed. (Londres-N. York: Phaidon, 1968), 26.

2

Partida do filho mais jovem

O filho mais jovem disse ao pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me cabe". E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua.

Uma rejeição radical

A denominação correta da pintura de Rembrandt é, como já foi dito, *A Volta do Filho Pródigo*. Está implícita na "volta" uma partida. Voltar é tornar à casa depois de, deixar a casa, um retorno depois de ter ido embora. O pai que acolhe o seu filho em casa está tão feliz porque este filho "estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado".⁸ A alegria imensa em receber de volta o filho perdido esconde a tristeza imensa experimentada antes. O achar tem atrás de si o perder, o regressar abriga sob seu manto a partida. Olhando para a volta carinhosa e cheia de alegria, tento pensar no gosto dos acontecimentos tristes que o precederam. Só quando me atrevo a me aprofundar no que significa deixar a casa posso entender realmente a volta. O tom suave, amarelo-castanho, da túnica do filho é bonito quando visto em harmonia com o vermelho do manto paterno, mas a verdade é que a roupa do filho está em frangalhos que denunciam a miséria de que

8. Lc 15,32.

ele vem. No contexto do abraço compassivo, nossa fragilidade pode parecer bela, mas nossa fragilidade não tem outra beleza senão aquela que vem da compaixão que a cerca.

Para bem entender o mistério da compaixão, tenho que olhar francamente para a realidade que a suscita. O fato é que muito antes de ir e vir, o filho partiu. Ele disse a seu pai: “Dá-me a parte da herança que me cabe”, depois ele reuniu tudo o que recebera e partiu. O evangelista Lucas conta tudo isso de maneira tão simples e direta que é difícil bem avaliar que o que está acontecendo aqui é um acontecimento inaudito, danoso, ofensivo, e em flagrante contradição aos hábitos mais respeitáveis da época. Kenneth Bailey, na sua explicação abrangente da história de Lucas, mostra que a maneira do filho partir é equivalente a desejar a morte de seu pai. Bailey escreve:

Por mais de quinze anos tenho perguntado a pessoas de diferentes camadas sociais do Marrocos à Índia e da Turquia ao Sudão sobre as implicações de um pedido como esse — do filho exigir sua herança enquanto seu pai ainda vive. A resposta tem sido sempre a mesma... a conversa se passa assim:

- Alguém na sua cidade já fez um pedido assim?
- Nunca!
- Seria possível alguém fazer um pedido semelhante?
- Impossível.
- Se alguém fizesse isso, o que aconteceria?
- Certamente seu pai o espancaria!
- Por que?
- O pedido significa: ele quer que o pai morra.⁹

9. Kenneth E. Bailey, *Poet and Peasant and Through Peasant Eyes: A Literary-Cultural Approach to the Parables* (Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans, 1983), 161-62.

Bailey explica que o filho pede não só a divisão da herança, mas também pede que possa dispor de sua parte. “Depois de passar os seus bens para o seu filho, o pai ainda tem o direito de viver do usufruto... enquanto ele viver. Aqui o filho mais moço recebe, e portanto se entende que tenha solicitado a concessão a que, de forma explícita, não tem direito até a morte de seu pai. A inferência de: ‘Pai, eu não posso esperar que morra’ fundamenta as duas solicitações.”¹⁰

O filho indo embora é, portanto, um ato muito mais grave do que parece à primeira vista. É uma rejeição cruel do lar no qual o filho nasceu e foi criado e uma ruptura com a mais preciosa tradição apoiada pela comunidade maior da qual ele faz parte. Quando Lucas escreve “partiu para uma região longínqua” ele se refere a muito mais do que ao desejo de um jovem de ver o mundo. Ele se refere a uma quebra drástica da maneira de viver, pensar e agir que recebeu como um legado sagrado através das gerações. Mais do que desrespeito, é uma traição aos valores cultuados pela família e pela comunidade. O país distante é o mundo no qual não se respeita o que em casa é considerado sagrado.

A explicação, para mim, é muito importante não só porque me dá uma compreensão exata da parábola no seu contexto histórico, mas também — e principalmente — porque me convida a reconhecer o filho mais jovem em mim mesmo. Em princípio parecia difícil descobrir na minha própria caminhada tal desafio. Não me considero como sendo capaz de menosprezar os valores que fazem parte da minha herança. Mas quando examino cuidadosamente as maneiras sutis pelas quais preferi o país longínquo à morada tão perto, o filho mais jovem de repente aparece. Falo aqui do “deixar a casa” espiritual — bem distinto do simples fato que passei a maior parte de minha vida fora de minha querida Holanda.

10. Kenneth E. Bailey, op. cit., 164.

Mais do que qualquer outra história no Evangelho, a parábola do *Filho Pródigo* retrata o infinito amor compassivo de Deus. E quando me coloco nessa história sob a luz do amor de Deus, fica claro que deixar a casa está muito mais próximo de minha vivência espiritual do que eu poderia pensar.

A pintura de Rembrandt do Pai acolhendo o filho tem pouco movimento. Em comparação com o seu desenho do *Filho Pródigo* de 1636 — cheio de ação, o pai correndo de encontro ao filho e o filho se jogando aos seus pés — a pintura do Hermitage, feita 30 anos mais tarde, é de total calmaria. O contato do pai com o filho é uma bênção perene; o filho descansando contra o peito do pai é uma paz inextinguível. Christian Tümpel escreve: “O momento de receber e perdoar na quietude da composição perdura para sempre. Os gestos do pai e do filho falam de alguma coisa que não se extingue, mas permanece, para sempre”.¹¹ Jakob Rosenberg resume a visão de maneira muito bela quando escreve: “O pai e o filho parecem exteriormente quase imóveis, mas intimamente estão muito emocionados... a história não é do amor humano de um pai terreno... o que é retratado aqui é o amor divino e a misericórdia capaz de transformar morte em vida”.¹²

Insensível à voz do amor

Deixar a casa é, portanto, muito mais do que um acontecimento histórico limitado a tempo e lugar. É negar a realidade espiritual de que pertencemos a Deus com todo o meu ser, que Deus me ampara num eterno abraço, que sou realmente moldado nas palmas das mãos de Deus e escondido nas suas sombras. Deixar a casa significa ignorar a

11. Christian Tümpel (com a colaboração de Astrid Tümpel), *Rembrandt* (Amsterdam: N.J.W. Becht-Amsterdam, 1986), 350. Tradução do Autor.

12. Jacob Rosenberg, op. cit., 231, 234.

verdade de que Deus me moldou “em segredo, tecido na terra mais profunda”.¹³ Deixar a casa é viver como se eu ainda não possuísse um lar e precisasse procurar muito à distância até encontrá-lo.

A casa é o centro do meu ser, onde posso ouvir a voz que diz: “Você é o meu Filho Amado, sobre você ponho todo o meu carinho” — a mesma voz que deu vida ao primeiro Adão e falou a Jesus, o segundo Adão; a mesma voz que fala a todos os filhos de Deus e que os liberta para viver no meio de um mundo sombrio embora permanecendo na luz.

Eu ouvi essa voz. Dirigiu-se a mim no passado e continua a falar agora. É a voz do amor que é eterno, perdura para sempre e se transforma em afeto quando ouvida. Quando a ouço, sei que estou em casa com Deus e nada tenho a temer. Como o Filho Amado de meu Pai celestial, “ainda que eu caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei.”¹⁴ Como o Bem-amado, posso “curar os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demônios.” Tendo recebido sem “qualquer ônus”, posso fazer “um dom gratuito”.¹⁵ Como Filho Amado, posso interpelar, consolar, admoestar e encorajar sem medo de ser rejeitado ou necessidade de afirmação. Como o Amado, posso sofrer perseguição sem desejo de vingança e receber cumprimentos sem precisar utilizá-los como prova de minha bondade. Como o Amado, posso ser torturado e morto sem duvidar que o amor que me é transmitido é mais forte do que a morte. Como o Amado, sou livre para viver e dar a vida, livre também para morrer enquanto a estou dando.

Jesus me mostrou claramente que posso também ouvir a mesma voz por ele ouvida no rio Jordão e no monte Tabor. Também me mostrou que, como ele, habito junto

13. Sl 139, 13-15.

14. Sl 23,4.

15. Mt 10,8.

do Pai. Orando ao Pai pelos discípulos, ele diz: “Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade. Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade”.¹⁶ Essas palavras revelam minha verdadeira morada, meu local de permanência, meu verdadeiro lar. A fé é a garantia de que ali eu habito e sempre habitarei. As mãos um tanto rígidas do Pai tocam os ombros do *Filho Pródigo* e abençoam com bênção divina, imorredoura. “Tu és o meu Amado, sobre ti ponho toda a minha complacência.”

Entretanto saí de casa muitas vezes. Deixei as mãos que abençoam e corri para lugares distantes em busca de amor. Esta é a grande tragédia de minha vida e da de muitos que encontro no caminho. De um modo tornei-me surdo à voz que me chama O Amado; deixei o único lugar onde posso ouvir essa voz e fui embora desesperado esperando poder encontrar alhures o que não mais encontrava em casa.

Em princípio isto parece simplesmente inacreditável. Por que deixaria eu o lugar onde posso ouvir tudo que preciso? Quanto mais penso nesse ponto, mais compreendo que a verdadeira voz do amor é muito suave e gentil, falando comigo nos lugares mais escondidos do meu ser. Não é rude, querendo se impor e pedindo atenção. É a voz de um pai quase cego que chorou muito e passou por muitas mortes. É a voz que somente pode ser ouvida por aqueles que se deixam ser tocados.

Sentir o toque das mãos bendizentes de Deus e ouvir a voz me chamando Amado são a mesma coisa. Isso ficou claro para o profeta Elias. Elias estava na montanha esperando encontrar o Senhor. Veio primeiro um furacão, mas Deus não estava naquele vento. Depois do vento a terra tremeu, mas o Senhor não estava naquele tremor. Seguiu-se um fogo, mas também o Senhor não estava no fogo.

16. Jo 17,16-19.

Finalmente, veio alguma coisa muito suave, uns diriam que seria uma brisa ligeira, outros, um murmúrio. Tendo Elias ouvido isto, cobriu o rosto com o manto porque sabia que Deus estava presente. Na sua doçura, a voz era o toque e o toque era a voz.¹⁷

Mas há muitas outras vozes, algumas em tom bem alto, cheias de promessas e atraentes. Dizem: “Vá e mostre que você vale alguma coisa”. Logo depois de Jesus ter ouvido a voz chamando-o de Amado, foi conduzido ao deserto para ouvir outros apelos. Disseram-lhe que se fosse bem-sucedido, popular e poderoso, seria também querido. Essas mesmas vozes não me são desconhecidas. Estão sempre presentes e sempre me atingem nos pontos em que questiono meu próprio valor e ponho em dúvida meu merecimento. Sugerem que não serei amado se não o conseguir através de trabalho árduo e muito esforço. Esperam que eu prove a outros e a mim mesmo que mereço ser amado e ficam me empurrando para que faça todo o possível para obter aprovação. Negam abertamente que o amor seja um dom inteiramente gratuito. Abandono o lar toda vez que deixo de crer na voz que me chama Amado e sigo outras que oferecem múltiplos caminhos para que eu encontre o amor que tanto procuro.

Quase a partir do momento que eu tive ouvidos para ouvir, ouvi esses chamados que ficaram comigo desde então. Foram transmitidos a mim por meus pais, amigos, professores, colegas, mas, acima de tudo, o foram e ainda o são através da mídia que me envolve. E dizem: “Mostre-me que você é legal. Procure ser melhor do que o seu amigo! Como foram as suas notas? Trate de passar na escola! Realmente espero que você consiga por você mesmo! Quem são seus amigos? Tem certeza de que quer ser amigo dessas pessoas? Esses troféus mostram que bom esportista você foi! Não deixem que o considerem fraco, vão se aproveitar de você! Já tomou as providências para

17. Veja I Rs 19,11-13.

quando envelhecer? Quando deixar de ser produtivo, as pessoas se afastarão. Quando você está morto, está morto!”.

Desde que eu fique em contato com a voz que me chama de Amado, essas questões e conselhos são bastante inofensivos. Pais, amigos e professores, mesmo aqueles que se dirigem a mim através da mídia, são em geral muito sinceros em suas preocupações. Seus conselhos e sugestões são bem-intencionados. Aliás, podem ser limitadas manifestações humanas de um amor divino ilimitado. Mas quando esqueço essa voz do primeiro amor incondicional, então essas sugestões pueris podem facilmente começar a reger minha existência e me levar ao “país distante”. Não é muito difícil para mim saber quando isto está acontecendo. Raiva, ressentimento, ciúme, desejo de vingança, luxúria, ganância, antagonismo e rivalidades são sinais inconfundíveis de que saí de casa. E isso acontece muito facilmente. Quando presto atenção ao que se passa na minha mente, momento a momento, chego à descoberta desagradável de que há poucos momentos durante o meu dia em que estou totalmente livre destas emoções sombrias, paixões e sentimentos.

Constantemente caindo numa velha armadilha, antes mesmo que eu me aperceba disso, descubro-me imaginando porque alguém me magoou, rejeitou-me ou não prestou atenção em mim. Sem me dar conta, vejo-me remoendo o sucesso de outros, minha própria solidão e a maneira pela qual o mundo se aproveita de mim. Apesar de minhas boas intenções, muitas vezes me pego sonhando em me tornar rico, poderoso e célebre. Todos esses exercícios mentais me mostram a fragilidade da minha fé e que sou o Bem-Amado sobre quem Deus põe toda a sua complacência. Eu tenho tanto medo de não ser amado, de ser culpado, posto de lado, superado, ignorado, perseguido e morto, que estou constantemente criando estratégias para me defender e conseqüentemente garantir o amor que acho que preciso e mereço. Assim fazendo, me distancio da casa de meu pai e escolho habitar um “país distante”.

Procurando onde não pode ser encontrado

De saída, aqui fica a questão: “A quem pertencço? A Deus ou ao mundo?”. Muitas das preocupações diárias sugerem que pertencço mais ao mundo do que a Deus. Qualquer crítica me deixa zangado e a menor rejeição me deprime. O menor elogio levanta meu espírito, um pequeno sucesso me anima. Bem pouco é necessário para me levantar ou me deixar por baixo. Frequentemente sou como uma embarcação num oceano, completamente ao sabor de suas ondas. O tempo e energia que consumo tentando manter o equilíbrio e evitando ser abatido e naufragar mostra que minha vida é uma luta pela sobrevivência. Não uma luta abençoada, mas um questionamento preocupado que resulta da idéia errada de que é o mundo que dá os meus parâmetros.

Enquanto eu ficar perguntando: “Você me ama? Você realmente me ama?”, eu confiro todo o poder às vozes do mundo e me coloco em situação de dependência porque o mundo está cheio de “ses”. O mundo diz: “Sim eu o amo *se* você é bonito, inteligente e rico. Eu amo “você” *se* você tem boa educação, bom emprego e bons relacionamentos. Amo você *se* você realiza muito, vende muito, compra muito”. Há “ses” sem número escondidos no amor do mundo. Esses “ses” me escravizam uma vez que é impossível responder adequadamente a todos eles. O amor do mundo é e será sempre condicional. Enquanto eu buscar o meu verdadeiro eu no mundo condicional, ficarei “preso” ao mundo, tentando, caindo e tentando novamente. É um mundo que leva à decadência, porque o que oferece não preenche o anseio mais íntimo do meu coração.

“Decadência” pode ser a melhor palavra para explicar o vazio que tão profundamente permeia a nossa sociedade contemporânea. Nossos hábitos fazem que nos apeguemos àquilo que o mundo chama de realização pessoal: acúmulo de fortuna e poder; obtenção de *status* e admira-

ção; consumo excessivo de comida e bebida, e satisfação sexual, sem fazer distinção entre concupiscência e amor. Esses hábitos criam expectativas que só podem deixar de satisfazer nossas verdadeiras necessidades. Enquanto cultuamos os valores mundanos, nossos hábitos levam-nos a indagações infrutíferas no “país distante”, fazendo com que nos defrontemos com decepções sem fim, ao mesmo tempo que dentro de nós sobra um vazio. Nesses dias em que aumentam as solicitações, peregrinamos longe da casa do Pai. A vida desregrada pode muito bem ser considerada uma vida vivida num “país distante”. É de lá que se origina o nosso clamor por libertação.

Sou o *Filho Pródigo* toda vez que busco amor incondicional onde não pode ser encontrado. Por que continuo a ignorar o lugar do amor verdadeiro e insisto em buscá-lo noutra parte? Por que volto a sair de casa onde sou chamado um filho de Deus? Um Amado de meu Pai? Fico constantemente surpreso, verificando como disponho dos dons recebidos de Deus — minha saúde, qualidades emocionais e intelectuais —; utilizo-os para impressionar as pessoas, receber aprovação e louvor, e competir por recompensa, em vez de desenvolvê-los para a glória de Deus. Sim, muitas vezes carrego-os para um “país distante” e coloco-os a serviço de um mundo oportunista que desconhece seu verdadeiro valor. É quase como se eu quisesse provar a mim mesmo e aos que me rodeiam que eu não necessito do amor de Deus, que posso subsistir por conta própria, que posso ser totalmente independente. Sob tudo isso, há a grande revolta, o “não” peremptório ao amor do Pai, a imprecisão não proferida: “eu gostaria que você estivesse morto”. O “Não” do *Filho Pródigo* reflete a revolta original de Adão: seu afastamento do Deus em cujo amor somos criados e do qual depende o nosso sustento. É a rebelião que me coloca fora do jardim, longe do alcance da árvore da vida. A insubordinação que faz com que me perca num “país distante”.

Olhando novamente a obra de Rembrandt que retrata *A Volta do Filho Pródigo*, vejo agora que o que ocorre

vai além de um gesto de compaixão por um filho que se perdera. O grande acontecimento que vejo é o fim de uma grande rebelião. A rebelião de Adão e de todos os seus descendentes é perdoada e a bênção pela qual Adão recebeu a vida imortal é restaurada. Parece-me que essas mãos estiveram sempre estendidas — mesmo quando não havia ombros sobre os quais descansá-las. Deus nunca abaixou os braços, jamais retirou sua bênção, nunca deixou de considerar seu filho como o Amado. Mas o Pai não podia forçar o filho a permanecer em casa. Não podia impor o seu amor ao seu Amado. Tinha que deixar que se fosse em liberdade embora sabendo a dor que isso causaria a ambos. Foi o próprio amor que o impediu de manter o filho em casa a qualquer preço. Foi ainda o amor que fez que deixasse o filho procurar o seu caminho, mesmo com o risco de perdê-lo.

Aqui o mistério da minha vida é revelado. Sou amado a tal ponto que tenho liberdade para abandonar a casa. A bênção existe desde o princípio. Deixei e deixo o lar muitas vezes, mas o Pai está sempre me buscando com braços estendidos para me receber de volta e de novo sussurrar aos meus ouvidos: “Tu és o meu Amado, sobre ti ponho todo o meu carinho”.

A volta do filho mais jovem

O filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou a sua herança numa vida devassa. E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome, e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para os seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: "Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou mais digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados". Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.

Estar perdido

O jovem abraçado e abençoado pelo pai é um homem pobre, muito pobre. Deixou a casa com orgulho e dinheiro, resolvido a viver sua própria vida longe de seu pai e da comunidade. Voltou sem nada, sem dinheiro, saúde, honra, amor próprio, reputação... tudo havia sido dissipado.

Rembrandt deixa pouca dúvida sobre sua condição. Sua cabeça está raspada. Não possui mais o cabelo comprido e encaracolado com o qual Rembrandt se retratou

como o *Filho Pródigo* no bordel, arrogante e soberbo. A cabeça é a de um prisioneiro cujo nome foi substituído por um número. Quando a cabeça de um homem é raspada, quer seja na prisão ou no exército, num trote a calouros ou num campo de concentração, ele é despojado de um dos seus traços de personalidade. As roupas com que Rembrandt o veste são roupas íntimas, que mal cobrem seu corpo emaciado. O pai e o homem alto que observa a cena usam amplos mantos carmim, que lhes conferem *status* e dignidade. O filho ajoelhado não tem agasalho. A roupa parda e em frangalhos mal cobre seu corpo cansado do qual toda a força se esvaiu. As solas dos pés narram a história de uma jornada longa e penosa. O pé esquerdo, por fora da sandália muito usada, está arranhado. O pé direito somente calçado numa sandália arrebitada, também aponta para sofrimento e miséria. Eis um homem despojado de tudo... a não ser de sua espada. O único sinal de dignidade que resta é a pequena espada presa ao seu quadril — emblema de sua nobreza. Mesmo em meio à sua degradação, ele se apegou ao fato de que ainda era o filho de seu pai. De outra forma ele teria vendido sua preciosa espada, símbolo de sua filiação. A espada está lá para me mostrar que, apesar de ter voltado como mendigo e pária, ele não havia esquecido que ainda era filho de seu pai. Foi esta filiação valiosa que, lembrada, persuadiu-o a voltar.

Vejo diante de mim um homem que se afundou numa terra estranha e perdeu tudo o que levou consigo. Vejo um vazio, humilhação e derrota. Ele, que era tão semelhante ao pai, agora está em pior situação que os empregados de seu pai. Tornou-se um escravo.

O que aconteceu com o filho no país distante? Além de todas as consequências físicas e materiais, quais foram as íntimas consequências do abandono do lar? A sequência de fatos é bem previsível. Quanto mais me distancio do lugar onde Deus habita, tanto mais incapaz me sinto de ouvir a voz que me chama O Amado; quanto menos ouço

aquela voz, mais enredado eu fico na manipulação e nas tramas de poder do mundo.

Acontece mais ou menos assim: fico em dúvida quanto à segurança do lar e observo outras pessoas que parecem estar melhor do que eu. Fico imaginando como fazer para chegar aonde estão. Esforço-me por ajudar, ter sucesso, ser reconhecido.

Quando falho, sinto ciúmes ou fico ressentido. Quando me saio bem, preocupa-me que outros vão ter ciúmes ou se sentirão melindrados. Torno-me desconfiado ou fico de espírito prevenido e com medo crescente de não conseguir o que tanto desejo ou perder o que já consegui. Preso neste emaranhado de necessidades e aspirações, eu não sei exatamente quais são as minhas motivações. Sinto-me atingido pelos circunstantes e não confio nas ações e pronunciamentos ao meu redor. Sempre prevenido, quero meu senso de liberdade e passo a dividir o mundo em dois grupos: os que são a meu favor ou contra mim. Indago se alguém realmente se incomoda. Fico procurando justificar a minha desconfiança. Onde quer que eu vá, eu os vejo e digo: “Não se pode confiar em ninguém”. E depois imagino se *alguém* alguma vez me amou de verdade. O mundo à minha volta se torna sombrio. Meu coração fica pesado. Meu corpo está cheio de tristezas. Minha vida perde sentido. Tornei-me um ser perdido.

O filho mais jovem ficou bem ciente de como estava perdido quando nenhum dos seus companheiros mostrou o menor interesse por ele. Só tomaram conhecimento da sua pessoa enquanto podia lhes ser útil. Mas não tendo mais dinheiro para gastar, ou presentes para dar, deixou de existir para eles. É difícil para mim imaginar o que significa ser totalmente estranho, alguém a quem ninguém dá a menor demonstração de apreço. A verdadeira solidão ocorre quando perdemos a sensação de ter algo em comum. Quando ninguém queria lhe dar o alimento que ele estava dando aos porcos, o filho mais jovem entendeu que não era ao menos considerado como um ser humano, como

um igual. Entendo um pouco o quanto eu dependo de alguma aprovação. A mesma formação, história, visão, religião e educação; amigos comuns, estilos de vida e hábitos; a mesma faixa de idade e profissão; tudo isto pode servir de base para aprovação. Cada vez que encontro alguém, sempre procuro alguma coisa que possamos ter em comum. Parece uma reação espontânea, normal. Quando digo “sou da Holanda”, a resposta freqüentemente é: “Ah, eu já estive lá” ou “eu tenho um amigo lá”, ou “OK, moinhos, tulipas e tamancos!”.

Qualquer que seja a reação, há sempre de ambos os lados a procura por um elo comum. Quanto menos afinidades temos, tanto mais difícil estar juntos e mais afastados nos sentimos. Quando não sei a língua e ignoro os costumes, quando não compreendo seu modo de vida e religião, seus rituais e sua arte e desconheço a comida e a maneira de se alimentar... então me sinto ainda mais alienado e perdido.

Quando o filho mais jovem não era mais considerado um ser humano pelas pessoas à sua volta, sentiu a profundidade de seu isolamento, a mais completa solidão que alguém pode sentir. Estava realmente perdido e foi essa noção de perda total que o chamou à realidade. Ficou em estado de choque se dando conta da absoluta insânia do seu comportamento, verificando, de repente, que estava a caminho da morte. Havia se desligado tanto do que dá a vida — família, amigos, comunidade, relacionamentos e mesmo alimentação — que a morte seria naturalmente o próximo passo. Viu instantaneamente e com nitidez o caminho que escolheu; compreendeu a sua opção pela morte; percebeu que um passo a mais naquela direção o levaria à autodestruição.

Naquele momento crítico, o que foi que fez com que optasse pela vida? Foi a redescoberta do seu mais profundo eu. }

O que quer que ele tivesse perdido, fosse dinheiro, amigos, reputação, amor próprio, alegria interior e paz — uma ou todas —, ele ainda continuou a ser o filho de seu pai. Então ele diz para si mesmo: “Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura e eu aqui, morrendo de fome. Vou-me embora, procurar meu Pai e dizer-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou mais digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados”. Com essas palavras no coração, ele pode voltar, deixar o país estranho e ir para casa.

O significado do retorno do filho mais jovem é concisamente expresso nas palavras: “Pai... não sou mais digno de ser chamado teu filho”. Ele compreende que deixou de ser digno de sua filiação, mas ao mesmo tempo compreende que ele é na verdade o *filho* detentor desse privilégio que pôs a perder.

A volta do filho mais jovem ocorre exatamente quando ele reivindica sua filiação, apesar de ter perdido toda a dignidade que esta lhe confere. Na verdade, é a perda de todos os seus bens que o faz chegar ao mais baixo nível de sua identidade. Ele atingiu os alicerces de sua filiação. Em retrospecto, parece que o *Filho Pródigo* tinha que perder tudo para entrar em contato com o seu ser. Quando percebeu que queria ser tratado como um dos porcos, entendeu que não era um porco, mas um ser humano, um filho de seu pai. A partir dessa compreensão é que optou por viver e não morrer. Uma vez que entrou novamente em contato com a realidade de sua filiação, ele podia ouvir — embora vagamente — a voz chamando-o de Amado e sentiu — embora à distância — o toque da bênção. Essa certeza e confiança no amor de Deus, mesmo que não muito precisa, deu-lhe força para reclamar os seus direitos de filho, apesar de desprovido de qualquer mérito.

Há alguns anos, passei por uma situação concreta de ter que tomar a decisão: voltar ou não. Uma amizade que

em princípio parecia promissora e benéfica aos poucos foi me levando para mais e mais longe; aos poucos eu me senti totalmente obcecado por ela. No sentido espiritual, encontrei-me esbanjando tudo o que eu recebera do meu pai para manter esse envolvimento. Não mais conseguia rezar. Perdera interesse pelo meu trabalho e achava cada vez mais difícil dar atenção aos problemas de outros. Mesmo reconhecendo que meus pensamentos e ações eram insustentáveis, era atraído pelo meu coração sedento de amor a formas ilusórias de conquistar um senso de auto-estima.

Finalmente, quando essa amizade terminou completamente, precisei optar por me autodestruir ou confiar que o amor que eu procurava de fato existia... lá em casa. Uma voz, embora parecendo fraca, sussurrou aos meus ouvidos que nenhum ser humano jamais conseguiria me dar o amor ao qual eu aspirava, nenhum relacionamento, pessoa alguma, nenhuma comunidade seria capaz de satisfazer às necessidades mais profundas do meu coração inconstante. Essa voz meiga e persistente falou comigo sobre a minha vocação, meus primeiros votos, os muitos dons que eu recebera na casa do meu pai. Essa voz me chamava “filho”.

A agonia do abandono doía tanto que era difícil, quase impossível acreditar naquela voz. Meus amigos, vendo o meu desespero, me estimulavam a vencer a angústia e a confiar que existia alguém esperando por mim em casa. Finalmente, optei por me refrear em vez de continuar esbanjando e me dirigi a um lugar onde eu pudesse estar só. Lá, na minha solidão, comecei a caminhar em direção à casa devagar e vacilante, ouvindo ainda mais claramente a voz que diz: “Você é o meu Bem-amado, sobre você recai todo o meu carinho”.

Esta experiência dolorosa, mas cheia de esperança, levou-me ao âmago da luta espiritual pela escolha certa. O Senhor diz: “Eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua

descendência, amando a Iahweh teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele".¹⁸ Realmente, é uma questão de vida ou morte. Aceitamos a repulsa do mundo que nos aprisiona ou buscamos a liberdade dos filhos de Deus? Precisamos escolher.

Judas traiu Jesus. Pedro o negou. Ambos foram filhos que se perderam. Judas, incapaz de se agarrar à verdade de que era filho de Deus, se enforcou. Em termos de *Filho Pródigo*, vendeu a espada de sua filiação. Pedro, no meio de seu desespero, lembrou-se dos seus direitos e voltou em lágrimas. Judas escolheu a morte. Pedro, a vida. Entendo que tal escolha está sempre diante de mim. Constantemente sinto-me tentado a chafurdar-me em minha miséria e a me desligar da graça, do meu lado humano recebido de Deus, da bênção fundamental, e portanto ensojar que as forças do mal vençam. Isso acontece mais e mais quando digo a mim mesmo: "Não sou bom. De nada sirvo. De nada valho. Ninguém me ama. Não sou ninguém". Há sempre inúmeros eventos e situações que posso relacionar para convencer a mim mesmo e a outros que a minha vida não vale a pena ser vivida, que sou somente um peso, um problema, uma fonte de conflito ou um aproveitador do tempo e energia de terceiros. Muita gente vive com esse conceito negativo de si mesmo. Contrastando com o *Filho Pródigo*, deixamos que a escuridão nos absorva tão amplamente que não reste nenhuma luz à qual possamos voltar e nos dirigir. É possível que fisicamente não se matem, mas espiritualmente deixaram de viver. Deixam de crer na sua origem divina e também, portanto, no seu Pai que lhes conferiu sua humanidade.

Mas quando Deus criou homem e mulher à sua própria imagem, "viu que era bom"¹⁹ e, apesar das vozes sinistras, nenhum homem ou mulher poderá jamais mudar isso.

18. Dt 30,19-20.

19. Gn 1,31.

A opção por minha própria filiação, entretanto, não é fácil. As vozes assustadoras do mundo circundante tentam me convencer de que não presto e que só posso ser bom se conseguir galgar a escada do sucesso. Essas vozes me levam a rapidamente esquecer a voz que me chama “meu filho, o Amado”, lembrando-me que sou amado independentemente de qualquer aplauso ou realização. Essas vozes sinistras afogam aquela voz gentil, meiga, cheia de luz que me chama “meu filho”, elas me arrastam para a periferia de minha existência e fazem-me duvidar que há um Deus amoroso à minha espera bem no centro do meu ser.

Mas deixar o país estrangeiro é somente o princípio. O caminho para casa é longo e difícil. O que fazer no percurso de volta ao Pai? É muito claro o que faz o *Filho Pródigo*. Ele prepara um cenário. Quando ele se volta, lembrando sua filiação, ele diz: “Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou mais digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados’”. À medida que leio estas palavras, fico ciente de como a minha vida íntima está cheia desse tipo de conversa. De fato poucas vezes não há em minha cabeça algum encontro imaginário no qual me explico, me vanglorio ou me desculpo, proclamo ou defendo, evocando louvor ou piedade. Parece que estou sempre envolvido em longos diálogos com interlocutores ausentes, antecipando suas perguntas e preparando minhas respostas. É surpreendente o desgaste emocional que envolve estas ruminções e resmungos. Sim, *estou* deixando o país estrangeiro. Sim, *estou* voltando para casa... mas, por que todo esse preparo de discursos que nunca serão proferidos?

A razão é clara. Apesar de reivindicar minha verdadeira identidade como filho de Deus, ainda vivo como se o Deus a quem retorno peça uma explicação. Ainda penso no seu amor como condicional e na morada como um lugar do qual não estou muito certo. Enquanto volto para

casa, alimento dúvidas sobre se serei bem recebido quando lá chegar. Quando contemplo a minha jornada espiritual, minha longa e cansativa viagem para casa, vejo como está cheia de culpa quanto ao passado e preocupações quanto ao futuro. Verifico meus erros e sei que perdi a dignidade de minha filiação, mas ainda não estou plenamente preparado para crer que, embora minhas faltas sejam muitas, “a graça é ainda maior”.²⁰ Ainda me apoiando no meu conceito de pouca valia, escolho para mim um lugar bem abaixo ao que pertence ao filho. Acreditar no perdão completo, absoluto, não ocorre prontamente. Minha experiência humana me diz que o perdão se resume na disposição do outro de desistir da vingança e de mostrar alguma caridade.

O longo caminho para casa

A Volta do Filho Pródigo está cheia de ambigüidades. Está viajando na direção certa, mas que confusão! Ele admite ser incapaz de fazer isso por conta própria e confessa que iria receber melhor tratamento como escravo na casa de seu pai do que como foragido num país estrangeiro, mas ainda está longe de confiar no amor do pai. Sabe que ainda é o filho, mas reconhece que perdeu a dignidade de modo que possa ser chamado “filho”; prepara-se para aceitar o *status* de “empregado” de modo que possa sobreviver. Há arrependimento, mas não um arrependimento à luz do amor imenso de um Senhor misericordioso. É um arrependimento que satisfaz ao próprio ego e permite sobreviver. Conheço muito bem esse modo de pensar e sentir. Equivale a dizer: “Bem, eu não poderia resolver sozinho, tenho de admitir que Deus é a única esperança que me resta. Irei a Ele e pedirei perdão, esperando que o castigo seja pequeno e eu possa sobreviver sob a condição de trabalhar duro. Deus continua a ser um Deus severo e

20. Cf. Rm 5,20.

juiz. É este Deus que me faz sentir culpado e temeroso, fazendo-me continuar procurando justificativas. Obediência a este Deus não nos dá a verdadeira liberdade, mas resulta em amargura e ressentimento.

Um dos grandes desafios da vida espiritual é o de receber o perdão de Deus. Há alguma coisa em nós humanos que faz que nos apeguemos aos nossos pecados e impede-nos de deixar Deus banir o nosso passado e nos oferecer um recomeçar inteiramente novo. Às vezes até parece que quero provar a Deus que a minha miséria é grande demais para que eu a supere. Embora Deus deseje me devolver a total dignidade da filiação, fico insistindo que me contentarei em ser o servo eventual. Mas será que desejo mesmo voltar a ter a responsabilidade de filho? Será que almejo ser completamente perdoado de modo que se torne possível começar uma nova vida? Será que confio em mim e numa regeneração total? Desejo me afastar da rebelião profunda contra Deus e me entregar inteiramente ao seu amor, de modo que uma nova criatura possa surgir? Receber o perdão exige uma absoluta aceitação para deixar Deus ser Deus e fazer toda a cura, restauração e reparos. Enquanto eu mesmo quiser fazer isso, só obtenho soluções parciais, como a de ser um empregado. Como tal, posso manter certa distância, revoltar-me, repudiar, fazer greve, ir embora ou me queixar do salário. Como o filho amado, devo exigir todo o respeito e começar a me preparar para ser o pai.

É claro que a distância entre dar a volta e chegar à casa deve ser percorrida com sabedoria e disciplina. A disciplina é a de se tornar um filho de Deus. Jesus aponta que o caminho para Deus é o mesmo que o para uma nova infância. “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus”.²¹ Jesus não pede que eu continue criança, mas que me transforme em criança. Tor-

21. Mt 18,3.

nar-me criança é viver à procura de uma segunda inocência, não a inocência de um recém-nascido, mas a candura a que se chega por opção consciente.

Como podem aqueles que chegaram a essa segunda inocência ser descritos? Jesus mostra isso claramente nas Bem-aventuranças. Logo após ter ouvido a voz que o chama de Bem-amado, e depois de rejeitar a voz de Satanás que o intima a provar ao mundo que ele é digno de ser amado, ele começa o seu ministério público. Um dos seus primeiros passos é o de convocar os discípulos para que o sigam e partilhem do seu ministério. Depois Jesus sobe à montanha, reúne os apóstolos ao seu redor e diz: “Bem-aventurados são os pobres, os mansos, aqueles que choram, os que têm fome e sede de justiça, os compassivos, os puros de coração, os que promovem a paz e aqueles que são perseguidos por causa da justiça”.

Essas palavras são a expressão do filho de Deus. São um auto-retrato de Jesus, o Filho Amado. É um retrato de como eu devo ser. As Bem-aventuranças me indicam o caminho mais simples para a volta à casa, o retorno à casa de meu Pai. E ao longo dessa jornada descobrirei as alegrias da segunda infância: conforto, misericórdia e até uma visão mais clara de Deus. E quando eu chegar à casa e sentir o abraço do meu Pai, compreenderei que não terei somente direito ao Céu, mas que também a terra será minha herança, um lugar onde poderei viver em liberdade, sem obsessões nem coações.

Tornar-se criança é viver as Bem-aventuranças e encontrar a porta estreita para o Reino. Rembrandt saberia disso? Não sei se a parábola leva-me a ver novos aspectos da pintura ou se a pintura me mostra novas facetas da parábola. Mas, contemplando a cabeça do menino que volta, posso ver retratada a segunda infância.

Lembro-me claramente de ter mostrado a pintura de Rembrandt a amigos e de perguntar-lhes o que viam. Uma delas, uma jovem, ficou de pé, caminhou até a reprodução

do *Filho Pródigo* e colocou a sua mão na cabeça do filho mais jovem. Disse, então: “Esta é a cabeça de um bebê que acaba de sair do útero materno. Veja, está ainda úmida e o rosto parece o de um feto”. Todos nós que estávamos ali vimos, de repente, a mesma coisa. Estaria Rembrandt retratando não somente a volta ao Pai, mas também a volta ao seio de Deus, que é Mãe e Pai ao mesmo tempo?

Até então eu pensava na cabeça raspada do jovem como na de um prisioneiro, ou na de alguém que tivesse vivido num campo de concentração. Eu havia visto aquele rosto como o rosto emaciado de um refém maltratado. E talvez tenha sido isso somente que Rembrandt quis expressar. Mas depois desse encontro com meus amigos, não consigo mais olhar o quadro sem que eu veja ali um bebê voltando ao útero materno. Isso me ajuda a compreender melhor o caminho que devo seguir de volta para casa.

Não é a criança pobre, meiga e pura de coração? Não chora a criança por qualquer dor que sinta? Não é a criança o intercessor faminto e sedento de justiça e a vítima final da perseguição? E o que dizer de Jesus, a Palavra de Deus feito carne, que se formou no útero de Maria durante nove meses, veio ao mundo como uma criança venerada por pastores da redondeza e por homens de terras longínquas? O Filho eterno tornou-se uma criança de modo a que eu pudesse voltar a ser criança e retornar com Ele ao Reino do Pai. “Em verdade, te digo”, disse Jesus a Nicodemos, “quem não nascer do alto, não pode ver o Reino de Deus”.²²

O verdadeiro filho pródigo

Abordo aqui o mistério de que o próprio Jesus tornou-se o *Filho Pródigo* por nossa causa. Deixou a casa de seu Pai celeste, veio a um país distante, desfez-se de tudo o

22. Jo 3,3.

que possuía, e através da cruz voltou à casa do Pai. Tudo isso ele fez não como filho rebelde, mas obediente, enviando para trazer de volta todos os filhos de Deus que se encontravam perdidos. Jesus que contou a história àqueles que o criticavam por se associar com pecadores viveu ele mesmo a longa e dolorosa jornada que descreve.

Quando comecei a refletir na parábola e na pintura de Rembrandt, nunca havia pensado no jovem cansado aparentando um recém-nascido, como Jesus. Mas agora, depois de muitas horas de íntima contemplação, sinto-me abençoado por essa visão. Não está o jovem alquebrado ajoelhado diante do pai, “O cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”?²³ Não é Ele a vítima inocente que se tornou pecado por nossa causa?²⁴ Não é Ele aquele que não se apoiou na sua igualdade com Deus, mas “tornou-se como um ser humano”?²⁵ Não é Ele o Filho de Deus sem pecado que exclamou na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste”?²⁶ Jesus é o *Filho Pródigo*, do Pródigo Pai, que dispendera tudo o que o Pai lhe havia dado de modo que eu pudesse me tornar como Ele e com Ele voltar à casa de seu Pai.

Ver Jesus, ele mesmo, como o *Filho Pródigo*, vai muito além da interpretação usual da parábola. Entretanto, essa visão encerra um grande segredo. Vou aos poucos descobrindo que isso significa que a minha filiação e a de Jesus são uma, que a minha volta e a de Jesus são uma, que a minha morada e a de Jesus são uma. Não há caminho para Deus fora daquele seguido por Jesus, aquele que narrou a história do *Filho Pródigo* é a Palavra de Deus através da qual todas as coisas vieram a existir.²⁷ “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” e nos tornou parte de sua plenitude.

23. Jo 1,29.

24. 2 Cor 5,21.

25. Cf. Fl 2,6-7.

26. Mt 27,46.

27. Cf. Jo 1,1-14.

Quando olho para a história do *Filho Pródigo* com os olhos da fé a “volta” se torna a volta do Filho de Deus que chamou a si todos os povos e os leva de volta a seu Pai celestial.²⁸ Como fala Paulo: “Pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da Terra e os dos céus”.²⁹

Frère Pierre Marie, o fundador da Fraternidade de Jerusalém, uma comunidade de monges vivendo na cidade, reflete sobre Jesus como o *Filho Pródigo* numa maneira bíblica e poética. Ele escreve:

“Ele, que é nascido não da espécie humana, do desejo ou da vontade da carne, mas do próprio Deus, um dia chamou a si tudo o que estava debaixo dos seus pés e partiu com sua herança, seu título de Filho e o preço do resgate. Partiu para um país distante... a terra longínqua... onde se tornou como são os seres humanos e esvaziou-se. O seu povo não o aceitou e seu primeiro berço foi um berço de palha! Como uma raiz num chão árido, cresceu diante de nós, foi desprezado, o mais ínfimo dos homens, diante de quem escondemos a nossa face. Bem cedo, ele conheceu o exílio, a hostilidade, a solidão... Depois de ter perdido tudo numa caminhada de total doação, seu valor, sua paz, sua luz, sua verdade, sua vida... todos os tesouros de conhecimento e sabedoria e o mistério escondido mantido secreto por tempos sem fim; depois de ter-se perdido entre os filhos transviados de Israel passando seu tempo com os doentes “e não com os afortunados”, com os pecadores “e não com os justos”, e até com as prostitutas a quem prometeu entrada no reino de seu Pai; depois de ter sido tratado como glutão e bêbado, como amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores, como um

. Cf. Jo 12,32.

. Cl 1,19-20.

Samaritano, um possesso, um blasfemo; depois de ter ofertado tudo, até o seu corpo e seu sangue, depois de ter sentido profunda tristeza, angústia e a alma dilacerada; depois de ter chegado ao limite do desespero tão bem expresso na cruz, onde o Pai o teria abandonado, distante da fonte de água viva, e de onde, crucificado, Ele exclama: “Tenho sede”. Desceu à mansão dos mortos, e então no terceiro dia, levantou-se das profundezas do inferno carregando os crimes de todos nós, nossos pecados, nossos sofrimentos. De pé, exclamou: “Sim, estou ascendendo ao meu Pai e ao seu Pai, ao meu Deus e ao seu Deus”. E subiu aos céus. Então, no silêncio, olhando para seu Filho, e todas as suas criaturas, uma vez que o Filho tinha se tornado tudo em todos, o Pai disse aos seus servos: “Depressa! Tragam a melhor veste e o cubram, ponham um anel em seus dedos e sandálias em seus pés, vamos comer e festejar! Porque os meus Filhos que, como vocês sabem, estavam mortos voltaram à vida; estavam perdidos e foram encontrados! Meu *Filho Pródigo* os trouxe todos de volta”. Eles todos começaram a festejar vestidos em seus trajes longos, que se tornaram imaculados no sangue do Cordeiro.³⁰

Olhando novamente para o *Filho Pródigo* de Rembrandt, vejo-o agora de modo diferente, vejo Jesus voltando ao seu Pai e ao meu Pai, seu Deus e meu Deus.

É pouco provável que Rembrandt tenha pensado dessa maneira sobre o *Filho Pródigo*. Essa compreensão não fazia parte das pregações e escritos de seu tempo. Entretanto, ver nesse jovem cansado e vencido o próprio Jesus nos traz muito conforto e consolação. O jovem que o pai abraça não é mais um pecador arrependido, mas toda a

30. Pierre Marie (Frère), “Les fils prodigues et le fils prodigue”, *Sources Vives* 13, Fraternidade de Jerusalém, Paris (março, 87), 87-93. Tradução do Autor.

humanidade voltando a Deus. O corpo dilacerado do *Filho Pródigo* se torna o corpo dilacerado de toda a humanidade, e a face do neonato que volta se torna a face de todos os que sofrem e almejam reentrar no paraíso perdido. Assim o quadro de Rembrandt deixa de retratar somente uma parábola comovente; torna-se o sumário da história de nossa salvação. A luz que ilumina tanto o Pai como o Filho fala agora da glória que aguarda os filhos de Deus. Faz lembrar das palavras mágicas de João: "... Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é".³¹

Mas nem a pintura de Rembrandt nem a parábola que ela representa nos deixa em êxtase. Quando vi a cena central do pai abraçando seu filho no pôster no escritório de Simone não tinha ainda tomado conhecimento dos quatro expectadores apreciando a cena. Mas agora conheço aqueles rostos em torno "da volta". São pelo menos enigmáticos, especialmente aquele homem alto à direita do quadro. Sim, há beleza, glória, salvação... mas também há os olhares críticos de observadores não comprometidos. Eles acrescentam uma nota repressiva à pintura e impedem qualquer possibilidade de uma solução rápida e romântica para o tema da reconciliação espiritual. A caminhada do filho mais jovem não pode ser separada da de seu irmão mais velho. Então é para ele que eu agora, um tanto temeroso, volto minha atenção.

parte II

O FILHO MAIS VELHO

Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: "É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde". Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu pai: "Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!"

Mas o Pai lhe disse: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!"

Rembrandt e o filho mais velho

Durante as minhas horas no Hermitage, olhando em silêncio para o *Filho Pródigo*, nunca duvidei que o homem de pé do lado direito do plano onde o pai abraça seu filho que volta era o filho mais velho. A maneira como ele se posiciona olhando para o gesto magnânimo da acolhida não deixa dúvida sobre quem Rembrandt quis retratar. Fiz muitas anotações descrevendo este observador distante e severo e enxerguei nele tudo o que Jesus nos diz sobre o filho mais velho.

Entretanto, a parábola deixa claro que o filho mais velho ainda não está em casa quando o pai abraça seu filho perdido e lhe mostra a sua compaixão. Ao contrário, a história relata que, quando o filho mais velho finalmente regressa à casa depois do trabalho, a festa de boas vindas para seu irmão está a todo o vapor.

Fico surpreso com que facilidade não percebi a discrepância entre a pintura de Rembrandt e a parábola, simplesmente assumindo que Rembrandt quis pintar ambos os irmãos numa mesma obra em que retrata o *Filho Pródigo*.

Quando voltei para casa e comecei a ler todos os estudos históricos sobre a pintura, depressa compreendi que muitos críticos estavam menos seguros quanto à identidade do homem de pé à direita. Alguns o descreviam como um homem velho, e alguns até questionavam se teria sido mesmo Rembrandt que o pintara.

Mas então um dia, já passado um ano de minha visita ao Hermitage, um amigo, Ivan Dyer, com quem eu falara muitas vezes sobre o meu interesse na pintura do *Filho Pródigo*, mandou-me uma cópia do estudo feito por Barbara Joan Haeger “O significado religioso da *Volta do Filho Pródigo de Rembrandt*”.³² Este trabalho brilhante, que coloca a pintura no contexto da tradição visual e iconográfica do tempo de Rembrandt, trouxe o filho mais velho de volta à cena.

Haeger mostra que, nos comentários bíblicos do tempo de Rembrandt, a parábola do fariseu e do cobrador de impostos e a parábola do *Filho Pródigo* estavam intimamente ligadas. Rembrandt segue a tradição. O homem sentado batendo no peito e olhando para o filho que volta é um servo representando os pecadores e cobradores de impostos, enquanto o homem de pé olhando para o pai de maneira enigmática é o filho mais velho representando os escribas e fariseus. Entretanto, colocando o filho mais velho na pintura como a testemunha mais importante, Rembrandt vai não somente além do sentido literal da palavra, mas também além da tradição da pintura do seu tempo. Assim, Rembrandt, como diz Haeger, “prende-se não à letra, mas ao espírito do texto bíblico”.³³

Os achados de Barbara Haeger representam muito mais que uma afirmação feliz da minha intuição inicial. Ajudam-me a ver *A Volta do Filho Pródigo* como um trabalho que resume a grande luta espiritual e as grandes escolhas que essa luta exige. Pintando não somente o filho mais jovem nos braços de seu Pai, mas também o filho mais velho que pode aceitar ou não o amor que lhe é oferecido, Rembrandt me apresenta o “drama interior da

32. Barbara Joan Haeger, “The Religious Significance of Rembrandt’s Return of the Prodigal Son: An Examination of the Picture in the Context of the Visual and Iconographic Tradition”. Ph.D. diss., University of Michigan (Ann Arbor, Mich.: University Microfilm International, 1983), 173.

33. Ibid., 178

alma”³⁴ — dele e meu também. Assim como a parábola do *Filho Pródigo* encerra o cerne da mensagem do Evangelho e chama os que a ouvem para que façam suas próprias escolhas diante dela, da mesma forma a pintura de Rembrandt encerra sua própria luta espiritual e convida os que a contemplam para que tomem uma decisão pessoal sobre suas vidas.

Assim, os espectadores no quadro de Rembrandt fazem com que a obra envolva os que a contemplam de maneira muito pessoal. No outono de 1983, quando vi o pôster mostrando a parte central da pintura, entendi imediatamente que fora chamado a fazer algo de pessoal. Agora que conheço melhor toda a pintura e também o significado da testemunha que se destaca à direita, estou mais do que nunca convencido do enorme desafio espiritual que este quadro representa.

Olhando para o filho mais moço e pensando na vida de Rembrandt, tornou-se evidente para mim que Rembrandt o deve ter entendido de maneira muito pessoal. Quando ele pintou *A Volta do Filho Pródigo*, tinha vivido uma vida marcada por uma grande autoconfiança, sucesso e fama, seguida de muitas perdas dolorosas, desapontamentos e fracassos. Através de tudo isso, ele caminhou da luz exterior para a interior, do retratar de fatos mundanos para o de significados profundos, de uma vida cheia de bens e pessoas para uma vida marcada por solidão e silêncio. Com a idade se tornou mais recolhido e tranqüilo. Foi uma volta espiritual.

Mas o filho mais velho é também parte da experiência da vida de Rembrandt, e muitos biógrafos modernos na verdade criticam a visão romântica de sua vida. Eles enfatizam que Rembrandt estava muito mais sujeito às exigências de seus patrocinadores e à sua necessidade de dinheiro do que em geral se acredita; que seus temas são muitas vezes resultantes da moda em vigor em seu tempo e

34. Ibid., 178.

não de visão espiritual, e que seus fracassos se devem tanto ao seu caráter farisaico e odioso quanto à falta de aceitação por parte daqueles com quem convivia.

Diversas biografias recentes vêem em Rembrandt muito mais um articulador interesseiro e calculista do que alguém à procura da verdade espiritual. As mesmas debatem que muitas de suas pinturas, apesar de belíssimas, são muito menos espirituais do que parecem. Minha reação inicial a esses estudos desmistificadores sobre Rembrandt foi de choque. Sobretudo a biografia de Gary Schwartz — que dá pouca margem a romantizar Rembrandt — fez-me imaginar se houve alguma vez “uma conversão”. É nítido, pelos estudos recentes do relacionamento de Rembrandt com seus patrocinadores, que encomendavam e compravam seus trabalhos, bem como sua família e amigos, que ele era uma pessoa de difícil convivência. Schwartz o descreve como “uma pessoa amarga e vingativa, que usava todas as armas, permitidas ou não, para atacar os que atravessavam seu caminho”.³⁵

De fato, Rembrandt era conhecido por muitas vezes agir de forma egoísta, arrogante e até vingativa. Isso se vê bem pela maneira como tratou Geertje Dircx, com quem viveu por seis anos. Ele usou o irmão de Geertje, a quem a própria Geertje dera uma procuração, para angariar testemunhas de seus vizinhos contra ela, de modo que pudesse ser enviada para um asilo de doentes mentais.³⁶ Consequentemente, Geertje foi internada. Quando mais tarde houve a possibilidade de ela sair, “Rembrandt contratou um agente para que conseguisse provas contra ela, de modo que permanecesse em cativeiro”.³⁷

35. Gary Schwartz, *Rembrandt: zign Leven, zign Schilderijen* (Maarsen, Netherlands: Uitgeverij Gary Schwartz, 1984), 362. Tradução do Autor.

36. Charles L. Mee, *Rembrandt's Portrait: A Biography* (New York: Simon and Schuster, 1988), 229.

37. Ibid.

Durante o ano de 1649, quando estes acontecimentos trágicos tiveram início, Rembrandt ficou tão esgotado que nada conseguiu produzir. Neste ponto, um outro Rembrandt surge, alguém submerso em amargura e desejo de vingança, capaz de traição.

É difícil encarar este Rembrandt. Não é tão difícil simpatizar com um tipo sensual que cede aos prazeres hedonistas do mundo, depois se arrepende, volta para casa e se torna alguém com muita espiritualidade. Mas apreciar um homem com ressentimentos profundos, que perde muito do seu precioso tempo em processos corriqueiros e está constantemente se indispondo com terceiros em face do seu modo arrogante, é muito mais difícil. Entretanto, ao que eu saiba, isso também é um aspecto de sua vida; um aspecto que não posso ignorar.

Rembrandt é tanto o filho mais velho quanto o mais novo da parábola. Quando, durante os últimos anos de sua vida, ele pintou ambos os filhos na sua *Volta do Filho Pródigo*, ele tinha vivido uma vida em que não ignorava nem os desatinos do filho mais moço nem os desacertos do filho mais velho. Ambos precisavam de cura e de perdão. Ambos precisavam voltar para casa. Ambos queriam muito o abraço do Pai que perdoa. Mas, tanto da história, como do quadro de Rembrandt, depreende-se que a conversão mais difícil de se obter é a daquele que permanece em casa.

O filho mais velho parte

Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: "É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde." Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu Pai: "Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só de teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!"

De pé com as mãos entrelaçadas

Durante as horas em que estive no Hermitage olhando para o quadro de Rembrandt, fui aos poucos me sentindo fascinado pela figura do filho mais velho. Lembro-me de olhar para ele por longo tempo e imaginar o que estaria se passando na cabeça e no coração desse homem. Ele é, sem dúvida alguma, o principal observador da volta do filho mais jovem. Quando eu conhecia somente o fragmento da pintura na qual o pai abraça seu filho que volta era muito fácil reconhecê-lo como convidativo, comovente e tranquilizador. Mas quando vi todo o quadro logo per-

cebi a complexidade do encontro. O principal espectador, observando o pai abraçando o filho que volta, parece muito afastado. Ele olha para o pai mas sem alegria. Ele não se aproxima, não sorri nem expressa boas-vindas. Ele simplesmente fica lá, ao lado do estrado, aparentemente não querendo sobressair.

É verdade que a *Volta* é o principal acontecimento da pintura; entretanto, não está situada no centro da tela. Ocorre do lado esquerdo da pintura, enquanto do lado direito predomina a figura austera do filho mais velho. Há um espaço grande separando o pai do filho mais velho, um espaço que cria uma tensão que precisa ser resolvida.

Com o filho mais velho na pintura, não é mais possível sentimentalizar a “Volta”. O principal observador mantém distância, aparentemente não querendo participar das boas-vindas do pai. O que se passa na cabeça desse homem? O que irá ele fazer? Chegará mais perto e abraçará seu irmão como fez seu pai, ou irá embora com raiva e aversão?

Desde que meu amigo Bart falou que posso ser muito mais como o filho mais velho do que como o filho mais moço, tenho observado esse “homem à direita” com maior cuidado e tenho visto muito mais coisas novas e difíceis. A maneira como o filho mais velho foi pintado por Rembrandt retrata-o um tanto como seu pai. Ambos têm barba e usam largos mantos vermelhos sobre seus ombros. Estes sinais externos sugerem que ele e seu pai têm muito em comum e essa semelhança é sublinhada pela luz que incide sobre o filho mais velho — o que faz que haja uma ligação direta da sua face com a face iluminada do pai.

Mas que diferença dolorosa entre os dois! O pai se inclina sobre o filho que volta. O filho mais velho, ereto, fica ainda mais firme na sua postura porque se apóia numa vara que alcança o chão. A capa do pai é larga e acolhedora; a do filho cai rente ao corpo. As mãos do pai estão abertas e tocam o filho que volta numa atitude de bênção; as do filho estão entrelaçadas e se mantêm junto ao peito.

Há luz em ambas as faces, mas a luz do rosto do Pai flui por todo o corpo — especialmente as mãos — e envolve o filho mais jovem num grande halo de tépida luminosidade, enquanto a luz no rosto do filho mais velho é fria e contrita. Sua figura permanece no escuro e suas mãos entrelaçadas continuam nas sombras.

A parábola que Rembrandt pintou poderia ter se chamado “A Parábola dos Filhos Perdidos”. Não só se perdeu o filho mais moço que saiu de casa e foi a um país distante, à procura de liberdade e prazer, mas o que ficou em casa também se tornou um homem perdido. Externamente fez todas as coisas que um bom filho deve fazer, mas, no íntimo, se afastou bastante do seu pai. Ele cumpriu o seu dever, trabalhou duro todos os dias e deu conta de suas obrigações, mas se tornou mais e mais infeliz e cativo.

Perdido em ressentimento

É difícil para mim admitir que este homem ressentido, amargo e raivoso esteja espiritualmente mais perto de mim do que o sensual filho mais jovem. Entretanto, quanto mais penso no filho mais velho, mais me vejo nele. Como o filho mais velho na minha própria família, sei bem como é ter de ser um filho modelo.

Muitas vezes imagino se não são especialmente os filhos mais velhos que querem corresponder às expectativas de seus pais e ser considerados obedientes e exemplares. Muitas vezes querem agradar. Muitas vezes receiam desapontar seus pais. Mas muitas vezes experimentam, bem cedo na vida, uma certa inveja relativamente a seus irmãos e irmãs mais jovens, que parecem se preocupar menos em agradar e estão muito mais à vontade para “viver sua própria vida”. Para mim certamente foi assim. E sempre alimentei uma estranha curiosidade pela vida de rebeldia que eu não ousara viver, mas que outros, ao meu redor,

viviam. Fiz tudo de maneira correta, principalmente atendendo aos compromissos agendados por muitas figuras paternas na minha vida — professores, diretores espirituais, bispos, papas — mas, ao mesmo tempo, muitas vezes me perguntei porque não tive coragem de ir embora como fez o filho mais jovem.

É estranho dizer isso, mas, no fundo do meu coração, tenho tido um sentimento de inveja em relação ao filho rebelde. É a emoção que desperta quando vejo meus amigos se divertindo, fazendo toda sorte de coisas que condeno. Eu classifiquei seu comportamento como impróprio e mesmo imoral, mas ao mesmo tempo muitas vezes me perguntei porque eu não tinha coragem de, pelo menos em parte, fazer a mesma coisa.

A vida regrada e correta de que tanto me orgulho ou pela qual sou elogiado se torna, algumas vezes, como um peso que foi colocado nos meus ombros e continua a me incomodar, mesmo quando já a aceitei de tal maneira que não dá para mudar. Não tenho dificuldade em me identificar com o filho mais velho da parábola, que se queixava: “Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só de teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos”. Nesta queixa, obediência e dever se tornaram um peso e o trabalho, uma escravidão.

Tudo isso se tornou muito real para mim quando um amigo, que recentemente se convertera ao cristianismo, criticou-me por não orar bastante. Sua crítica me deixou muito zangado. Disse a mim mesmo: “Como ele se atreve a me dar lições sobre a oração! Por anos ele viveu uma vida desregrada, sem disciplina, enquanto eu desde criança tenho estado estritamente dentro da fé. Agora ele se converteu e começa a me dizer como me comportar!”. Esse ressentimento íntimo me mostra como estou “perdido”. Fiquei em casa e não me afastei, mas não vivi uma vida com liberdade na casa de meu pai. Minha zanga e inveja mostraram-me minha própria sujeição.

Isso não é exclusividade minha. Há muitos filhos e filhas mais velhos que estão perdidos enquanto ainda em casa. É esta derrota — caracterizada por julgamento e condenação, raiva e ressentimento, amargura e ciúme — que é tão perniciosa e prejudicial ao coração humano. Muitas vezes pensamos em derrota em termos de ações que são facilmente identificáveis, até espetaculares. O filho mais jovem pecou de maneira que é facilmente reconhecível. O seu desatino é óbvio. Ele empregou mal o seu dinheiro, tempo, amigos, seu próprio corpo. O que fez foi errado; não só sua família e amigos sabiam disso, mas ele mesmo. Ele se rebelou contra a moral e deixou-se seduzir pela sua própria concupiscência e ganância. Há algo claramente definido a respeito de sua má conduta. Depois, tendo visto que esse procedimento errado não levava senão à miséria, o filho mais jovem recobrou o bom senso, deu a volta e pediu perdão. Temos aqui uma falha humana clássica, com uma decisão acertada. Fácil de entender e fácil de aceitar.

O desacerto do filho mais velho, entretanto, é mais difícil de identificar. Afinal de contas, ele fez tudo o que devia. Foi obediente, cumpridor de suas obrigações, respeitador das leis e trabalhador. As pessoas o respeitavam, admiravam-no, elogiavam-no e consideravam-no, igualmente, um filho modelo. Aparentemente, o filho mais velho era sem defeitos. Mas quando se defronta com a alegria do pai pelo filho que volta, surge uma onda de revolta que explode, chegando à superfície. De repente, aparece ali nitidamente visível uma pessoa ressentida, orgulhosa, má, egoísta; alguém que permaneceu profundamente escondido apesar de estar crescendo e se fortalecendo ao longo dos anos.

Olhando bem para mim, e depois à minha volta, para as vidas de outros, pergunto o que causa mais dano: luxúria ou ressentimento. Há tanto ressentimento entre os “justos” e os “corretos”. Há tanto julgamento, condena-

ção e preconceito entre os “santos”. Há tanta raiva contida entre as pessoas que são muito preocupadas em evitar “o pecado”.

É difícil avaliar o desatino do “santo” ressentido, precisamente porque está tão intimamente ligado ao desejo de ser bom e virtuoso. Sei, por experiência própria, como me esforcei para ser bom, aceito, aprovado e um exemplo que valesse para os outros. Havia sempre o esforço consciente de evitar as armadilhas do pecado e o medo constante de ceder à tentação. Mas com tudo isso, havia uma seriedade, uma intensidade moral e até um pouco de fanatismo, que fizera com que fosse mais e mais difícil me sentir à vontade na casa de meu pai. Tornei-me menos livre, menos espontâneo, menos brincalhão e os outros começaram a cada vez mais me ver como alguém um tanto “pesado”.

Sem alegria

Quando ouço as palavras com as quais o filho mais velho agride seu pai — justificando-se e pedindo reconhecimento, palavras ciumentas — ouço uma queixa mais profunda. É a que vem do coração que acha que nunca recebeu o que lhe era devido. É a queixa expressa de inúmeras maneiras, sutis ou não, formando uma montanha de ressentimento. É a queixa que brada: “Esforcei-me tanto, trabalhei por tanto tempo, fiz o possível e mesmo assim não recebi o que outros recebem tão facilmente. Por que as pessoas não me agradecem, não me convidam, não brincam comigo, não me consideram, enquanto prestam tanta atenção àqueles que levam a vida de maneira trivial e leviana?”.

É nessa queixa declarada ou não que reconheço o filho mais velho em mim. Muitas vezes me surpreendi reclamando de pequenas rejeições, pequenas indelicadezas, pequenas negligências. Volta e meia há dentro de mim

murmúrios, lamentos, resmungos, queixas que continuam mesmo contra minha vontade. Quanto mais discorro sobre o assunto em questão, tanto mais se agrava meu estado. Quanto mais me aprofundo na matéria, tanto mais se complica. Essa queixa íntima é sombria e pesada. Condenação de outros, condenação própria, justificativas e arrependimentos vão se fortalecendo de maneira cada vez mais prejudicial. Cada vez que me deixo levar por isso, entro num espiral de auto-rejeição. À medida que deixo-me arrastar ao interior do vasto labirinto das minhas queixas, fico mais e mais perdido, até que, no fim, acabo me achando a pessoa mais incompreendida, rejeitada, negligenciada e desprezada deste mundo.

De uma coisa estou certo: queixar-se é contraprodcente e nocivo. Quando expresso minhas queixas com o intento de merecer simpatia e receber a satisfação que tanto desejo, o resultado é sempre o oposto do que eu queria obter. Alguém que reclama é alguém difícil de conviver e poucas pessoas sabem como responder às queixas feitas por alguém que se rejeita. O trágico é que muitas vezes, uma vez expressa, a lamúria leva ao que mais se queria evitar: um afastamento maior.

Desse ponto de vista é muito compreensível a incapacidade do filho mais velho de partilhar da alegria de seu pai. Quando ele chegou em casa, vindo do trabalho, ouviu música e danças. Percebeu que havia alegria na casa. Imediatamente, suspeitou do que estava acontecendo. Uma vez que assumimos essa atitude de desconfiança, deixamos de ser espontâneos ao ponto que nem mesmo a alegria pode despertar alegria.

A história diz: “Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo”. Há o medo de que eu tenha sido excluído novamente, que alguém não tenha me contado o que estava se passando, que eu tenha sido mantido à margem dos acontecimentos. A dúvida retorna imediatamente: “Por que não fui informado, o que está acontecendo?”. O servo, sem suspeitar, excitado e ansioso para dar

a boa nova, explica: “É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde”. Mas essa manifestação de alegria não pode ser recebida. Em vez de alívio e gratidão, a alegria do servo leva ao oposto: “Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar”. A alegria e o ressentimento não podem coexistir. A música e as danças, em vez de convidar ao festejo, tornaram-se causa para um ainda maior afastamento.

Tenho nítida lembrança de uma situação semelhante. Uma vez, quando me sentia muito só, convidei um amigo para sair. Apesar ter respondido que não tinha tempo, encontrei-o pouco mais tarde na casa de um amigo comum onde havia uma festa. Ao me ver ele disse: “Bem-vindo, junte-se a nós, que bom ver você!”. Mas minha raiva foi tão grande por não ter sido informado da festa que não pude ficar. Todas as minhas queixas íntimas sobre não ser aceito, apreciado e amado vieram à tona; deixei a sala batendo a porta atrás de mim. Sentia-me totalmente atingido — incapaz de receber e poder participar da alegria que havia ali. Num momento, a alegria naquela sala tornara-se uma fonte de ressentimento.

Essa experiência de não poder partilhar da alegria é a experiência de um coração ressentido. O filho mais velho não podia entrar na casa e partilhar da alegria do seu pai. Sua mágoa íntima o paralisava e o deixava taciturno.

Rembrandt entendeu o sentido profundo de tudo isso quando ele pintou o filho mais velho ao lado do estrado em que o filho mais jovem é recebido na alegria do pai. Ele não descreve a comemoração com música e dançarinos; eram meros sinais exteriores do contentamento do pai. A única indicação de que é uma festa é o realce dado a um tocador de flauta esculpido na parede na qual se apóia uma das mulheres (a mãe do *Filho Pródigo*?). Em lugar de uma festa, Rembrandt pintou luz, a luz radiosa que envolve tanto o pai como o filho. A alegria que Rembrandt retrata é a alegria tranqüila que pertence à casa de Deus.

Na parábola é possível imaginar o filho mais velho do lado de fora, no escuro, não desejando entrar na casa iluminada e cheia de ruídos de festa. Mas Rembrandt não pinta nem a casa nem os campos. Ele retrata tudo com claro e escuro. O abraço do pai, cheio de luz, é a casa de Deus. Lá estão as músicas e as danças. O filho mais velho fica fora do círculo desse amor, recusando-se a entrar. A luz sobre seu rosto mostra que ele também é chamado à luz, mas não pode ser forçado.

Às vezes as pessoas se perguntam: O que aconteceu com o filho mais velho? Ele se deixou persuadir pelo pai? Entrou, finalmente, e participou dos festejos? Abraçou seu irmão e lhe desejou as boas-vindas como seu pai havia feito? Sentou-se à mesa com o pai e o filho e partilhou com eles da refeição festiva?

Nem a pintura de Rembrandt nem a parábola que ela retrata falam da decisão final do filho mais velho de maneira que permita que ele possa ser encontrado. Será que o filho mais velho é capaz de reconhecer que ele também é um pecador que precisa ser perdoado? Será que ele está disposto a admitir não ser melhor do que seu irmão?

Estou só diante destas questões. Do mesmo modo como não sei como o filho mais jovem aceitou a comemoração ou como passou a viver com o pai depois de sua volta, também não sei se o filho mais velho se reconciliou com seu irmão, com seu pai, ou com ele mesmo. O que conheço, com certeza plena, é o coração do pai. É um coração capaz de compaixão sem limites.

Uma questão não resolvida

Diferentemente de um conto de fadas, a parábola não sugere um final feliz. Ao contrário, deixa-nos face a face com uma das mais difíceis escolhas espirituais: confiar ou não no amor todo misericordioso de Deus. Sou eu somente que posso fazer essa escolha. Em resposta à quei-

xa “Este homem acolhe os pecadores e senta-se à mesa com eles”, Jesus enfrentou os fariseus e os escribas não somente com *A Volta do Filho Pródigo*, mas também com a volta do filho mais velho, ressentido. Deve ter sido um choque para essas pessoas religiosas obedientes às leis. Elas tinham que encarar sua própria queixa e decidir como teriam que reagir ao amor de Deus pelos pecadores. Seriam elas capazes de se juntar a eles à mesa como fez Jesus? Era e ainda é um verdadeiro desafio: para elas, para mim, para qualquer pessoa possuída de ressentimento e tentada a levar a vida de maneira queixosa.

Quanto mais penso no filho mais velho contido no meu próprio eu, mais compreendo quão enraizada está essa fraqueza e como será difícil voltar para casa a partir daí. Parece muito mais simples voltar para casa depois de uma aventura sexual do que depois de um sentimento de raiva que reside no mais profundo do meu ser. Não é fácil distinguir o meu ressentimento e administrá-lo de maneira sensata.

É muito mais nocivo: existe alguma coisa junto à minha virtude como a outra face da moeda. Não é bom ser obediente, respeitoso, observador das leis, trabalhador e capaz de sacrifício? E no entanto parece que meus ressentimentos e queixas estão misteriosamente ligados a essas mesmas atitudes merecedoras de elogios. Essa ligação muitas vezes faz que me desespere. No mesmo momento que quero falar ou agir com maior generosidade, sinto-me envolvido por raiva e ressentimento. E também parece que exatamente quando quero ser realmente altruísta, sinto, de forma obsessiva, necessidade de amor. Exatamente quando faço o possível para desempenhar bem uma tarefa, pergunto-me por que outros não se doam como eu. Quando penso ser capaz de superar minhas tentações, sinto inveja daqueles que sucumbiram às suas. Parece que onde quer que se encontre meu lado virtuoso, aí também existirá sempre um queixoso ressentido.

Aqui eu me defronto com minha verdadeira pobreza. Sinto-me totalmente incapaz de extirpar meus ressentimentos. Estão tão profundamente encravados na textura do meu ser interior que arrancá-los parece algo como uma autodestruição. Como me livrar deles sem arrancar as virtudes também?

Será que o filho mais velho que existe em mim pode voltar para casa? Posso eu ser encontrado como o filho mais jovem foi encontrado? Como posso voltar quando estou perdido em ressentimento, apanhado em cenas de ciúmes, prisioneiro da obediência e do dever que escraviza? Fica claro que só por mim mesmo não posso me encontrar. É mais assustador ter de me curar como o filho mais velho do que como o filho mais moço. Em face de me sentir incapaz de auto-redenção, agora entendo as palavras de Jesus a Nicodemos: “Não te admires de eu haver dito: deveis nascer do alto”.³⁸ Certamente alguma coisa tem de acontecer pela qual eu não seja responsável. Não posso renascer em condição inferior, isto é, com minha própria força, minha própria mente, minha visão psicológica. Não há dúvida em minha mente sobre isto porque no passado me esforcei para superar as minhas queixas e falhei... e falhei... e falhei, até que cheguei à beira de total colapso emocional e até mesmo de exaustão física. Só do alto pode vir a minha cura, de onde Deus se debruça. O que não é possível para mim é possível para Deus. “Com Deus, tudo é possível.”

38. Jo 3,7.

A volta do filho mais velho

O filho mais velho... ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe...

O Pai disse: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado".

Uma conversão possível

O pai não deseja somente a volta do filho mais jovem, mas também a do mais velho. O mais velho também precisa ser encontrado e conduzido de volta à casa da alegria. Responderá ele ao apelo de seu pai ou ficará emperrado em sua amargura? Rembrandt também deixa a decisão final do filho mais velho aberta a questionamento. Barbara Joan Haeger escreve: "Rembrandt não revela se ele vê a luz. Como ele não condena francamente o irmão mais velho, Rembrandt sugere a esperança de que ele também se dará conta de que é pecador... a interpretação de como o filho mais velho reage é deixada ao observador".³⁹

O término não conclusivo da história e a pintura de Rembrandt deixam-me com muito trabalho espiritual a realizar. Quando olho para a face iluminada do filho mais velho e, em seguida, para suas mãos escurecidas, sinto não

39. Haeger, op. cit., 185-86.

somente sua sujeição, mas também a possibilidade de se libertar. Esta não é uma história que separa os dois irmãos — o bom e o mau. Somente o pai é bom. Ele ama ambos os filhos. Ele corre ao encontro de ambos. Ele quer que os dois se sentem à sua mesa e participem de sua felicidade. O filho mais jovem se deixa abraçar num abraço de perdão. O mais velho fica para trás, olha para o gesto compassivo do pai, e não pode ainda esquecer a sua raiva e deixar que o pai o cure também.

O amor do Pai não se impõe aos seus queridos. Embora ele deseje sanear todos os nossos cantos escuros, somos ainda livres para fazer nossa escolha — se queremos permanecer nas trevas ou penetrar na luz do amor de Deus. Deus está lá. A luz de Deus está lá. O perdão de Deus está lá. O amor de Deus sem limites está lá. O que é claro é que Deus está sempre pronto a dar e a perdoar, não dependendo absolutamente de nossa resposta. O amor de Deus não depende de nosso arrependimento ou de nossas mudanças internas ou externas. Quer eu seja o filho mais jovem ou o mais velho, o único desejo de Deus é o de me fazer voltar para casa. Arthur Freeman escreve:

O pai ama cada filho e dá a cada um a liberdade para ser o que puder, mas não pode lhes dar a liberdade que eles não aceitem ou entendam convenientemente. O pai parece compreender, além dos costumes de seu meio social, a necessidade de seus filhos de serem eles mesmos. Mas ele também conhece a sua carência por seu amor e por um “lar”. Como suas histórias irão terminar cabe a eles decidir. O fato de que a parábola não tem um fecho indica certamente que o amor do pai não depende de um final adequado da história. O amor do pai só dele depende e continua parte do seu caráter. Como diz Shakespeare em um dos seus sonetos: “Amar não é o amor que se altera quando alteração encontra”.⁴⁰

40. Arthur Freeman, “The Parable of the Prodigal”, manuscrito não-publicado.

Para mim, pessoalmente, a possível conversão do filho mais velho é de importância crucial. Tenho muitas das características do grupo que Jesus mais critica: os fariseus e os escribas. Estudei os livros, conheci as leis e muitas vezes me apresentei como uma autoridade em assuntos religiosos. As pessoas têm me demonstrado muito respeito e até me chamado de “reverendo”. Tenho recebido cumprimentos e louvor, dinheiro e prêmios e muitos aplausos. Tenho criticado diversas formas de comportamento e muitas vezes condenado.

Assim quando Jesus narra a parábola do *Filho Pródigo*, tenho de escutá-la. Reconheço que estou mais perto daqueles que provocaram que Jesus contasse a história, fazendo o seguinte comentário: “Este homem acolhe os pecadores e senta-se à mesa com eles”. Há alguma chance de que eu volte ao Pai e me sinta bem-vindo em sua casa? Ou estou tão enrodilhado nas minhas prerrogativas que estou destinado, contra a minha vontade, a ficar do lado de fora, atolado em raiva e ressentimento?

Jesus diz: “Bem-aventurados vós, os pobres... Bem-aventurados vós, que agora tendes fome... Bem-aventurados vós, que agora chorais...”,⁴¹ mas eu não sou pobre, faminto, nem choro. Jesus diz: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas (do reino) aos sábios e entendidos”.⁴² É a estes, aos eruditos e aos perspicazes, que eu nitidamente pertencço. Jesus mostra franca preferência por aqueles que são marginalizados pela sociedade — os pobres, os doentes e os pecadores — mas eu, certamente, não sou marginalizado. A pergunta dolorosa que, do Evangelho, surge para mim, é: “Será que já tive a minha recompensa?”. Jesus reprova muito aqueles que “gostam de fazer oração pondo-se em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos homens”.⁴³ Referindo-se a eles, ele diz: “Em verdade vos digo: já rece-

41. Lc 6,20-21.

42. Lc 10,21.

43. Mt 6,5.

beram a sua recompensa”.⁴⁴ Com tudo o que já escrevi e preguei sobre a oração e com toda a publicidade de que gozo, não posso deixar de imaginar se essas palavras não são dirigidas a mim.

Certamente são, mas a história do filho mais velho coloca estas perguntas angustiantes debaixo de uma nova luz, deixando claro que Deus não ama o filho mais jovem mais do que o filho mais velho. Na história o pai se dirige ao filho mais velho da mesma maneira que se dirigiu ao mais moço, convida-o a entrar e diz: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”.

Essas são as palavras a que devo prestar atenção e permitir que penetrem bem fundo no meu ser. Deus me chama “meu filho”. O vocábulo grego para filho que Lucas emprega aqui é *teknon*, “uma maneira afetuosa de falar”,⁴⁵ como Joseph A. Fitzmyer diz. Traduzindo literalmente, o que o pai diz é “criança”.

Esta abordagem afetuosa fica ainda mais clara nas palavras que se seguem. A recriminação áspera e amarga do filho não é recebida de modo a julgá-lo. Não há recriminação ou denúncia. O pai não se defende ou sequer comenta o comportamento do filho mais velho. O pai se coloca diretamente acima de todas as considerações para enfatizar sua ligação muito íntima com o seu filho quando diz: “Tu estás sempre comigo”. A declaração do Pai de amor irrestrito elimina qualquer possibilidade de que o filho mais jovem seja mais amado do que o mais velho. O mais velho nunca deixou a casa. O pai dividiu tudo com ele. Fez dele parte da sua rotina diária, nada dele escondendo. “Tudo o que tenho é teu”, ele diz. Não pode haver pronunciamento mais claro do amor ilimitado do pai pelo seu filho mais velho. Assim, o amor sem reservas, ilimitado, é oferecido inteiramente e igualmente a ambos os filhos.

44. Mt 6,5.

45. Joseph A. Fitzmyer, *The Gospel According to St. Luke*, Volume 2, Cc.x-xxiv. In *The Anchor Bible* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1985), 1084.

Deixando de lado a rivalidade

A alegria pela volta dramática do filho mais jovem de maneira alguma quer dizer que o mais velho é menos amado, menos considerado, menos favorecido. O pai não compara os dois filhos. Ama-os com amor total e expressa esse amor de acordo com os percursos de cada um. Conhece-os intimamente. Compreende suas qualidades ímpares e suas imperfeições. Ele vê com amor a paixão do seu filho mais jovem, mesmo que não se situe dentro dos padrões de obediência. Com o mesmo amor vê a obediência do filho mais velho, mesmo que lhe falte a vitalidade da paixão. Para o filho mais jovem não há pensamentos de melhor ou pior, mais ou menos, da mesma maneira que não há termos de comparação para o filho mais velho. O pai responde a ambos de acordo com as suas peculiaridades. A volta do filho mais jovem o faz convocar para uma comemoração cheia de alegria. A volta do filho mais velho o faz estender um convite para total participação nessa alegria.

“Na casa de meu Pai há muitas moradas”,⁴⁶ diz Jesus. Cada filho de Deus tem lá seu lugar reservado, todos lugares de Deus. Tenho de abandonar toda comparação, rivalidade e competição e capitular ao amor do Pai. Isso requer um avanço na fé porque tenho pouca experiência de amor sem paralelos e desconheço o poder curador desse amor. Enquanto eu ficar de fora, no escuro, posso somente permanecer na queixa ressentida que resulta de comparações. Fora da luz, meu irmão mais jovem parece ser mais amado pelo Pai do que eu; de fato, fora da luz, não posso mesmo vê-lo como meu próprio irmão.

Deus está me chamando para voltar para casa, entrar na luz e descobrir então que, em Deus, todas as pessoas são única e inteiramente amadas. Na luz de Deus posso finalmente ver meu vizinho como meu irmão, como aquele

46. Jo 14,2.

que pertence tanto a Deus quanto eu. Mas, fora da morada de Deus, irmãos e irmãs, maridos e esposas, amantes e amigos se tornam rivais e mesmo inimigos, cada um eternamente empestado por ciúmes, suspeitas e ressentimentos.

Não é de admirar que, na sua raiva, o filho mais velho se queixe ao pai... “e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com as prostitutas, e para ele matas o novilho cevado”. Estas palavras revelam como este homem deve se sentir profundamente magoado. O seu amor próprio está dolorosamente ferido pela alegria do pai, e a sua própria raiva o impede de aceitar este patife que volta, como seu irmão. Com as palavras “esse teu filho” ele se distancia do seu irmão e também de seu pai.

Ele olha para eles como estranhos que perderam todo o senso de realidade e se envolvem num relacionamento totalmente inadequado, considerando os fatos que na realidade ocorreram na vida do *Filho Pródigo*. O filho mais velho não tem mais um irmão. Nem, também, um pai. Ambos passaram a ser estranhos para ele. Para seu irmão, um pecador, ele olha com desprezo; para seu pai, um senhor de escravos, com receio.

Vejo aqui como o filho mais velho está perdido. Tornou-se um estranho em sua própria casa. Não há comunhão. Todo relacionamento é permeado pela escuridão. Estar com medo ou mostrar desprezo, ter de submeter-se ou ter de controlar, ser um opressor ou uma vítima: estas são as opções para aquele que fica fora da luz. Os pecados não podem ser confessados, o perdão não pode ser obtido, não pode existir a reciprocidade do amor. A verdadeira comunhão tornou-se impossível.

Conheço a dor desta categoria. Nela, tudo perde sua espontaneidade. Tudo se torna suspeito, constrangedor, calculado e cheio de segundas intenções. Não há mais confiança. Cada pequeno passo requer uma retribuição; cada pequena observação pede uma análise; o menor gesto tem de ser medido. Esta é a patologia da escuridão.

Há uma maneira de escapar? Não creio que haja — não do meu lado, pelo menos. Parece que quanto mais tento me desvencilhar da escuridão, mais escuro fica. Preciso da luz, mas essa luz tem de sobrepor-se à escuridão e isso eu, por mim, não consigo. Não consigo me perdoar. Não consigo me sentir amado. Por mim mesmo não posso sair do terreno da minha raiva. Não posso caminhar para casa nem por minha conta entrar em comunhão. Posso desejá-la, ter esperança de obtê-la, esperar por ela, sim, rezar por ela. Mas minha própria liberdade não posso conseguir por mim mesmo. Isso precisa me ser dado. Estou perdido. Preciso ser encontrado e trazido para casa pelo guia espiritual que sai ao meu encontro.

A história do *Filho Pródigo* é a de um Deus que me procura e não descansa até que me encontre. Ele insiste e suplica. Ele me pede que deixe de me apegar a estados de espírito que levam à morte e me deixe alcançar por braços que me carregarão para o lugar onde encontrarei a vida que mais desejo.

Recentemente experimentei de maneira concreta em minha própria carne a volta do filho mais velho. Enquanto fazia caminhadas, fui atingido por um carro e logo internado num hospital à beira da morte. Ali tive a nítida visão que não estaria pronto para morrer enquanto alimentasse a queixa de não ter sido amado o bastante por aquele que me deu a vida. Senti que não crescera bastante. Senti fortemente o apelo para abandonar minha queixa de adolescente e renunciar à mentira de que sou menos amado que meus irmãos mais jovens. Foi assustador, mas muito gratificante, libertador. Quando meu pai, já bem velho, veio da Holanda de avião para me visitar, entendi que esse era o momento para que eu me apropriasse da minha filiação divina. Pela primeira vez em minha vida disse francamente a meu pai que o amava e me senti agradecido pelo seu amor por mim. Disse-lhe muitas coisas que nunca lhe dissera antes e fiquei surpreso pelo tempo que levava a dizê-las. Meu pai ficou um tanto surpreso e até intrigado por

tudo isso, mas recebeu minhas palavras com compreensão e um sorriso. Quando revejo este acontecimento espiritual, encaro-o como uma verdadeira volta: a volta de uma dependência ilusória de um pai humano, que não pode me dar tudo o que preciso, a uma verdadeira dependência do Pai celestial que diz: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu”; a volta também do meu eu queixoso, confrontador, ressentido ao meu eu verdadeiro, que está livre para dar e receber amor. E, mesmo que tenha havido, e certamente continuará a haver, muitos retrocessos, trouxe-me o princípio da liberdade para viver a minha própria vida e morrer a minha própria morte. A volta ao “Pai — de quem toma o nome toda família”⁴⁷ permite-me deixar que meu pai seja nada menos que o bondoso, amoroso, mas limitado ser humano que ele é, e que deixe que meu Pai celestial seja o Deus cujo amor ilimitado e incondicional dissolva todos os ressentimentos e raiva, e me torne livre para amar sem a necessidade de precisar agradar ou merecer aprovação.

Através de confiança e gratidão

Esta minha experiência pessoal da volta do filho mais velho pode oferecer alguma esperança às pessoas caídas no ressentimento que é o fruto amargo de sua necessidade de agradar. Suponho que nós todos um dia teremos que nos haver com o filho mais velho dentro de nós. A pergunta diante de nós é simplesmente: O que fazer para tornar possível essa volta? Embora Deus venha até nós para nos encontrar e nos trazer de volta, precisamos admitir não somente estar perdidos, mas também dispostos a ser encontrados e trazidos de volta. Como? Obviamente não somente esperando e sendo passivos. Apesar de que somos incapazes de nos libertar de nossa raiva contida, podemos deixar que Deus nos encontre e nos cure por seu amor,

47. Ef 3,14-15.

através da prática concreta e diária de confiança e gratidão. Confiança e gratidão são as matérias para a conversão do filho mais velho. E, através da minha experiência pessoal, passei a conhecê-las.

Sem confiança, não posso me deixar encontrar. Confiança é a convicção íntima de que o Pai me quer de volta à casa. Enquanto eu duvidar que vale a pena que seja encontrado e me coloque como menos amado do que meus irmãos e irmãs mais jovens, não posso ser encontrado. Tenho de continuar dizendo a mim mesmo: “Deus o está procurando. Ele irá a qualquer lugar para encontrá-lo. Ele o ama, deseja-o de volta, não pode descansar a menos que você esteja com Ele”.

Há uma voz forte, carregada, dentro de mim que proclama o oposto: “Deus não está realmente interessado em mim, prefere o pecador arrependido que volta para casa depois de seus impensados deslizes. Ele não presta atenção em mim que nunca deixei a casa. Ele me aceita como sou. Não sou seu filho favorito. Não espero que me dê o que realmente desejo.

Às vezes esta voz tenebrosa é tão forte que preciso de enorme energia espiritual para confiar que o Pai me deseja de volta tanto quanto ao filho mais jovem. É preciso verdadeira disciplina para superar minha queixa crônica e pensar, falar e agir com a convicção de que estou sendo procurado e serei encontrado. Sem tal disciplina, fico preso a um desespero que dura para sempre.

Dizendo a mim mesmo que não sou suficientemente importante para ser encontrado, reforço a minha queixa até que me torne totalmente surdo à voz que me chama. A qualquer hora preciso negar essa voz que me leva a rejeitar-me e a afirmar a verdade que Deus certamente quer tanto abraçar a mim quanto aos meus obstinados irmãos e irmãs. Para ser eficaz, esta confiança tem de ser mais profunda do que a sensação de perda. Jesus confirma a sua veracidade quando diz: “Tudo quanto suplicardes e pedir-

des, crede que recebestes, e assim será para vós”.⁴⁸ Viver com confiança plena facilitará o caminho para que Deus realize o meu desejo mais profundo.

Juntamente com a confiança deve haver gratidão — o oposto do ressentimento. Ressentimento e gratidão não podem coexistir, uma vez que o ressentimento impede a percepção e o reconhecimento da vida como um dom. Meus ressentimentos me dizem que não recebo o que mereço; sinto sempre inveja.

Gratidão, entretanto, vai além do “meu” e do “teu” e proclama a verdade que a vida é puro dom. No passado sempre pensei na gratidão como uma resposta espontânea ao tomar conhecimento dos dons recebidos, mas agora compreendi que a gratidão pode também ser vivida como uma disciplina. A disciplina da gratidão é o esforço explícito para reconhecer que tudo o que sou e tenho é dado a mim como um dom de amor, um dom para ser comemorado com alegria.

Gratidão como disciplina envolve uma escolha consciente. Posso ser grato mesmo quando minhas emoções e sentimentos estejam ainda impregnados de mágoa e ressentimento. É incrível quantas ocasiões surgem em que posso optar pela gratidão em vez de lamúrias. Posso preferir ser agradecido quando sou criticado, mesmo quando meu coração ainda responde com amargura. Posso optar por falar de bondade e beleza, mesmo quando interiormente ainda procuro alguém para acusar ou algo para achar feio. Posso escolher ouvir as vozes que perdoam e olhar os rostos dos que sorriem, mesmo enquanto ainda ouço vozes de vingança e vejo trejeitos de ódio.

Há sempre a escolha entre os ressentimentos e a gratidão porque Deus apareceu nas minhas trevas, insistiu que eu voltasse para casa e declarou numa voz cheia de afeição: “Tu estás sempre comigo e tudo o que eu tenho é teu”. Realmente eu posso optar por viver nas trevas em

48. Mc 11,24.

que me encontro, indicar aqueles que parecem estar melhor do que eu, me queixar dos muitos reveses que sofri no passado e, como consequência, me cobrir de ressentimento. Mas não tenho que fazer isso. Há a possibilidade de olhar nos olhos d'Aquele que veio para me procurar e ver ali que tudo o que sou e tudo o que tenho é pura dádiva e merece gratidão.

A opção pelo agradecimento poucas vezes ocorre sem verdadeiro esforço. Mas todas as vezes que faço essa opção, a próxima escolha se torna mais fácil, mais livre, um pouco menos consciente. Porque cada graça que agradeço se abre para outra e mais outra até que, finalmente, até o mais normal, óbvio e aparentemente mundano acontecimento ou encontro resulta em algo repleto de graça. Há um provérbio estoniano que diz: "Quem não agradece o pouco não agradecerá o muito". Ato de reconhecimento fazem que a pessoa se torne agradecida porque, passo a passo, mostram que tudo é graça.

Tanto a confiança como a gratidão exigem a coragem de correr risco porque tanto a desconfiança como o ressentimento, querendo continuar a fazer parte do meu modo de ser, me previnem constantemente contra o perigo de abandonar meus cálculos cuidadosos e previsões reservadas. Em muitos pontos tenho que dar um salto na fé de modo a permitir que a confiança e a gratidão prevaleçam: para escrever uma carta amiga a alguém que não me perdoe, dar um telefonema para alguém que me tenha rejeitado, falar uma palavra que abençoe para alguém que não possa fazer o mesmo.

O salto na fé sempre significa amar sem esperar ser amado, dar sem desejar receber, convidar sem esperar ser convidado, abraçar sem esperar ser abraçado. E, todas as vezes que dou um salto, sinto um lampejo daquele que se dirige a mim e me convida para a sua alegria, a alegria na qual posso não somente me encontrar, mas também meus irmãos e irmãs. Assim, a prática de confiar e agradecer

revela o Deus que me procura, ardendo no desejo de me livrar de todos os meus ressentimentos e queixas e de me fazer tomar lugar a seu lado no banquete celestial.

O verdadeiro filho mais velho

A volta do filho mais velho está se tornando tão importante para mim *quanto* — se não mais importante *que* — a volta do filho mais jovem. Como será o filho mais velho quando se libertar de suas queixas, sua raiva, ressentimentos e ciúmes? Já que a parábola nada diz a respeito da resposta do filho mais velho, ficamos com a opção de escutar o Pai ou de permanecer cativos em nossa auto-rejeição.

Mas mesmo quando reflito sobre essa escolha e acredito que a parábola toda foi contada por Jesus e pintada por Rembrandt para minha conversão, fica claro para mim que Jesus, que narrou a história, é ele mesmo não somente o filho mais jovem, mas também o mais velho. Ele veio para mostrar o amor do Pai e para me libertar dos vínculos dos meus ressentimentos. Tudo o que Jesus diz a respeito de si próprio o revela como o Filho amado, aquele que vive em plena comunhão com o Pai. Não há distância, medo ou desconfiança entre Jesus e o Pai.

As palavras do Pai na parábola: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu”, expressam o verdadeiro relacionamento de Deus Pai com Jesus, seu Filho. Jesus constantemente afirma que toda a glória que pertence ao Pai pertence igualmente ao Filho.⁴⁹ Tudo o que o Pai realiza o Filho também realiza.⁵⁰ Não há separação entre Pai e Filho: O Pai e eu somos um;⁵¹ não há divisão de tarefas: “O Pai ama o Filho e tudo entregou em

49. Cf. Jo 1,14.

50. Cf. Jo 10,32.

51. Cf. Jo 17,22.

sua mão”;⁵² não há competição: “Tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer”;⁵³ não há inveja: “O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer”.⁵⁴ Há perfeita união entre Pai e Filho. Essa união se encontra no centro da mensagem de Jesus: “Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim”.⁵⁵ Acreditar em Jesus significa acreditar que ele é o enviado do Pai, aquele no qual e através de quem a plenitude do amor de Deus é revelada.⁵⁶

Isso é dramaticamente narrado pelo próprio Jesus quando ele conta a parábola dos lavradores homicidas. O dono da vinha, depois de ter mandado em vão diversos servos para receber o seu quinhão da colheita, decide mandar “seu filho amado”. Os lavradores reconhecem que ele é o herdeiro e o matam para ficar com a herança para eles próprios. Este é o retrato do verdadeiro filho que obedece o pai, não como escravo, mas como o Amado, e realiza o desejo do Pai em perfeita união com ele.

Assim Jesus é o filho mais velho do Pai. Ele é enviado pelo Pai para revelar o amor infatigável de Deus por todos os seus filhos ressentidos e para se ofertar como o caminho para casa. Jesus é o caminho que Deus encontra para tornar possível o impossível — permitir que a luz conquiste as trevas. Ressentimentos e queixas, por profundas que possam parecer, podem esvanecer diante da face na qual é visível a luz plena da Filiação. Quando olho novamente para o filho mais velho de Rembrandt, compreendo que a fria luz no seu rosto pode se tornar profunda e cálida — transformando-o completamente — e torná-lo quem na verdade ele é: “O Filho Amado sobre quem paira a complacência de Deus”.

52. Jo 3,35.

53. Jo 15,15.

54. Jo 5,19.

55. Jo 14,11.

56. Jo 5,24; 6,40; 16,27;17,8.

parte III

O PAI

Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos... O pai disse aos seus servos: "Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!". E começaram a festejar.

... seu pai saiu para suplicar-lhe... O pai lhe disse: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!".

Rembrandt e o pai

No Hermitage, enquanto fiquei contemplando o quadro, tentando absorver o que via, muitos turistas passaram por ali. Apesar de que ficavam menos do que um minuto diante da pintura, quase todos os guias a descreviam como retratando o pai compassivo e muitos mencionaram que era um dos últimos quadros de Rembrandt; que ele o pintara depois de uma vida de sofrimento. Na verdade, é disso que se trata. É a expressão humana da misericórdia divina. Em vez de ser chamado *A Volta do Filho Pródigo*, poderia facilmente ter sido chamado “A Acolhida do Pai Compadecido”. A ênfase é menor no filho do que no Pai. A parábola é, na verdade, a “Parábola do Amor Paterno”.⁵⁷ Vendo a maneira como Rembrandt retrata o pai, tive uma nova e plena compreensão de carinho, misericórdia e perdão. Acho que nunca alguém exprimiu tão bem o imenso amor de Deus, sua infinita misericórdia. Todos os detalhes da figura do Pai — a expressão do seu rosto, sua postura, a cor de seu traje e, acima de tudo, as suas mãos, o seu gesto — falam do amor de Deus pela humanidade, amor que existiu desde sempre e continua.

Tudo aqui se une — a história de Rembrandt, a história da humanidade, a história de Deus. Tempo e eternidade se entrelaçam, a morte próxima e a vida eterna se tocam. Pecado e perdão se fundem; o humano e o divino são um só.

57. Veja Joseph A Fitzmyer, op. cit., 1084.

O que dá à figura paterna pintada por Rembrandt uma força inexplicável é que o essencialmente divino é contido no essencialmente humano. Vejo um velho quase cego, com bigode e barba, vestido num traje bordado a ouro, de um vermelho intenso, colocando suas mãos grandes e espalmadas sobre os ombros do filho que volta. Isto é específico, concreto e fácil de descrever.

Vejo também, entretanto, compaixão infinita, amor incondicional e perdão absoluto — realidades divinas — oriundas de um Pai que é o criador do universo. Aqui, tanto o humano como o divino, o frágil e o poderoso, o velho e o eternamente jovem são bem retratados. Nisto consiste o gênio de Rembrandt. A verdade espiritual toma forma, ganha corpo. Diz um crítico, Paul Baudiquet: “O espiritual em Rembrandt... extrai da carne suas mais fortes e esplendorosas características”.⁵⁸

É significativo que Rembrandt tenha escolhido um homem quase cego para comunicar o amor de Deus. Certamente a parábola contada por Jesus e a maneira como foi interpretada através dos séculos constituem a base para refletir, reproduzir com fidelidade, o amor misericordioso de Deus. Não devo porém esquecer que foi a própria história de Rembrandt que lhe permitiu expressar esse amor de maneira ímpar.

O mesmo crítico diz: “Desde a juventude, Rembrandt só teve uma vocação: envelhecer”.⁵⁹ É verdade que Rembrandt sempre mostrou grande interesse por pessoas de idade. Ele as desenhou, esboçou-as, pintou-as desde que era jovem e ficou mais e mais fascinado por sua beleza interior. Alguns de seus melhores retratos são de pessoas velhas e os auto-retratos com maior força foram feitos nos seus últimos anos de vida.

Depois de muitas tentativas, em casa e no trabalho, ele mostra um fascínio especial por pessoas cegas. À medi-

58. Paul Baudiquet, op. cit., 9. Tradução do Autor.

59. Paul Baudiquet, op. cit., 9. Tradução do Autor.

da que a luz em seu trabalho reflete o interior, ele começa a pintar cegos como os que realmente vêm. Ele é atraído por Tobit e por Simeão, que é quase cego, e os pinta diversas vezes.

À medida que a própria vida de Rembrandt caminha em direção às sombras da velhice, à medida que seu sucesso declina, e o esplendor de sua vida exterior diminui, ele vai descobrindo a beleza imensa da vida interior. Ali ele descobre a luz de uma chama interior que não morre nunca: a chama do amor. A sua arte não tenta mais “agarrar, conquistar e conduzir o invisível”, mas “transformar o visível na chama do amor que se origina no coração ímpar do artista”.⁶⁰

O coração ímpar de Rembrandt se torna o coração ímpar do pai. A centelha interior de amor que ilumina, que cresceu e se fortaleceu ao longo dos muitos anos de sofrimento vividos pelo artista, encandece no coração do Pai que acolhe seu filho que volta.

Entendo agora porque Rembrandt não seguiu literalmente o texto da parábola. Nela, Lucas escreve: “Estava ainda longe quando o pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou”. Quando jovem, Rembrandt havia esboçado, desenhado esta passagem com todo o seu conteúdo dramático, mas, próximo da morte, Rembrandt quis retratar um pai muito sereno que reconhece o filho, não com os olhos do corpo, mas com os do espírito, do coração.

Parece que as mãos que pousaram sobre as costas do filho que volta são instrumentos da visão espiritual do pai. O pai, quase cego, enxerga longe e tem uma visão total. Sua visão é eterna, atinge toda a humanidade. É uma percepção que compreende perdas de homens e mulheres de todos os tempos, que conhece com imensa compaixão o sofrimento daqueles que escolheram abandonar a casa, que choraram rios de lágrimas quando se viram angustiados e

60. René Huyghe, op. cit.

em agonia. O coração do pai arde com um desejo enorme de trazer os filhos de volta para casa.

Oh, quanto ele gostaria de falar com eles, de preveni-los contra os inúmeros perigos com que estariam se defrontando, e de convencê-los de que em casa poderiam encontrar tudo o que procuram fora. Como gostaria de trazê-los de volta com sua autoridade paterna e de mantê-los perto, de modo que não viessem a sofrer.

Mas seu amor é muito grande para fazer qualquer coisa desse tipo. Não deve forçar, constranger, agarrar, empurrar. Deixa-os livres para rejeitar esse amor ou para retribuí-lo. É precisamente a imensidão do amor divino que é a fonte do seu grande sofrimento. Deus, criador do céu e da terra, escolheu ser, em primeira instância e acima de tudo, um Pai.

Como Pai ele quer que seus filhos sejam livres, livres para amar. Essa mesma liberdade lhes dá a possibilidade de deixar a casa, “ir a uma região longínqua”, e perder tudo. O coração do Pai sabe a dor que advirá dessa opção, mas seu amor o torna incapaz de evitá-la. Como Pai, ele deseja que aqueles que permanecem em casa gozem de sua presença e sintam sua afeição. Mas aqui, novamente, ele deseja que o amor oferecido seja recebido livremente. Seu sofrimento não pode ser medido quando seus filhos o amam somente com palavras, enquanto seus corações permanecem distantes.⁶¹ Ele conhece “suas línguas enganosas” e “corações desleais”,⁶² mas ele não pode fazer que o amem sem perder sua verdadeira paternidade.

Como Pai, a única autoridade que ele quer exercer é a da misericórdia. Essa autoridade advém de deixar os pecados dos filhos ferirem seu coração. Não há sentimentos de luxúria, cobiça, raiva, ressentimento, ciúme, vingança que seus filhos tenham vivenciado que não tenham causado enorme pesar ao seu coração. A dor é tão profunda

61. Cf. Mt 15,8; e Is 29,13.

62. Cf. Sl 78,36-37.

quanto o coração é puro. O amor do Pai abrange todo o sofrimento humano, encerra toda a humanidade. O toque de suas mãos, irradiando uma luz divina, deseja somente curar, restaurar a vida.

Este é o Deus no qual eu quero crer, um Pai que, desde o início da criação, tem estendido seus braços numa bênção compassiva, nunca se impondo a quem quer que seja, sempre esperando, nunca deixando cair seus braços em desespero, sempre aguardando que seus filhos voltem, de modo que possa lhes dirigir palavras carinhosas e deixar seus braços cansados repousar sobre os seus ombros. Seu único desejo é abençoar.

Em latim, abençoar é *benedicere*, que significa literalmente dizer coisas boas. O Pai deseja transmitir, mais com seu afago do que com sua voz, coisas boas a seus filhos. Ele não os quer punir; já foram sobejamente castigados por todos os seus caprichos. O Pai deseja somente que saibam que o amor que buscaram das maneiras mais diversas estava, está e estará sempre à sua espera. O Pai deseja dizer, mais com as mãos do que em palavras: “Você é o meu Amado, sobre você coloco minha bênção”. Ele é o pastor, “apascenta ele o seu rebanho, com o seu braço reúne os cordeiros, carrega-os no seu regaço”.⁶³

O verdadeiro alvo da pintura de Rembrandt são as mãos do pai. Nelas se concentra toda a luminosidade, a elas se dirigem os olhares dos que estão próximos; nelas a misericórdia se personifica; nelas há perdão, reconciliação e cura e, através delas, não somente o filho cansado, mas também o pai abatido, encontra repouso. Desde o momento em que vi o pôster no escritório de minha amiga Simone, me senti atraído por aquelas mãos. Não entendi bem o porquê. Aos poucos, através dos anos, passei a conhecer aquelas mãos. Elas me sustentaram desde o momento da minha concepção, me acolheram no instante do parto, me puseram junto ao seio de minha mãe, me ali-

63. Is 40,11.

mentaram, me agasalharam. Protegeram-me nos momentos de perigo e me consolaram nas horas de dor. Muitas vezes acenaram com o adeus, e sempre me receberam de volta. Essas são as mãos de Deus. São também as mãos de meus pais, professores, amigos, terapeutas e de todos aqueles que Deus colocou no meu caminho para que eu me sentisse amparado.

Pouco depois de Rembrandt ter pintado o Pai e suas mãos bendizentes, morreu.

As mãos do artista haviam pintado inúmeros rostos e inúmeras mãos. Nesta sua obra, uma das últimas, Rembrandt pintou o semblante e as mãos de Deus. Quem teria posado para este retrato em tamanho natural? O próprio Rembrandt?

O pai do *Filho Pródigo* é um auto-retrato, mas não como o entendemos. O rosto de Rembrandt se mostra em diversos de seus quadros. Aparece como o *Filho Pródigo* no prostíbulo, no lago como o discípulo amedrontado, como um dos homens que ajuda a retirar da cruz o corpo do Senhor.

Entretanto, aqui não é o rosto de Rembrandt que vemos, mas sua alma, a alma de um pai que sofreu muitas mortes. Durante os seus 63 anos, Rembrandt viu morrer não só sua querida esposa Saskia, mas três filhos, duas filhas e duas outras mulheres com quem viveu. A tristeza pelo seu querido filho Tito, que morreu aos 26 anos, logo depois de ter se casado, nunca foi avaliada, mas na figura do pai do *Filho Pródigo* podemos ver quantas lágrimas terá derramado. Criado à imagem de Deus, Rembrandt descobriu, através de sua longa e penosa caminhada, a verdadeira natureza dessa semelhança. É a figura do ancião quase cego, chorando baixinho, abençoando o filho muito sofrido. Rembrandt era o filho, tornou-se o pai e, assim, se preparou para chegar à vida eterna.

O pai acolhe de volta à casa

Ele estava ainda longe, quando seu pai o viu, (seu filho mais jovem), encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.

... seu pai saiu para suplicar-lhe (ao filho mais velho) que entrasse.

Pai e mãe

Muitas vezes tenho pedido a amigos que me dêem a primeira impressão do *Filho Pródigo* de Rembrandt. Inevitavelmente, eles se referem ao homem velho e sábio que perdoa o seu filho: o patriarca benevolente.

Quanto mais olho para “o patriarca”, mais claro se torna que Rembrandt fizera alguma coisa bem diferente do que deixar Deus posar como a cabeça envelhecida e judiciosa da família. Tudo começou com as mãos. As duas mãos são bem diferentes. A mão esquerda do pai tocando o ombro do filho é forte e musculosa. Os dedos estão bem abertos e se estendem sobre boa parte do ombro e costas do *Filho Pródigo*. Posso sentir uma certa pressão, especialmente no polegar. A mão não parece somente tocar, mas, com sua força, também sustentar. Muito embora haja delicadeza na maneira com que o pai com sua mão esquerda toca o filho, não é sem um firme envolvimento.

Como é diferente a mão direita do pai! Esta mão não segura ou agarra. Ela é delicada, macia e muito meiga. Os dedos estão juntos e têm uma certa elegância. Toca gentilmente os ombros do filho. Ela quer acariciar, afagar e oferecer consolo e conforto. É a mão de uma mãe.

Alguns comentaristas têm sugerido que a mão esquerda, masculina, é a própria mão de Rembrandt, enquanto a mão direita, feminina, é semelhante à mão de *The Jewish Bride*⁶⁴ pintada no mesmo período. Quero acreditar que isso seja verdade.

Tão logo reconheci a diferença entre as duas mãos do pai, um novo mundo de compreensão se abriu para mim. O Pai não é somente um grande patriarca. Ele é igualmente pai e mãe. Ele toca o filho com uma mão masculina e uma feminina. Ele segura, ela acaricia. Ele confirma, ela consola. Ele é, certamente, Deus em quem o masculino e o feminino, a paternidade e a maternidade, estão totalmente presentes. Aquela mão direita carinhosa faz ecoarem em mim as palavras do profeta Isaías: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti. Eis que te gravei nas palmas das minhas mãos”.⁶⁵

Meu amigo Richard White me mostrou que a mão do pai acariciante e feminina está em paralelo com o pé ferido e descalço do filho, enquanto a mão forte masculina corresponde ao pé calçado na sandália. Seria demais pensar que uma das mãos protege o filho no seu aspecto vulnerável, enquanto a outra reforça o seu vigor e aspiração de ir adiante na vida?

Há depois o amplo manto vermelho. Com sua cor quente e sua forma arcada, oferece um lugar de abrigo onde é bom estar. Em princípio, o manto cobrindo o cor-

64. *The Jewish Bride*, também chamado *Isaac e Rebecca*, pintado cerca de 1688, Rijksmuseum, Amsterdam

65. Is 49,15-16.

po curvado do pai pareceu-me uma barraca convidando o viajante cansado a encontrar algum repouso. Mas continuando a fitar o manto vermelho, outra imagem, mais forte do que a da tenda, veio à minha mente: as asas protetoras do pássaro fêmea. Lembraram-me das palavras de Jesus sobre o maternal amor de Deus: “Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste!”⁶⁶

Dia e noite Deus me mantém protegido como uma galinha protege seus pintinhos debaixo de suas asas. Mais do que a imagem de uma tenda, a figura das asas de uma mãe vigilante representa a segurança que Deus oferece aos seus filhos. Expressam cuidado, proteção, um lugar para repousar e se sentir a salvo.

Cada vez que olho para o manto da pintura de Rembrandt visualizo esses aspectos de tenda ou de asas protetoras; percebo a característica do amor maternal de Deus e meu coração começa a cantar com palavras inspiradas pelo salmista:

*“Quem habita na proteção do Altíssimo
pernoita à sombra do Onipotente,
dizendo ao Senhor: Meu abrigo, minha fortaleza,
meu Deus, em quem confio!
... ele te esconde com suas penas,
sob suas asas encontras um abrigo”.⁶⁷*

E assim, sob a imagem de um velho patriarca judeu, surge também um Deus maternal acolhendo seu filho de volta à casa. Quando olho agora novamente para o velho pintado por Rembrandt, debruçado sobre seu filho que volta e tocando seus ombros com suas mãos, passo a ver não só um pai que aperta seu filho nos braços, mas tam-

66. Mt 23,37-38.

67. Salmo 91:1-4. The Grail Psalms (Collins).

bém uma mãe que acaricia seu filho, envolve-o com o calor do seu corpo, e segura-o contra o ventre do qual ele se originou. Assim, a “volta do filho pródigo” se torna a volta ao seio de Deus, o retorno às origens do ser e novamente faz ecoar a exortação de Jesus a Nicodemos para renascer do alto.

Agora entendo melhor a grande paz deste retrato de Deus. Não há sentimentalismo aqui, nem romantismo, nem um simples conto com um final feliz. O que vejo aqui é Deus como mãe, acolhendo de volta no seu ventre aquele que foi criado à sua semelhança. Os olhos quase cegos, as mãos, o manto, o corpo curvado, todos evocam o amor maternal de Deus, marcado por pesar, desejo, esperança e interminável expectativa.

O mistério na verdade é que Deus, na sua infinita compaixão, uniu-se por toda a eternidade com a vida de seus filhos. “Ela” escolheu livremente se tornar dependente de suas criaturas, a quem outorgou liberdade. Essa escolha lhe causa pena quando eles partem; essa escolha lhe traz alegria quando eles retornam. Mas a sua alegria não será completa até que todos aqueles que “dela” tenham nascido tenham regressado à casa e se reunido ao redor da mesa preparada para eles.

E isso inclui o filho mais velho. Rembrandt o coloca à distância, fora da proteção do manto esvoaçante, à margem do círculo de luz. O dilema do filho mais velho é aceitar ou rejeitar que o amor de seu pai está acima de comparações; ousar ser amado como seu pai almeja amá-lo ou insistir em ser amado como *ele* acha que deveria ser amado. O pai sabe que a escolha deve ser do filho, mesmo enquanto ele espera com as mãos estendidas. Será que o filho mais velho estará disposto a se ajoelhar e ser tocado pelas mãos que tocam seu irmão mais jovem? Será ele capaz de ser perdoado e de sentir a presença curadora do pai que o ama sem termo de comparação? A história de Lucas deixa claro que o pai vai em direção a ambos os filhos. Não só ele corre para dar as boas-vindas ao filho

mais jovem, rebelde, mas também vem ao encontro do mais velho, zeloso, quando ele volta dos campos se perguntando qual o motivo da música e dança e lhe pede que entre.

Nem mais nem menos

É muito importante para mim entender o sentido pleno do que está acontecendo aqui. Embora o pai esteja realmente cheio de alegria pela volta do filho mais jovem, ele não se esqueceu do mais velho. Ele desconhece a reação do filho mais velho. A sua alegria era tão intensa que ele não poderia esperar para dar início à comemoração, mas tão logo ficou ciente da chegada do seu filho mais velho, saiu da festa, foi ao seu encontro e suplicou-lhe que se unisse a eles.

No seu ciúme e amargura, o filho mais velho pode somente ver que o seu irmão irresponsável está recebendo mais atenção do que ele e conclui que ele é o menos amado dos dois. O coração do pai, entretanto, não está dividido em mais ou menos. A resposta espontânea e livre à volta do seu filho mais jovem não encerra nenhuma comparação com o filho mais velho. Ao contrário, ele deseja ardentemente que seu filho mais velho participe de sua alegria.

Para mim não é fácil ter essa compreensão. Num mundo que constantemente compara as pessoas, classificando-as em mais ou menos inteligentes, mais ou menos atraentes, mais ou menos bem-sucedidas, não é fácil acreditar num amor que não faz o mesmo. Quando vejo alguém ser elogiado é difícil não me achar menos merecedor de elogios; quando leio a respeito da generosidade e da bondade de outras pessoas, é difícil não inquirir se eu mesmo sou tão generoso e benevolente quanto eles; e quando vejo troféus, recompensas e prêmios sendo entregues a pessoas notáveis, não posso deixar de me perguntar porque isso não aconteceu comigo.

O mundo em que cresci é um mundo tão cheio de graduações, marcas e estatísticas que, consciente ou inconscientemente, procuro sempre encontrar a minha medida em relação a outros. Muita tristeza e alegria na minha vida advém do meu comparar e muito, se não tudo, deste comparar é inútil, representando enorme perda de tempo e energia.

Nosso Deus, que é tanto Pai como Mãe para nós, não compara nunca. Apesar de que na minha cabeça sei que isto é verdade, é ainda muito difícil que eu aceite por completo, e com todo o meu ser, esse raciocínio. Quando ouço alguém ser chamado de filho ou filha preferida, minha resposta imediata é que as outras crianças devem ser menos queridas, ou menos amadas. Não posso imaginar como todos os filhos de Deus possam ser favoritos. E, entretanto, o são. Quando, do meu lugar no mundo, olho para o reino de Deus, depressa começo a pensar em Deus como o responsável por um grande placar celestial e fico sempre com medo de não conseguir classificação. Mas quando, da casa acolhedora de Deus, olho para o mundo, descubro que Deus ama com amor divino, um amor que confere a todos os homens e mulheres seu caráter ímpar sem jamais comparar.

O irmão mais velho se compara com o irmão mais jovem e fica com ciúmes. Mas o pai ama tanto a ambos que jamais lhe ocorreu atrasar a festa para impedir que o filho mais velho se sentisse rejeitado. Estou convencido de que muitos dos meus problemas emocionais se derreteriam como neve ao sol se eu pudesse deixar que a verdade do amor maternal de Deus, que não faz comparações, penetrasse em meu coração.

Fica claro como isso é difícil quando reflito sobre a parábola dos trabalhadores da vinha.⁶⁸ Cada vez que eu leio essa parábola na qual o dono da vinha recompensa da mesma maneira os que trabalharam uma hora somente e

68. Mt 20,1-16.

os que fizeram “um trabalho pesado ao calor do sol”, um sentimento de irritação ainda brota dentro de mim.

Por que o dono da vinha não pagou em primeiro lugar aqueles que trabalharam muitas horas e depois surpreendeu os retardatários com sua generosidade? Por que, ao contrário, ele paga primeiro os trabalhadores da undécima hora, criando falsas expectativas para os outros e despertando amargura e ciúmes desnecessários? Estas perguntas, agora compreendo, vêm de uma expectativa que quer que a administração do que é temporal prevaleça sobre a ordem incomparável do que é divino.

Não havia antes me ocorrido que o dono da vinha poderia desejar que os trabalhadores das primeiras horas pudessem se regozijar com a generosidade dispensada aos que vieram mais tarde. Nunca me passou pela cabeça que ele possa ter agido supondo que aqueles que haviam trabalhado todo o dia na vinha ficariam muito agradecidos por terem tido a oportunidade de trabalhar para o seu patrão e ainda mais por reconhecerem como ele é uma pessoa generosa. É preciso que haja uma íntima reviravolta para aceitar esse modo de pensar isento de comparações. Mas essa é a maneira de pensar de Deus. Deus olha para o seu povo como uma família cujos membros se satisfazem verificando que aqueles que fizeram bem pouco são tão amados quanto os que muito realizaram.

Deus é tão ingênuo a ponto de pensar que haveria grande regozijo quando todos os que passaram um tempo em sua vinha, fosse por um período curto ou longo, recebessem a mesma atenção. Na verdade, ele foi tão ingênuo que presume que estariam tão felizes em sua presença que nem sequer lhes ocorreria estarem se comparando. É por isso que fala com a perplexidade de um amante incompreendido: “Por que teriam vocês inveja diante de minha generosidade?”. Ele poderia ter dito: “Vocês estiveram comigo todo o dia, e eu lhes dei tudo o que pediram! Por que estão tão amargos?”. É o mesmo espanto que vem do

coração do pai quando ele diz ao seu filho ciumento: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”.

Aqui se situa escondido o grande apelo para a conversão: contemplar não com os olhos da minha própria auto-estima, diminuída, mas com os olhos do amor de Deus. Enquanto eu ficar olhando para Deus como o senhor da vinha, como o pai que quer exigir de mim o máximo ao menor custo, não posso senão me tornar ciumento, amargo e ressentido em relação aos meus irmãos e irmãs. Mas se for capaz de olhar o mundo com os olhos do amor de Deus e descobrir que a visão de Deus não é a de um estereotipado proprietário de terras ou de um patriarca, mas sim a de um pai todo dádiva e todo misericórdia, que não mede o amor que dá a seus filhos dependendo de como se comportam, vejo então bem depressa que a minha única e verdadeira resposta só pode ser de profunda gratidão.⁶⁹

O coração de Deus

Na pintura de Rembrandt, o filho mais velho simplesmente observa. É difícil imaginar o que vai no seu coração. Do mesmo modo que na parábola, também na pintura fico com a interrogação. Como responderá ele ao convite para participar da comemoração?

Não há dúvida, na parábola ou na pintura, sobre o coração do pai. Seu coração se volta para seus dois filhos, ele ama a ambos; ele espera vê-los como irmãos ao redor da mesa; ele quer que compreendam que, embora tão diferentes, pertencem à mesma família e são filhos do mesmo pai.

69. Muito desta minha compreensão da parábola dos trabalhadores da vinha devo ao estudo muito comovedor de Heinrich Spaemann, “In des Liebefern des Liebe, Eine Menschheitsparabel (Lukas 15, 11-13)” Kapitel V in *Das Prinzip Liebe* (Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1986), 95-120.

Quando me conscientizo de tudo isso, vejo como a história do pai e seus filhos perdidos ratifica enfaticamente que não fui eu que escolhi Deus, mas Deus que primeiro me escolheu. Esse é o grande mistério da nossa fé. Não escolhemos Deus, mas Deus nos escolhe. Desde toda a eternidade estamos escondidos “nas sombras das mãos de Deus” e “gravados nas palmas de suas mãos”.⁷⁰ Antes que qualquer ser humano nos toque, Deus “nos faz em segredo” e “nos tece”⁷¹ nas profundezas da terra, e antes que qualquer ser humano decida a nosso respeito, Deus “nos tece no seio materno”.⁷² Deus nos ama com um “primeiro”⁷³ amor, amor ilimitado e incondicional; quer que sejamos seus filhos amados e nos pede que nos tornemos tão capazes de amar quanto ele próprio.

Durante a maior parte da minha vida lutei para encontrar Deus, para conhecer Deus e amar Deus. Lutei para seguir as diretrizes da vida espiritual — rezar sempre, servir aos outros, ler as escrituras — e para evitar as muitas tentações que me levariam à intemperança. Falhei muitas vezes, mas sempre recomecei, mesmo quando estava perto do desespero.

Agora imagino se avaliei bem que durante todo esse tempo Deus tem estado à minha procura, para me conhecer e me amar. A pergunta não é “Como posso encontrar Deus?”, mas “Como me deixar conhecer por Deus?”. E, finalmente, a indagação não é “Como devo amar a Deus?”, mas “Como devo me deixar amar por Deus?”. Deus está olhando à distância, procurando por mim, tentando me encontrar e desejando me trazer para casa. Em todas as três parábolas que Jesus narra em resposta à questão por que ele come com os pecadores, ele põe ênfase na iniciativa divina. Deus é o pastor que vai à procura das ovelhas

70. Is 49,2-16.

71. Sl 139,15.

72. Sl 139,13.

73. Veja “primeiro” 1 Jo 4,19-20.

perdidas. Deus é a mulher que acende uma lâmpada, varre a casa e procura em todo lugar pela moeda perdida até que a encontre. Deus é o pai que vigia os filhos e espera por eles, corre ao seu encontro, abraça-os, insiste com eles, pede e suplica que venham para casa.

Pode parecer estranho, mas Deus deseja tanto me encontrar, ou mais, do que eu a Ele. Sim, Deus precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Deus não é o patriarca que fica em casa, não se altera, e espera que seus filhos venham a ele, desculpem-se por seu comportamento anormal, peçam para ser perdoados e prometam se emendar. Ao contrário, ele deixa a casa e, não levando em consideração a sua dignidade, corre ao encontro deles, ignorando desculpas ou promessas de mudança e os traz à mesa bastante provida que os espera.

Começo agora a entender como o rumo da minha jornada espiritual irá mudar quando eu não mais pensar em Deus se escondendo e dificultando o tanto quanto possível que o encontre, mas, pelo contrário, como aquele que me procura enquanto eu me refugio. Quando eu vir o meu eu perdido através dos olhos de Deus e descobrir a alegria do Senhor com a minha volta para casa, aí então minha vida pode se tornar menos angustiada e mais confiante.

Não seria bom crescer a alegria de Deus, deixando que me Ele encontre, carregue-me para casa e celebre com os anjos a minha volta? Não seria maravilhoso fazer Deus sorrir por lhe dar a chance de me encontrar e me amar perdidamente? Perguntas como estas levantam uma questão: a do conceito que faço de mim mesmo. Posso aceitar que valha a pena que eu seja procurado? Acredito que haja, da parte de Deus, um desejo verdadeiro de simplesmente estar comigo?

Aqui está a essência da minha luta espiritual: a luta contra a auto-rejeição, desprezo e aversão. É um combate ferrenho porque o mundo e seus demônios conspiram para que eu me considere sem valor, incapaz e insignificante.

Muitas das economias consumistas sobrevivem manipulando a baixa auto-estima de seus usuários e criando, através de recursos materiais, expectativas do espírito. Desde que eu permaneça “por baixo”, posso facilmente ser tentado a comprar coisas, conhecer pessoas ou ir a lugares que prometam uma mudança radical no meu próprio conceito, mesmo que na realidade não levem a tal resultado. Mas todas as vezes que concordar em ser assim manipulado ou seduzido terei ainda mais motivos para me rebaixar e para me sentir como a criança rejeitada.

Um primeiro e eterno amor

Por muito tempo achei que era uma espécie de virtude ter baixa auto-estima. Fui tantas vezes prevenido contra o orgulho e presunção que acabei achando que era bom me depreciar. Mas agora compreendo que o verdadeiro pecado é negar o amor primeiro de Deus por mim e ignorar a bondade original. Porque sem reivindicar esse primeiro amor e essa bondade original, perco contato com o meu verdadeiro eu e enveredo, entre pessoas e lugares errados, numa busca destrutiva pelo que só pode ser achado na casa de meu Pai.

Não penso estar sozinho nesta luta querendo fazer jus ao primeiro amor de Deus e à virtude fundamental. Debaixo de muita afirmação, competitividade e rivalidade humanas; debaixo de muita autoconfiança e até arrogância, há muitas vezes um coração muito inseguro, muito menos confiante em si mesmo do que o comportamento exterior faria acreditar. Muitas vezes fiquei chocado descobrindo que homens e mulheres com talentos indiscutíveis e com prêmios por suas realizações têm tantas dúvidas sobre sua própria virtude. Em vez de reconhecer no sucesso alcançado um sinal de sua beleza interior, usam-no para acobertar um senso pessoal de falta de mérito. Não poucos me disseram: “Se as pessoas soubessem o que vai no meu íntimo, poriam fim aos seus aplausos e louvor”.

Lembro-me claramente de conversar com um jovem amado e admirado por todos os que o conheciam. Contou-me como uma pequena crítica de um dos seus amigos o atirara num abismo de depressão. Quando falava, lágrimas rolavam dos seus olhos e seu corpo se contorcia em angústia. Ele sentia que seu amigo atravessara o muro de suas defesas e o enxergara como ele realmente era: um hipócrita vil, um homem desprezível debaixo de uma armadura cintilante. Quando ouvi a sua história compreendi como ele levava uma vida infeliz, muito embora as pessoas à sua volta o invejassem pelos seus dons. Por anos ele havia caminhado por aí com as perguntas secretas: “Será que alguém realmente me ama? Será que alguém realmente se importa comigo?”. E cada vez que subia um pouco mais alto na escada do sucesso, pensava: “Este não é realmente quem sou; um dia tudo virá água abaixo e as pessoas verão que não presto”.

Esse encontro ilustra como muitas pessoas vivem a sua vida — nunca confiando plenamente que sejam amados como são. Muitos têm histórias terríveis que fornecem razões plausíveis para sua baixa auto-estima; histórias de pais que não lhes davam o que precisavam; de professores que os maltratavam; de amigos que os traíam e de uma Igreja que os deixou do lado de fora, no frio, num momento crítico de sua vida.

A parábola do *Filho Pródigo* é uma história que fala de um amor que existiu antes que qualquer rejeição fosse possível e permanecerá depois que todas as rejeições tenham existido. É o primeiro e o eterno amor de um Deus que é Pai e Mãe. É a fonte de todo o amor humano verdadeiro, mesmo o mais limitado.

A vida toda de Jesus e sua pregação tiveram somente um objetivo: revelar esse amor de Deus, inextinguível, ilimitado, maternal e paternal, e mostrar o caminho para que este amor guie todas as frações de nossas vidas diárias. Em sua pintura, retratando o Pai, Rembrandt oferece-me um lampejo desse amor. É o amor que sempre acolhe de volta à casa e deseja comemorar.

O pai quer comemorar

O Pai disse aos servos: "Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!". E começaram a festejar.

Dando o melhor

É evidente que o filho mais jovem não está voltando a uma simples família de fazendeiros. Lucas descreve o pai como um homem muito rico com vastas propriedades e muitos empregados. Para corresponder a essa descrição, Rembrandt veste-o, e aos dois homens que o observam, ricamente. As duas mulheres mais ao fundo se apóiam num arco que mais parece fazer parte de um palácio do que de uma fazenda. A vestimenta luxuosa do pai e a aparência próspera dos que o circundam postam-se em flagrante contraste ao longo sofrimento tão visível nos olhos quase cegos, sua face entristecida e sua figura curvada.

O mesmo Deus que sofre por causa do imenso amor pelos seus filhos é o Deus que é rico em bondade e misericórdia⁷⁴ e que quer revelar a seus filhos a riqueza de sua

74. Cf. Rm 2,4 e Ef 2,4.

glória.⁷⁵ O pai nem dá a seus filhos a oportunidade de se desculparem. Ele se antecipa às súplicas de seus filhos, pondo-as de lado e, espontaneamente, concedendo-lhes perdão; essas súplicas para ele são irrelevantes em face do regozijo pela sua volta. Não somente o pai perdoo sem fazer perguntas e alegremente acolhe seu filho perdido de volta à casa, mas não pode esperar para lhe dar vida nova, vida em abundância.⁷⁶ Tão fortemente Deus deseja dar vida a seu filho que volta que parece quase impaciente. Nada é suficientemente bom. O melhor precisa ser-lhe dado. Embora o filho esteja preparado para ser tratado como um serviçal contratado, o pai pede o manto reservado a um hóspede ilustre e, embora o filho não mais se ache digno de assim ser chamado, o pai lhe dá o anel para o dedo e as sandálias para os pés para honrá-lo como seu filho amado e novamente devolver-lhe a posição de herdeiro.

Lembro-me nitidamente das roupas que usei durante o verão depois de terminar a escola secundária. Minhas calças brancas, cinto largo, camisa colorida e sapatos luzidios: tudo demonstrava como eu me sentia bem comigo mesmo. Meus pais estavam contentes por poder comprar essas roupas novas para mim e se mostravam muito orgulhosos do seu filho. Eu me sentia grato sendo seu filho. Lembro-me sobretudo de me sentir muito bem usando sapatos novos. Desde então tenho viajado muito e verificado como as pessoas passam a vida descalças. Agora entendo ainda melhor o significado simbólico de possuir calçados. Pés descalços falam de pobreza e muitas vezes de escravidão. Calçados são para os ricos e poderosos, oferecem proteção contra cobras, dão força e segurança. Transformam os perseguidos em perseguidores. Para muitos pobres, ter calçados é um sinônimo de *status*. Um antigo “spiritual” afro-americano exprime isso muito bem: “To-

75. Rm 9,23.

76. Jo 10,10.

dos os filhos de Deus têm sapatos. Quando eu for para o céu vou calçar meus sapatos; vou andar por todo o Céu de Deus”.⁷⁷

O Pai veste seu filho com todos os sinais de liberdade, a liberdade dos filhos de Deus. Ele não quer que sejam servos ou escravos. Ele deseja que usem o manto da honra, o anel do herdeiro e o calçado que o prestigia. É como uma vestimenta pela qual o ano da graça de Deus é inaugurado. O verdadeiro sentido dessas vestimentas e dessa inauguração é compreendido na quarta visão do profeta Zacarias:

Ele me fez ver Josué, sumo sacerdote, que estava de pé diante do Anjo de Iahweh... Josué estava vestido de roupas sujas, enquanto estava de pé diante do anjo. E ele falou aos que estavam de pé diante dele: “Tirai-lhe as vestes sujas e vesti-o com vestes luxuosas; colocai em sua cabeça um turbante limpo”. Colocaram um turbante limpo em sua cabeça e o vestiram com roupas limpas. O Anjo de Iahweh estava de pé, e lhe disse: “Vê! Tirei de ti a tua iniquidade”. E o Anjo de Iahweh declarou solenemente a Josué: “Assim disse Iahweh dos Exércitos: ‘Se andares pelos meus caminhos e guardares os meus preceitos, então tu governarás a minha casa e administrarás os meus pátios e eu te darei acesso entre os que estão aqui de pé... Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote... Eu afastarei a iniquidade desta terra em um único dia. Naquele dia... convidar-vos-eis uns aos outros debaixo da vinha e debaixo da figueira.’”⁷⁸

Quando leio a história do filho pródigo tendo em mente essa visão do profeta Zacarias, a palavra “depres-

77. “All God’s Chillun Got Wings,” St. 10. Veja The Interpreter’s Bible (N.York e Nashville: Abingdon Press, Vol 8, 1952), 277.

78. Zc 3,1-10.

sa” com a qual o pai exorta seus criados a trazer o manto, anel, sandálias para seu filho denota muito mais do que impaciência humana. Revela a ansiedade de Deus para inaugurar o novo reino que foi preparado desde o início dos tempos.

Não há dúvida de que o pai deseja uma festa suntuosa. Matar o novilho que havia sido cevado para uma ocasião especial mostra o quanto o pai desejava retirar todos os impedimentos e oferecer ao filho uma celebração como nunca antes tinha havido. É óbvia sua esfuziante alegria. Depois de ter dado instruções para que tudo ficasse pronto, ele exclama: “Vamos celebrar fazendo uma festa, porque este filho meu estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado”, e imediatamente começam a comemorar. Há abundância de comida, música e danças, e os ruídos alegres de um festejo podem ser ouvidos bem longe de casa.

Um convite à alegria

Admito que não estou habituado à imagem de Deus dando uma enorme festa. Parece em desacordo com a imagem séria e solene que sempre tive de Deus. Mas quando penso nas diversas maneiras usadas por Jesus para descrever o Reino de Deus, encontro sempre, no centro, um banquete festivo. Jesus diz: “Mas eu vos digo que virão muitos do *orient*e e do *ocidente* e se assentarão à mesa no Reino dos Céus,⁷⁹ com Abraão, Isaac e Jacob”. E ele compara o Reino dos Céus com uma festa de casamento oferecida pelo rei ao seu filho. Os servos do rei saem para convidar as pessoas dizendo: “Eis que preparei meu banquete, meus touros e cevados já foram degolados e tudo está pronto. Vinde às núpcias”.⁸⁰ Mas muitos não estavam

79. Mt 8,11.

80. Mt 22,4.

interessados. Estavam muito ocupados com seus próprios afazeres.

Como na parábola do Filho Pródigo, Jesus exprime aqui o desejo de seu Pai de oferecer a seus filhos um banquete e a sua preocupação em realizá-lo mesmo quando aqueles que estão convidados se recusam a comparecer. Esse convite para uma refeição é um convite para uma intimidade com Deus. Isso fica bem claro na Última Ceia, um pouco antes da morte de Jesus. Aí ele diz aos seus discípulos: “Desde agora não berei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco berei o vinho novo no Reino do meu Pai”.⁸¹ E no final do Novo Testamento a vitória definitiva de Deus é descrita como uma linda festa de casamento. “Porque o Senhor, o Deus todo-poderoso passou a reinar! Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro... felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro”.⁸²

A comemoração faz parte do Reino de Deus. Deus não só oferece perdão, reconciliação e cura, como deseja que aqueles a quem esses dons são conferidos os recebam como uma fonte de alegria. Em todas as três parábolas narradas por Jesus para explicar porque ele come com os pecadores, Deus se rejubila e convida outros para que com ele se rejubilem. “Alegrai-vos comigo”, diz o Pastor, “achei a ovelha que estava perdida”. “Alegrai-vos comigo”, diz a mulher, “achei a dracma que estava perdida”. “Alegrai-vos comigo”, diz o pai, “este meu filho estava perdido e foi encontrado”.

Todas essas vozes são as vozes de Deus. Deus não deseja guardar para si mesmo sua alegria. Deseja que todos dela participem. A alegria de Deus é a dos anjos e dos santos; é a alegria de todos os que pertencem ao Reino.

81. Mt 26,29.

82. Ap 19,6-9.

Rembrandt retrata o momento da volta do filho mais jovem. O filho mais velho e os outros três membros da família paterna se mantêm à distância. Será que compreenderão a alegria do pai? Deixarão que ele o abrace? E eu? Serão eles capazes de deixar de lado suas recriminações e participar da comemoração? E eu?

Posso só por um momento visualizar, e resta-me imaginar o que acontecerá depois. Repito: Conseguirão? E eu? Sei que o pai deseja que todas as pessoas à sua volta admirem as roupas novas do filho que retorna, que o acompanhem em torno da mesa, que comam e dancem juntos. Não é um assunto particular. Isto é algo para que todos na família festejem com gratidão.

Repito novamente: Farão isso? E eu? É uma pergunta importante porque se refere, por estranho que pareça, à minha reação contrária a viver uma vida com alegria.

Deus se rejubila. Não porque os problemas do mundo tenham sido resolvidos, não porque toda a dor e sofrimento humanos tenham chegado ao fim, nem porque milhares de pessoas tenham se convertido e estejam no momento louvando-o por sua bondade. Não, Deus se rejubila porque um dos seus filhos que estava perdido foi encontrado. É dessa alegria que sou chamado a compartilhar. É a alegria de Deus, não a alegria que o mundo oferece. É a alegria que decorre de ver uma criança voltar à casa no meio de toda a destruição, devastação e sofrimento do mundo. É uma alegria secreta, tão inconspícua como o tocador de flauta pintado por Rembrandt na parede acima da cabeça daquele que, sentado, observa.

Não estou acostumado a exultar por coisas pequenas, secretas e que as pessoas à minha volta pouco distinguem. Estou em geral pronto e preparado para receber más notícias, para ler sobre guerra, violência e crimes, e para presenciar conflitos e desordens. Espero sempre que meus visitantes falem de seus problemas e mágoas, seus revezes e desapontamentos, suas depressões e angústias. De certo modo me acostumei a viver com a tristeza e

assim perdi a capacidade de reconhecer a alegria e ouvidos para ouvir o contentamento que pertence a Deus e que é encontrado nos cantos secretos do mundo.

Tenho um amigo que é tão profundamente ligado a Deus que ele pode ver alegria onde percebo somente tristeza. Ele viaja muito e encontra um sem-número de pessoas. Quando retorna, espero sempre que me fale da situação econômica difícil dos países que visitou, das grandes injustiças de que tomou conhecimento e do sofrimento que testemunhou. Mas mesmo estando consciente da grande agitação em que o mundo se encontra, raramente menciona o fato. Quando partilha as suas experiências, fala das alegrias ocultas que descobriu. Fala de um homem, uma mulher ou uma criança que lhe trouxeram esperança e paz. Fala de pequenos grupos de pessoas que são leais umas às outras no meio de toda a perturbação. Fala das pequenas maravilhas de Deus. Às vezes me dou conta de que estou desapontado porque quero ouvir “notícias de jornais”, histórias excitantes e divertidas que podem ser comentadas entre amigos. Mas ele nunca responde à minha necessidade de sensacionalismo. Continua dizendo: “Vi algo muito pequeno e muito belo, algo que me deu muita alegria”.

O pai do filho pródigo se entrega totalmente à satisfação que lhe traz o filho que retorna. Tenho de assimilar esse ensinamento. Tenho de aprender a me “apoderar” de toda a verdadeira alegria que há para absorvê-la e apresentá-la para que outros a vejam. Sim, eu sei que nem todo mundo se converteu, que ainda não há paz em todo lugar, que nem toda dor foi suprimida, mas, ainda assim, vejo pessoas voltando e retornando à casa; ouço vozes que oram; reparo em momentos de perdão e presencio muitos sinais de esperança. Não tenho que esperar até que tudo esteja bem, mas posso festejar cada pequena referência ao Reino que está próximo.

Esta é uma verdadeira disciplina. Exige escolher a luz mesmo quando há muita escuridão para me assustar,

optar pela vida mesmo quando as forças da morte são tão visíveis e eleger a verdade mesmo quando estou rodeado por mentiras. Sou tentado a ficar tão impressionado pela tristeza óbvia da condição humana que não reconheço mais a alegria que se manifesta de diversas maneiras, singelas, mas verdadeiras. A recompensa por escolher a alegria é a alegria mesmo. Viver entre pessoas com deficiência mental me convenceu disso. Há tanta rejeição, dor e mágoa entre nós mas, uma vez que você procura encontrar a alegria escondida no meio de todo o sofrimento, a vida se transforma em celebração. A alegria nunca anula a tristeza, mas transforma-a num solo fértil para mais alegria.

Certamente serei chamado de ingênuo, não-realista e sentimental e serei acusado de ignorar os “verdadeiros” problemas, os males estruturais que fundamentam grande parte da miséria humana. Mas Deus se rejubila quando um pecador arrependido volta. Estatisticamente isso não é muito interessante. Mas, para Deus, números parecem nunca importar.

Quem sabe se o mundo está sendo salvo da destruição porque uma, duas ou três pessoas permaneceram em oração enquanto o resto da humanidade perdeu a esperança e se desintegrou?

Do ponto de vista de Deus, um silencioso ato de arrependimento, um pequeno gesto de amor desinteressado, um momento de verdadeiro perdão é tudo o que é preciso para que Deus, de seu trono, corra ao encontro de seu filho que volta e encha os céus com vibrações de divina alegria.

Não sem tristeza

Se esse é o caminho de Deus, então sinto o desafio de abandonar todas as vozes de ruína e condenação que me levam à depressão e permitir às pequenas alegrias revelar a verdade sobre o mundo em que vivo. Quando Jesus

fala do mundo, ele é bem realista. Ele fala sobre guerras e revoluções, terremotos, pestes e escassez, perseguição e encarceramento, traições, ódio e assassinatos. Não há absolutamente indício de que todos estes sinais da negrura do mundo estejam jamais ausentes. Mas, ainda assim, no meio de tudo isso a alegria de Deus pode ser nossa. É o contentamento de pertencer à casa de Deus cujo amor é mais forte do que a morte e que nos capacita a viver no mundo embora já pertencendo ao reinado da alegria.

Este é o segredo da alegria dos santos. De Santo Antão do deserto a São Francisco de Assis, ao irmão Roger Schultz de Taizé, a Madre Teresa de Calcutá, a alegria tem sido a marca do povo de Deus. A alegria pode ser vista nos rostos das mais simples pessoas, pobres e muitas vezes sofredoras, que vivem hoje dentro de grande convulsão social e econômica, mas que já podem ouvir a música e dançar na casa do Pai. Eu, de minha parte, vejo esta felicidade no rosto das pessoas deficientes mentais de minha comunidade. Todos estes homens e mulheres santos, não importa se viveram há muito tempo ou pertencem à nossa época, podem reconhecer as muitas pequenas voltas que ocorrem diariamente e se alegrar com o Pai. De um certo modo eles penetraram o verdadeiro sentido da verdadeira alegria.

Para mim é interessante verificar todos os dias a diferença radical entre ceticismo e alegria. Os céticos procuram as trevas aonde quer que se dirijam. Sempre apontam para perigos iminentes, motivos obscenos e esquemas secretos. Consideram a confiança ingênua, o zelo romântico e o perdão sentimental. Zombam do entusiasmo, ridicularizam o fervor espiritual e desprezam o comportamento carismático. Consideram-se realistas que vêem a realidade como realmente ela é e crêem que não são enganados por “emoções escapistas”. Mas quando subestimam a alegria de Deus, sua cegueira só leva a maior escuridão.

As pessoas que vieram a conhecer a alegria de Deus não negam o infortúnio, mas escolhem não viver nele.

Sustentam que a luz que brilha na escuridão é mais confiável que a escuridão em si e que um pouco de luz pode dispersar as trevas. Referem-se a vislumbres de luz aqui e ali e se recordam, entre elas, que são sinais da presença de Deus, invisível, mas verdadeiro. Descobrem que há pessoas que curam os sofrimentos dos outros, perdoam ofensas, dividem seus pertences, encorajam o espírito comunitário, comemoram os dons recebidos e vivem em constante antecipação da total manifestação da glória de Deus.

A cada momento, todos os dias, tenho a chance de escolher entre o ceticismo e a alegria. Cada pensamento que tenho pode ser de descrença ou de ação de graça. Cada palavra que profiro pode ser incrédula ou de gratidão. Cada ação pode ser cética ou de júbilo. Gradativamente percebo todas essas possíveis escolhas e gradativamente descubro que cada opção pela alegria acarreta por si mais alegria e faz que a vida se torne uma verdadeira comemoração na casa do Pai.

Jesus viveu intensamente essa alegria da casa do Pai. Nele podemos visualizar a alegria de seu Pai. “Tudo o que o Pai tem é meu”,⁸³ ele diz, inclusive a alegria de Deus sem limites. Essa alegria divina não elimina o divino pesar. Em nosso mundo, alegria e tristeza se excluem. Aqui embaixo, a alegria compreende a ausência de sofrimento e o sofrimento, a ausência de alegria. Mas essas distinções em Deus não existem. Jesus, o filho de Deus, é o homem das dores, mas também o homem de total alegria. Isto podemos vislumbrar quando compreendemos que, no meio de seu maior sofrimento, Jesus nunca é separado de seu Pai. Sua união com o Pai nunca se desfaz mesmo quando ele “se sente” abandonado por Deus. A alegria de Deus pertence à sua descendência e esta alegria de Jesus e do Pai é a mim oferecida. Jesus deseja que eu goze da mesma alegria de que ele desfrutava: “Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permanecei em meu amor. Se observais meus

83. Jo 16,15.

mandamentos, permanecereis no meu amor... Eu vos digo isso para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena”.⁸⁴

Como o filho de Deus que volta, habitando na casa do Pai, tenho direito à alegria de Deus. Há poucos minutos em minha vida em que eu não seja tentado pela tristeza, melancolia, descrença, mau humor, pensamentos sombrios, especulações mórbidas e ondas de depressão. E com muita frequência deixo que esses estados de espírito abafem a alegria da casa de meu Pai. Mas quando em verdade acredito que de fato regressei e que meu Pai já me vestiu com um manto, anel e sandálias, posso retirar a máscara de tristeza do meu coração e afugentar a mentira que acoberta o meu verdadeiro eu. Assim posso aspirar à verdade com a liberdade inerente ao filho de Deus.

Mas há mais. Uma criança não continua criança. Uma criança se torna um adulto. Um adulto vem a ser pai e mãe. Quando o *Filho Pródigo* volta à casa, ele retorna não para continuar criança, mas para tomar posse dos seus direitos de filho e ele mesmo vir a ser pai. Como o filho de Deus que volta, sendo convidado a reassumir meu lugar na casa de meu Pai, o desafio agora, sim, o chamado, é para que eu mesmo me torne o Pai. Estou pasmo com esse chamado. Por muito tempo vivi com a convicção que voltar à casa do meu Pai seria o chamado final. Foi necessário que tanto o filho mais velho quanto o mais novo, em mim existentes, se empenhassem em muito trabalho espiritual para retornar e receber o amor acolhedor do Pai. A verdade é que, sob muitos aspectos, estou ainda voltando. Mas quanto mais perto chego da casa, fica mais evidente a compreensão de que, além do chamado para a volta, há um outro chamado. É o apelo para que me torne o pai que acolhe e deseja festejar. Tendo recuperado minha filiação, tenho agora de reivindicar a paternidade. Quando vi pela primeira vez o *Filho Pródigo* de Rembrandt,

84. Jo 15,9-11.

nunca poderia imaginar que me tornar o filho que se arrepende era somente um passo a caminho da transformação no pai acolhedor. Vejo agora que as mãos que perdoam, consolam, curam e oferecem uma refeição festiva devem vir a ser as minhas. Tornar-me o pai é, portanto, a conclusão surpreendente destas reflexões sobre *A Volta do Filho Pródigo* de Rembrandt.

Conclusão

Tornar-se o pai

“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”

Um passo solitário

Quando vi pela primeira vez os detalhes da pintura do *Filho Pródigo* de Rembrandt, iniciou-se uma jornada espiritual que me levou a escrever este livro. Quando agora o concluo, descubro a longa jornada que percorri.

Desde o início estava preparado para aceitar que não somente o filho mais jovem, mas também o mais velho me revelariam um aspecto importante da minha jornada espiritual. Por muito tempo o pai continuou a ser “o outro”, aquele que me receberia, me perdoaria, oferecer-me-ia um lar e me daria paz e alegria. O pai era o lugar ao qual eu deveria voltar, o objetivo da minha jornada, o lugar onde encontraria o eterno descanso. Foi só aos poucos e muitas vezes com bastante sofrimento que cheguei a compreender que minha jornada espiritual nunca se completaria enquanto o pai fosse um estranho.

Ocorreu-me que, mesmo com a melhor formação espiritual e teológica, não conseguiria me libertar de um Deus Pai um tanto ameaçador e um tanto temível. Tudo o que eu aprendera a respeito do amor do Pai não me permitia me libertar de uma autoridade que tinha poder sobre

mim e que o usaria conforme a sua vontade. De um modo, o amor de Deus por mim era limitado pelo meu medo de seu poder e me parecia prudente manter uma distância razoável mesmo que o desejo por proximidade fosse imenso. Sei que inúmeras pessoas compartilham esse meu modo de pensar. Tenho visto como o medo de estar sujeito à vingança e castigo de Deus tem paralisado a vida mental e emocional de muita gente, independentemente de idade, religião ou estilo de vida. Este medo de Deus, paralisante, é uma das grandes tragédias humanas.

A pintura de Rembrandt e sua própria vida trágica ofereceram-me um contexto no qual descubro que o estágio final da vida espiritual põe de lado todo o medo do Pai a ponto de ser possível tornar-se como ele. Enquanto o Pai suscita medo, continua como estranho e não pode habitar em mim. Mas Rembrandt, que me mostrou o Pai extremamente vulnerável, fez-me compreender que a minha vocação final é realmente me tornar como o Pai e exercer no meu dia-a-dia sua divina compaixão. Apesar de que sou tanto o filho mais jovem como o mais velho, não devo permanecer como eles, mas me tornar o Pai. Nenhum pai ou mãe se tornaram pai e mãe sem antes ter sido filho ou filha, mas cada filho ou filha tem que, conscientemente, decidir pôr de lado sua infância e se tornar pai e mãe para outro. É um passo difícil e solitário a ser dado — especialmente num período da história em que a paternidade é difícil de ser bem exercida — mas é um passo essencial à realização da jornada espiritual.

Embora Rembrandt não coloque o pai fisicamente no centro da pintura, é claro que o pai é o centro do acontecimento que a obra retrata. Dele vem toda a luz, para ele vai toda a atenção. Rembrandt, fiel à parábola, quis que nossa primeira atenção se dirija ao pai antes de qualquer outra pessoa.

Fico surpreso como demorou para que eu colocasse o pai no centro de minha atenção. Era tão fácil me identificar com os dois filhos. Sua inconstância, aparente ou

íntima, é tão compreensível e tão profundamente humana que a identificação se faz quase espontaneamente logo que se fala do parentesco. Por muito tempo me identifiquei tão completamente com o filho mais jovem que nem me ocorreu que eu pudesse ser mais como o mais velho. Mas logo que um amigo disse: “Não é você o filho mais velho na história?” ficou difícil ver qualquer outra coisa. Aparentemente nós todos participamos, em grau maior ou menor, de todas as formas da imperfeição humana. Nem ganância, nem raiva, nem luxúria, nem ressentimento, nem frivolidade, nem ciúmes estão totalmente ausentes em cada um de nós. Nossa imperfeição humana pode ser vivida de muitas maneiras, mas não há ofensa, ciúme ou guerra que não tenha suas raízes em nossos próprios corações.

Mas o que acontece com o pai? Por que prestar tanta atenção nos filhos quando é o pai que está no centro e é com o pai que queremos nos identificar? Por que falar tanto em ser como os filhos quando a verdadeira questão é: “Você quer ser como o pai?”. É agradável poder dizer: “Estes filhos são como eu”. Dá uma impressão de ser entendido. Mas como seria poder dizer: “O Pai é como eu.”. Desejo ser como o Pai? Será que desejo ser não somente aquele que está sendo perdoado, mas também aquele que perdoa; não somente aquele que é bem-vindo, mas aquele que acolhe; não unicamente aquele que é tratado com compaixão, mas aquele que tem compaixão?

Não há por parte da Igreja e da sociedade uma pressão sutil para que nos mantenham como filhos dependentes? A Igreja, no passado, não pressionou à obediência de modo que ficasse difícil reivindicar paternidade espiritual e a nossa sociedade de consumo não nos tem encorajado a condescender com pueril auto-realização? Quem realmente tem nos interpelado para que nos libertemos da dependência imatura e aceitemos o fardo de adultos responsáveis? E não estamos nós mesmos constantemente tentando escapar à tarefa assustadora da paternidade? Rembrandt

certamente fez isso. Só depois de muita dor e sofrimento, quando se aproximava da morte, foi capaz de entender e pintar a verdadeira paternidade espiritual.

Talvez o pronunciamento mais radical feito por Jesus seja: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”.⁸⁵ A misericórdia de Deus é descrita por Jesus não simplesmente para me mostrar como Deus está disposto a sentir por mim ou a perdoar meus pecados e me oferecer uma vida nova e felicidade, mas também a me convidar a me assemelhar a Deus e a mostrar a outros a mesma compaixão que ele tem por mim. Se o único significado da história fosse que as pessoas pecam mas Deus perdoa, eu poderia facilmente começar a pensar sobre meus pecados como uma boa ocasião para que Deus me conceda seu perdão. Não haveria um verdadeiro desafio nessa interpretação. Eu me conformaria com as minhas fraquezas e esperaria que eventualmente Deus fecharia os olhos para elas e me permitiria voltar para casa, não importa o que eu fizesse. A mensagem dos Evangelhos não tem este romantismo sentimental.

O que devo concretizar é que seja eu o filho mais jovem ou o mais velho, sou o filho de meu Pai compassivo. Sou um herdeiro. Ninguém coloca isso mais claramente do que Paulo quando escreve: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus... e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados”.⁸⁶ Realmente, como filho e herdeiro devo me tornar sucessor. Devo tomar o lugar do meu Pai e oferecer a outros a mesma compaixão que ele teve por mim. A volta ao Pai é afinal de contas o desafio para me tornar o Pai.

Esse chamado para me tornar o Pai exclui qualquer interpretação “indulgente” da história. Sei o quanto eu quero voltar e me sentir seguro, mas realmente desejo ser

85. Lc 6,36.

86. Rm 8,16-17.

filho e herdeiro com tudo o que isso acarreta? Estar na casa do Pai exige que eu faça da vida do Pai a minha própria e me transforme em sua imagem.

Recentemente, olhando num espelho, fiquei impressionado vendo como eu me pareço com meu pai. Olhando para as minhas feições, vi de repente o homem que eu tinha visto quando tinha vinte e sete anos de idade: o homem que eu admirara e criticara também, que eu tinha amado e temido. Muito da minha energia tinha sido gasta em encontrar eu mesmo no rosto dessa pessoa, e muitas das minhas perguntas sobre quem eu era e quem eu deveria vir a ser haviam sido formuladas por ser o filho desse homem. De repente, quando vi esse homem aparecendo no espelho, fiquei surpreso com a noção de que todas as diferenças que eu notara durante toda a vida pareciam pequenas se comparadas com as semelhanças. Como num choque, entendi que eu era realmente herdeiro, sucessor, aquele que é admirado, temido, louvado e mal compreendido pelos outros, como meu pai foi para mim.

A paternidade da misericórdia

A pintura do *Filho Pródigo* de Rembrandt me faz compreender que não preciso mais usar minha filiação para me manter afastado. Tendo vivido meu papel de filho plenamente, chegou a hora de ultrapassar todas as barreiras e confessar a verdade que tudo o que desejo é me transformar no velho à minha frente. Não posso permanecer criança para sempre, não posso continuar usando meu pai como uma desculpa para a minha vida. Tenho que ousar estender minhas próprias mãos numa bênção e receber meus filhos com toda a compaixão, não importa o que eles sintam ou pensem a meu respeito; uma vez que tornar-me o Pai misericordioso é o objetivo final da vida espiritual, como é demonstrado na parábola e também na pintura de Rembrandt, preciso agora analisar o seu completo significado.

Primeiramente tenho que ter em mente o contexto no qual Jesus narra a história de “um homem que tinha dois filhos”. Lucas escreve: “Todos os publicanos e os pecadores estavam se aproximando para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: ‘Esse homem recebe os pecadores e come com eles’”.⁸⁷ Como um professor, eles questionam sua veracidade criticando sua proximidade com os pecaminosos. Em resposta, Jesus narra aos críticos as parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do *Filho Pródigo*.

Jesus quer deixar claro que o Deus de quem fala é um Deus de misericórdia que alegremente acolhe em sua casa pecadores arrependidos. Associar-se e sentar-se à mesa com pessoas de má reputação, portanto, não contradiz seu ensinamento sobre Deus mas, de fato, transpõe esta norma para o dia-a-dia. Se Deus perdoa os pecadores, então certamente aqueles que têm fé devem fazer o mesmo. Se Deus recebe em casa os pecadores, então certamente aqueles que confiam em Deus devem fazer o mesmo. Se Deus é misericordioso, então com certeza os que amam Deus devem também ser misericordiosos. O Deus que Jesus anuncia, e em nome de quem age, é o Deus da compaixão, o Deus que oferece a si mesmo como exemplo e modelo para todo o comportamento humano.

Mas há mais. Tornar-se como o Pai celestial não é só um aspecto importante da pregação de Jesus, é a essência de sua mensagem. A qualidade por excelência das suas palavras, e o fato de seus apelos serem aparentemente inexequíveis, são um tanto óbvios quando ouvidos como parte de um chamado geral para nos tornarmos verdadeiros filhos e filhas de Deus.

Enquanto pertencermos a este mundo ficaremos sujeitos a seus traços competitivos e esperamos ser recompensados por todo o bem que fizemos. Mas quando pertencemos a Deus, que nos ama incondicionalmente, pode-

87. Lc 15,1-2.

mos viver como ele. A grande conversão que Deus pede é deixar de pertencer ao mundo para pertencer a Deus.

Quando, pouco antes da sua morte, Jesus reza ao Pai pelos seus discípulos, ele diz: “Eles não são do mundo como eu não sou do mundo... que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”.⁸⁸

Uma vez que estamos na casa de Deus como filhos e filhas de sua família, podemos ser como ele. Jesus não deixa dúvidas a respeito disso quando explica: “Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente. Muito pelo contrário, amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para com os ingratos e com os maus. Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”.⁸⁹

Esta é a essência da mensagem do Evangelho. A maneira como os seres humanos são chamados a amar uns aos outros com o mesmo amor desprendido que vimos na pintura do *pai* de Rembrandt. A misericórdia com a qual somos chamados a amar não pode se basear num estilo de vida competitivo. Tem de ser esta compaixão absoluta na qual nenhum traço de competição pode ser achado. Tem de ser esse amor radical do inimigo. Se devemos não somente ser recebidos por Deus, mas também receber como Deus, devemos nos tornar como nosso Pai celestial e ver o mundo através dos seus olhos.

Mas, mais importante que o contexto da parábola e o ensinamento explícito de Jesus é a própria pessoa de

88. Jo 17,16-21.

89. Lc 6,32-36.

Jesus. Jesus é o verdadeiro Filho do Pai. Ele é o modelo para que nos tornemos o Pai. Nele reside a plenitude de Deus. Toda a sabedoria de Deus reside nele; toda a glória de Deus permanece nele; todo o poder de Deus pertence a ele. Sua união com o Pai é tão íntima e tão completa que ver Jesus é ver o Pai. “Mostra-nos o Pai”, diz-lhe Filipe. Jesus responde: “Quem me vê, vê o Pai”.⁹⁰

Jesus nos mostra o que é a verdadeira filiação. Ele é o filho mais jovem sem ser rebelde. Ele é o filho mais velho sem ser ressentido. Em tudo é obediente ao Pai, mas nunca seu escravo. Ele ouve tudo o que o Pai lhe diz, mas isso não o torna seu servo. Ele faz tudo o que o Pai lhe manda fazer, mas permanece completamente livre. Ele dá tudo e recebe tudo. Ele fala abertamente: “Em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz; e lhe mostrará obras maiores do que essas para que vós admireis. Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer. Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai”.⁹¹

Esta é a filiação divina. E é a esta filiação que sou chamado. O mistério da redenção é que o Filho de Deus se tornou carne de modo que todos os filhos perdidos de Deus pudessem se tornar filhos e filhas como Jesus é filho. Nesta perspectiva, a história do *Filho Pródigo* assume uma nova dimensão. Jesus, o Bem-amado do Pai, deixa a casa do Pai para carregar os pecados dos filhos errantes de Deus e trazê-los de volta. Mas, ao sair, permanece junto ao Pai e através de completa obediência oferece cura a seus irmãos e irmãs ressentidas. Assim, por minha causa, Jesus se torna o filho mais jovem e também o filho mais

90. Jo 14,9.

91. Jo 5,19-23.

velho, de modo a me mostrar como me tornar o Pai. Por seu intermédio posso me tornar novamente um autêntico filho e, como filho autêntico, finalmente posso crescer para me tornar misericordioso como o meu Pai celestial é.

À medida que passam os meus anos de vida, descubro como é difícil e complicado, mas também compensador, crescer nessa paternidade espiritual. A pintura de Rembrandt elimina qualquer pensamento que tenha algo que ver com poder, influência ou controle. Posso alguma vez ter tido a ilusão de que um dia os diversos chefes se iriam e que poderia finalmente ser eu mesmo o chefe. Mas esse é o jeito do mundo no qual o poder é o principal objetivo. E não é difícil ver que aqueles que tentaram a maior parte de suas vidas se livrar de seus patrões não serão muito diferentes de seus antecessores quando finalmente ocuparem seus lugares. Paternidade espiritual não tem nada a ver com poder ou controle. É uma paternidade de misericórdia. E, para ter uma idéia disto, tenho de continuar olhando para o pai abraçando o *Filho Pródigo*.

Apesar de minhas melhores intenções, continuamente me descubro empenhado em adquirir poder. Quando dou conselho, quero saber se está sendo seguido; quando ofereço ajuda, quero que me agradeçam; quando dou dinheiro, espero que seja gasto a meu modo; quando faço algo de bom, desejo ser lembrado. Posso não ganhar uma estátua, ou mesmo uma placa comemorativa, mas estou constantemente preocupado que eu não seja esquecido; que, de alguma maneira, estarei presente nos pensamentos e ações de terceiros.

Mas o pai do *Filho Pródigo* não se preocupa com ele mesmo. Sua longa vida de muitos sofrimentos fez desaparecer suas aspirações de manter controle da situação. Seus filhos são sua única preocupação; a eles ele quer se dedicar inteiramente e por eles quer se doar por completo.

Posso eu dar sem esperar algo de volta, amar sem estabelecer condições? Considerando minha imensa necessidade de reconhecimento e afeto, eu me dou conta de que

será uma luta por toda a minha vida. Mas também estou convencido que de cada vez que me sobreponho a esta solicitação e atuo livremente, não esperando retorno, posso confiar que minha vida poderá realmente produzir os frutos do Espírito de Deus.

Há um caminho para essa paternidade espiritual? Ou estou condenado a permanecer tão sujeito à minha necessidade de encontrar um lugar no meu mundo que acabo sempre por usar a autoridade do poder em vez da autoridade da misericórdia? Será que a competição invadiu de tal maneira todo o meu ser que continuarei a enxergar meus filhos como rivais? Se Jesus realmente me chama para ser misericordioso como o meu Pai celestial é compassivo e se Jesus se oferece como o caminho para essa vida de misericórdia, então não posso continuar agindo como se a competição fosse, de fato, a última palavra. Devo confiar que sou capaz de me tornar o Pai que sou chamado a ser.

Pesar, perdão e generosidade

Olhando para a pintura do pai, de Rembrandt, posso ver três caminhos para uma paternidade verdadeiramente compassiva: pesar, perdão e generosidade.

Poderia parecer estranho incluir pesar como um caminho para a compaixão. Mas é. Pesar requer permitir que os pecados do mundo — os meus inclusive — firam o meu coração e me façam derramar lágrimas, muitas lágrimas por eles. Não há compaixão sem muitas lágrimas. Se não podem ser lágrimas que jorrem dos meus olhos, têm de ser ao menos lágrimas que brotem do meu coração.

Quando penso na imensa obstinação dos filhos de Deus, nossa luxúria, nossa ganância, nossa violência, nossa raiva, nosso ressentimento, e quando olho para tudo isso com os olhos do coração de Deus, não posso senão prantear e bradar pesarosamente:

Olha, minha alma, como um ser humano tenta causar tanto sofrimento quanto possível a outro; olha para aquelas pessoas tramando fazer mal a seus companheiros; olha para aqueles pais hostilizando os seus filhos; olha para aquele proprietário de terras explorando os seus operários; olha para as mulheres violentadas, os homens seviciados, as crianças abandonadas. Olha, minha alma, vê os campos de concentração, as prisões, os asilos, os hospitais, e ouve os lamentos dos pobres.

Esse lamento é oração. Sobram tão poucos que lamentam neste mundo. Mas o lamento é o exercício do coração que vê os pecados do mundo e sabe por si mesmo ser o triste preço da liberdade sem a qual o amor não pode florescer. Estou começando a perceber que muito da oração é contristar-se. O pesar é tão profundo não somente porque o pecado humano é tão grande, mas também — e mais ainda — porque o amor de Deus é tão ilimitado. Para me tornar como o Pai de quem a única autoridade é a misericórdia, tenho de verter inúmeras lágrimas e assim preparar meu coração para receber qualquer pessoa, não importa qual tenha sido a sua jornada, e perdoá-la com esse coração.

O segundo caminho que leva à paternidade espiritual é o perdão. É através do perdão constante que nos tornamos como o Pai. Perdoar de coração é muito, muito difícil. É quase impossível. Jesus disse aos seus discípulos: “Quando o teu irmão pecar contra ti sete vezes por dia e sete vezes retornar, dizendo ‘Estou arrependido’, tu o perdoarás”.⁹²

Muitas vezes eu disse: “Eu o perdôo”, mas mesmo quando dizia essas palavras, meu coração permanecia zangado ou ressentido. Eu ainda queria ouvir que eu, afinal de contas, estava certo; ainda queria ouvir justificativas e

92. Lc 17,4.

desculpas, ainda queria ter a satisfação de receber de volta elogios — pelo menos o reconhecimento de ser tão capaz de perdoar!

Mas o perdão de Deus é incondicional; vem de um coração que não pede nada para ele mesmo; um coração totalmente vazio de pretensões próprias. É esse perdão divino que devo praticar na minha vida diária. Pede que eu deixe de repisar meus argumentos que dizem que a clemência não é sábia, é pouco saudável e pouco prática. Conclama-me a deixar de lado toda a minha necessidade de gratidão e de cumprimentos. Finalmente, pede-me que eu passe por cima daquela parte do meu coração que está magoada e ofendida e que deseja manter controle, colocando umas tantas condições entre mim e aquele a quem devo perdoar.

Esse “passar por cima” é o verdadeiro exercício do perdão. Talvez seja mais “transpor” do que “passar por cima”. Muitas vezes tenho que transpor a barreira dos argumentos e sentimentos de irritação que erigi entre mim e todos aqueles que eu amo e que com frequência não correspondem a esse amor. É uma barreira de medo de ser usado ou magoado novamente. É um muro de orgulho, e de desejo de manter o controle. Mas todas as vezes que posso passar por cima ou transpor esse muro, entro na casa onde habita o Pai, e lá chego perto do meu vizinho com amor sincero e misericordioso.

O sentimento de pesar me permite ver além do meu muro e me dar conta do sofrimento enorme que resulta da perdição humana. Abre meu coração para uma solidariedade sincera com meus concidadãos. Perdoar é a maneira de transpor a barreira e acolher os outros em meu coração sem esperar nada em troca. Somente quando me lembro que sou o filho Bem-amado posso acolher aqueles que querem voltar com a mesma compaixão com a qual o Pai me recebe.

O terceiro caminho para se tornar como o Pai é o da generosidade. Na parábola, o Pai não somente dá a seu

filho tudo o que pede, mas também o cumula de presentes na sua volta. E para seu filho mais velho diz: “Tudo o que é meu é teu”.⁹³ Não há nada que o Pai reserve para si mesmo. Ele se doa em profusão a seus filhos.

Ele não somente oferece mais do que seria razoável esperar de alguém que foi ofendido; não, ele se dá todo, sem reserva. Ambos os filhos são “tudo” para ele. Ele deseja despejar sobre eles sua própria vida. O modo como o filho mais jovem ganha manto, anel e sandálias, e é recebido em casa com uma festa pomposa, como também a maneira pela qual o filho mais velho é convidado a aceitar seu lugar ímpar no coração de seu pai e a sentar-se à mesa com seu irmão mais jovem, tornam claro que todas as barreiras de um comportamento patriarcal foram derrubadas. Esta não é a figura de um pai especial. Esta é a descrição de Deus cuja bondade, amor, clemência, zelo, alegria e compaixão não têm quaisquer limites. Jesus mostra a generosidade de Deus usando todas as imagens da cultura daquela época, embora muitas vezes transformando-as.

Para me tornar como o Pai, preciso ser tão generoso como o pai é generoso. Da mesma maneira que o Pai se doa ele mesmo a seus filhos, também devo me doar aos meus irmãos e irmãs. Jesus mostra muito claramente que é precisamente essa doação de si mesmo que é a marca do verdadeiro discípulo. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.⁹⁴

Essa doação de si mesmo é um exercício porque é algo que não ocorre espontaneamente. Como filhos das trevas que se manifestam através do medo, interesse próprio, ganância e poder, nossos grandes estímulos são a sobrevivência e a autopreservação. Mas como filhos da luz que sabem que o verdadeiro amor expulsa todo o medo, torna-se possível nos despojarmos de tudo pelos outros.

93. Lc 15,31.

94. Jo 15,13.

Como filhos da luz, preparamo-nos para nos tornar verdadeiros mártires: gente que dá testemunho com suas vidas do ilimitado amor de Deus. Dar tudo resulta em ganhar tudo. Jesus expressa isto claramente quando diz: “O que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la”.⁹⁵

Todas as vezes que dou um passo em direção à generosidade, sei que estou me movendo do medo para o amor. Mas esses passos pelo menos no princípio, são difíceis de dar porque há muitas emoções e sentimentos que me impedem de dar livremente. Por que daria eu energia, tempo, dinheiro e, sim, até atenção a alguém que me ofendeu? Por que dividiria eu minha vida com alguém que por ela não mostrou nenhum respeito? Eu poderia ser capaz de perdoar, mas, além disso, dar!

Entretanto... a verdade é que, no sentido espiritual, a pessoa que me ofendeu pertence à minha “espécie”, minha “gen”. A palavra generosidade inclui o prefixo “gen” que também achamos na palavra “gênero”, “geração” e “generativo”. Esta palavra, do latim *genus* e do grego *genos*, refere-se a sermos da mesma espécie. Generosidade é um doar que vem do conhecimento desse laço íntimo. A verdadeira generosidade é agir com base na verdade — e não no sentimento — que aqueles que devo perdoar são da mesma “parentela”, pertencem à minha família. E quando procedo dessa maneira, essa verdade se torna evidente para mim. A generosidade cria essa família e nela crê.

O pesar, o perdão e a generosidade são, portanto, os três caminhos pelos quais a imagem de Deus pode crescer em mim. São três aspectos do chamado do Pai para *estar* em casa. Como o Pai não sou mais *chamado* a voltar para casa como o filho mais jovem ou o mais velho, mas para *estar* lá como aquele a quem os filhos obstinados de Deus podem voltar e ser acolhidos com alegria. É muito difícil somente *estar* em casa e esperar. É uma espera sofrida por

95. Mc 8,35.

aqueles que se foram e uma espera com confiança querendo oferecer perdão e vida nova àqueles que irão voltar.

Como o Pai, tenho de crer que tudo o que o coração humano deseja pode ser encontrado em casa. Como o Pai, devo estar livre da necessidade de vagar por aí curiosamente e procurar o que eu poderia achar que teriam sido oportunidades perdidas na infância. Como o Pai, tenho de saber que, na verdade, minha juventude passou e que brincar de jogos da juventude não é nada mais do que uma tentativa ridícula para encobrir a verdade que estou velho e próximo da morte. Como o Pai, devo ousar assumir a responsabilidade de uma pessoa espiritualmente adulta e confiar que a verdadeira alegria e total realização podem somente advir de acolher em casa aqueles que foram feridos e magoados na sua caminhada, e amá-los com amor que não pede nem espera nada de volta.

Há um tremendo vazio nesta paternidade espiritual. Não há poder, não há sucesso, não há popularidade nem fácil satisfação. Mas esse enorme vazio é também o lugar de verdadeira liberdade. É o lugar onde não há “nada mais a perder”,⁹⁶ onde o amor não tem amarras, e onde se encontra verdadeira força espiritual.

Cada vez que me ponho em contato com esse vazio, terrível mas proveitoso, sei que ali posso acolher qualquer pessoa sem condenar e oferecer esperança. Ali me sinto livre para receber os pecados de outros sem precisar avaliar, classificar ou analisar. Ali, num estado de espírito totalmente isento de julgamento, posso engendrar como transmitir confiança.

Uma vez, enquanto visitava um amigo agonizante, vivi esta experiência de um vazio abençoado. Na presença de meu amigo, não senti vontade alguma de perguntar sobre o passado ou investigar o futuro. Estávamos somen-

96. Veja a canção “Me and Bobby McGee”, de Janis Joplin, com a frase “Liberdade é só outra palavra para nada mais a perder”.

te juntos, sem medo, sem culpa ou pudor, sem preocupações. Naquele vazio, o amor incondicional de Deus podia ser sentido e podíamos dizer o que o velho Simeão disse quando pegou o menino Jesus nos seus braços: “Agora, Senhor, conforme a tua promessa, podes deixar o teu servo partir em paz”.⁹⁷ Ali, no meio de um vazio terrível, havia total confiança, paz e alegria absolutas. A morte não era mais o inimigo. O amor era vitorioso.

Cada vez que encontramos essa vacuidade sagrada do amor que nada exige, os céus e a terra tremem e “há alegria diante dos anjos de Deus”.⁹⁸ É a alegria pelos filhos e filhas que voltam. É a alegria da paternidade espiritual.

Para viver esta paternidade espiritual é necessário ter verdadeira disciplina de estar em casa. Como uma pessoa que sempre se rejeita à procura de afirmação e afeto, acho impossível amar consistentemente sem pedir algo de volta. Mas o objetivo é precisamente desistir que eu mesmo consiga isso como uma proeza heróica. Para fazer jus à paternidade espiritual e à conseqüente autoridade compassiva, tenho de deixar que o rebelde filho mais jovem e o ressentido filho mais velho, subam à plataforma para receber o amor incondicional, misericordioso que o Pai me oferece, e descobrir ali o chamado para estar em casa como meu Pai está em casa.

Assim ambos os filhos em mim podem gradativamente ser transformados no Pai misericordioso. A transformação leva à realização do mais profundo desejo do meu coração inquieto. Pois que alegria maior posso ter do que estender meus braços cansados e deixar minhas mãos descansarem sobre os ombros dos meus filhos que voltam, abençoando-os?

97. Lc 2,29.

98. Lc 15,10.

Epílogo

Vivendo a pintura

Quando vi o pôster de Rembrandt pela primeira vez no outono de 1983, toda a minha atenção se voltou para as mãos do velho pai apertando contra o peito o filho que volta. Vi perdão, reconciliação, cura; vi também segurança, descanso, estar em casa. Fui tão profundamente tocado por essa imagem do abraço de dar a vida entre pai e filho porque tudo em mim ansiava ser recebido do mesmo modo que o *Filho Pródigo* foi recebido. Esse encontro passou a ser o começo da minha volta.

A comunidade *A Arca* aos poucos se tornou a minha casa. Nunca em minha vida eu sonhara que homens e mulheres com deficiência mental seriam aqueles que poriam suas mãos em mim num gesto de bênção e me ofereceriam um lar. Por muito tempo eu procurara proteção e segurança entre os eruditos e talentosos, mal compreendendo que as coisas do Reino eram reveladas aos “pequenos”;⁹⁹ “o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios”.¹⁰⁰

Mas quando experimentei a acolhida calorosa e modesta daqueles que não têm do que se gabar, e recebi um abraço carinhoso de pessoas que não faziam quaisquer perguntas, comecei a descobrir que uma verdadeira volta

99. Mt 11,25.

100. 1Cor 1,27.

espiritual quer dizer uma volta aos pobres em espírito a quem o Reino do Céu pertence. O abraço do Pai tornou-se muito real para mim nos abraços dos mentalmente pobres.

Ter primeiramente visto a pintura quando em visita a uma comunidade de deficientes mentais permitiu-me estabelecer uma ligação que está profundamente enraizada no mistério de nossa salvação. É a associação entre a bênção dada por Deus e a bênção dada pelos pobres. N'A *Arca* passei a ver que essas bênçãos são na verdade uma só. O mestre holandês não só me pôs em contato com os mais profundos anseios do meu coração, mas também levou-me a descobrir que tais anseios poderiam ser satisfeitos na comunidade onde primeiro o encontrei.

Faz agora mais de seis anos desde que vi o pôster de Rembrandt em Trosly e cinco anos desde que resolvi fazer de A *Arca* o meu lar. Quando reflito sobre esse tempo entendo que as pessoas com deficiência mental e aqueles que os assistem fizeram com que eu "vivesse" a pintura de Rembrandt mais completamente do que eu poderia imaginar. As recepções afetuosas que tenho recebido em muitas das comunidades d'A *Arca* e as muitas comemorações das quais tenho participado fizeram com que eu vivesse profundamente a volta do filho mais jovem. Boas-vindas e festividades são, certamente, duas das principais características da vida n'A *Arca*. Há tantas demonstrações de acolhida, abraços e beijos, canções, brincadeiras e refeições festivas que, para um estranho, A *Arca* pode parecer uma comemoração interminável de boas-vindas.

Eu também vivi a história do filho mais velho. Eu não tinha realmente visto como o filho mais velho pertence ao *Filho Pródigo* de Rembrandt até ir a São Petersburgo e ver todo o quadro. Aí eu descobri a tensão que Rembrandt invoca. Não há somente a reconciliação cheia de luz entre o pai e o filho mais jovem, mas também a distância sombria e ressentida do filho mais velho. Há arrependimento, mas também raiva. Há comunhão, mas também distanciamento. Há o brilho cáldo da cura, mas também a frieza

do olho crítico; há a oferta da misericórdia, mas também enorme resistência para recebê-la. Não demorou para que eu descobrisse o filho mais velho em mim.

A vida na comunidade não afasta o lado sombrio. Ao contrário. Parece que a luz que me atraía para *A Arca* também me tornou consciente das trevas em mim mesmo. Ciúmes, raiva, o sentimento de ser rejeitado ou negligenciado — tudo isso veio à tona no contexto de uma comunidade lutando por uma vida de perdão, reconciliação e cura. A vida comunitária levou-me a uma verdadeira contenda espiritual: o esforço para continuar caminhando em direção à luz precisamente quando a escuridão é tão real.

Enquanto eu vivia por minha conta, parecia muito fácil manter o filho mais velho fora de foco. Mas dividir a vida com pessoas que não escondem seus sentimentos logo me pôs em confronto com o filho mais velho. Há pouco romantismo numa vida comunitária. Há a necessidade constante de avançar das trevas abrangentes para a plataforma do abraço do pai.

Deficientes mentais têm pouco a perder. Sem engano eles me mostram quem são. Abertamente expressam seu amor e igualmente seu medo, sua delicadeza e igualmente sua angústia, sua generosidade e igualmente seu egoísmo. Sendo simplesmente quem são, rompem minhas defesas elaboradas e exigem que seja tão franco com eles como são comigo. Sua incapacidade descortina a minha própria. Sua angústia espelha a minha. Suas fraquezas mostram-me as minhas. Forçando-me a enfrentar em mim o filho mais velho, *A Arca* abriu o caminho para trazê-lo para casa. As mesmas pessoas deficientes que me acolheram e me convidaram a festejar também me mostraram o meu eu ainda não convertido e fizeram-me entender que a jornada estava longe de ser completada.

Apesar de que estes achados tiveram profundo impacto em minha vida, a maior dívida d'*A Arca* foi o desafio de me tornar o pai. Sendo mais velho do que a maioria

dos membros da comunidade e sendo também seu pastor, parece natural pensar em ser o pai. Porque fui ordenado, já tenho o título: Agora tenho de corresponder.

Tornar-me o Pai numa comunidade de deficientes mentais e daqueles que os assistem exige muito mais do que emaranhar-se nas lutas do filho mais jovem e do filho mais velho. O Pai de Rembrandt é um pai esvaziado pelo sofrimento. Através das muitas mortes que sofreu, tornou-se inteiramente livre para receber e dar. Suas mãos estendidas não estão pedindo, agarrando, exigindo, prevenindo, julgando ou condenando. São mãos que somente abençoam, tudo dando e nada pedindo em troca.

Vejo-me agora diante da difícil e aparentemente impossível tarefa de me libertar da criança que está em mim. Paulo diz claramente: "Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança".¹⁰¹ É confortável ser o instável filho mais jovem ou o filho mais velho indignado.

Nossa comunidade está cheia de filhos instáveis e indignados, e estando cercados pelos seus iguais existe uma sensação de solidariedade. Entretanto, quanto mais faço parte dessa comunidade, tanto mais a solidariedade desponta como uma parada na estrada para um destino muito mais solitário: a solidão do Pai, a solidão de Deus, a solidão definitiva da compaixão. A comunidade não precisa de mais um filho, mais jovem ou mais velho, convertido ou não, mas de um pai que viva com mãos estendidas, sempre querendo deixá-las descansar nos ombros de seus filhos que voltam. Entretanto, tudo em mim resiste a esta vocação. Fico me agarrando à criança em mim existente. Não quero ser parcialmente cego; quero ver claramente o que acontece à minha volta. Não quero esperar até que meus filhos voltem ao lar; quero estar com eles quer estejam num país distante ou no campo com os trabalhadores.

101. 1Cor 13,11.

Não quero guardar silêncio sobre o que aconteceu; estou curioso para ouvir toda a história e ter inúmeras perguntas para fazer. Não desejo continuar estendendo minhas mãos quando há tão poucos querendo ser abraçados, principalmente quando pais e figuras paternas são por muitos considerados como a fonte de seus problemas.

E, entretanto, depois de uma longa vida como filho, sei sem dúvida que o verdadeiro chamado é para tornar-me o pai que somente abençoa com infinita compaixão, sem fazer perguntas, sempre dando e perdendo, nunca esperando qualquer coisa de volta. Numa comunidade, tudo isso é muitas vezes sensivelmente perturbador. Quero saber o que está acontecendo. Quero me envolver nos altos e baixos das vidas das pessoas. Quero ser lembrado, convidado, informado. Mas o fato é que poucos se dão conta do que desejo e aqueles que o fazem não sabem como corresponder. As pessoas à minha volta, quer deficientes ou não, não estão procurando outro pai, outro companheiro e nem mesmo um irmão. Procuram um pai que possa abençoar e perdoar sem precisar deles da maneira que eles necessitam dele. Vejo claramente a realidade da minha vocação para ser um pai; ao mesmo tempo, parece-me quase impossível segui-la. Não quero ficar em casa quando todos saem, quer levados por seus inúmeros anseios ou por inúmeras irritações. Sinto estes mesmos impulsos e desejo circular como os outros fazem! Mas quem vai estar em casa quando eles voltarem — cansados, exaustos, nervosos, desapontados, culpados ou envergonhados? Quem vai convencê-los que depois de tudo dito e feito há um lugar seguro ao qual é possível voltar e receber um abraço? Se não for eu, quem será? A alegria da paternidade é totalmente diferente do prazer dos filhos instáveis. É uma alegria que supera a repulsa e a solidão; sim, ultrapassa a afirmação e a comunidade. É a alegria de uma paternidade que se origina do Pai celestial¹⁰² e compartilha de sua divina solidão.

102. Cf. Ef 3,14.

Não me surpreende que bem poucas pessoas queiram exercer essa paternidade. Os sofrimentos são muitos, as alegrias bem pouco visíveis. E, no entanto, não a desejando, eu me furto à minha responsabilidade de adulto espiritualmente maduro. Sim, eu até atração a minha vocação. Nada menos do que isso! Mas como posso escolher algo que me parece tão contrário às minhas necessidades? Uma voz me diz: “Não tenhais medo. A Criança o tomará pela mão e o conduzirá à paternidade”. Sei que esta voz é confiável. Como sempre, os pobres, os fracos, os marginais, os rejeitados, os esquecidos, os menos... eles não somente precisam de mim para ser seu pai, mas também me mostram como ser um pai para eles. Verdadeira paternidade é compartilhar da pobreza do amor não exigente de Deus. Tenho medo de participar dessa pobreza, mas aqueles que já fazem parte dela, através de suas deficiências físicas ou mentais, serão meus mestres.

Olhando para as pessoas com quem vivo, os homens e mulheres deficientes, bem como para os que cuidam deles, vejo o enorme anseio por um pai no qual paternidade e maternidade sejam uma só. Todos sofreram por terem sido rejeitados ou abandonados; todos foram magoados conforme cresciam; todos se perguntam se merecem o amor incondicional de Deus e todos percorrem o lugar para onde possam voltar com segurança e serem tocados por mãos que os abençoem.

Rembrandt retrata o pai como o homem que ultrapassou o caminho dos filhos. Sua própria solidão e raiva podem ter estado presentes, mas foram transformadas pelo sofrimento e pelas lágrimas. Seu isolamento se transformou em interminável solidão, sua raiva em ilimitada gratidão. Esse é quem eu devo vir a ser. Entendo isso claramente quando me defronto com a beleza incomparável do vazio do pai e sua compaixão. Posso deixar o filho mais jovem e o mais velho amadurecer em mim chegando ao pai misericordioso?

Quando, há quatro anos, fui a São Petersburgo para ver *A Volta do Filho Pródigo* de Rembrandt, não fazia idéia de quanto teria de viver o que então estava vendo. Coloco-me com estupefação diante do lugar ao qual Rembrandt me trouxe. Guiou-me do jovem ajoelhado, desgrenhado, ao pai em pé, curvado e velho; do local de ser abençoado à posição de abençoar. Quando olho para minhas mãos envelhecidas, sei que me foram dadas para serem estendidas em direção de todos aqueles que sofrem, para pousarem sobre os ombros de todos os que vierem e para oferecerem a bênção que emerge da imensidão do amor de Deus.

N.T.: As citações bíblicas foram extraídas da *Bíblia de Jerusalém* Ed. Paulinas, São Paulo, 1985.

Agradecimentos

Quando penso nas inúmeras pessoas que me ajudaram enquanto eu escrevia este livro, as primeiras duas que me vêm à mente são Connie Ellis e Conrad Wieczorek. Connie Ellis passou por todas as etapas do manuscrito. O seu trabalho de secretária entusiasta, dedicada e competente não só me ajudou a prosseguir nos momentos difíceis, mas também fez que nos momentos de desânimo eu permanecesse confiante no valor do que estava fazendo. Conrad Wieczorek deu-me colaboração indispensável desde os primeiros esboços do livro até o término. Agradeço muito pela generosidade com que dispôs do seu tempo e energia para que o texto fosse editado e pelas sugestões de mudança na forma e no conteúdo.

Outros tantos amigos tiveram participação importante na reelaboração desta obra. Elizabeth Buckley, Brad Colby, Ivan Dyer, Bart Gavigan, Jeff Imbach, Don McNeill, Sue Mosteller, Glenn Peckover, Jim Purdie, Esther de Waal e Susan Zimmerman deram significativa colaboração. Muitos dos retoques resultaram do seu aconselhamento.

Uma palavra muito especial de gratidão a Richard White. A magnanimidade com a qual me ofereceu o próprio apoio e sua experiência profissional deram-me o incentivo necessário para que este livro chegasse à forma definitiva.

Concluindo, quero manifestar particular reconhecimento a três pessoas que morreram antes da publicação do livro: Murray McDonnell, David Osler e Madame

Pauline Vanier. A ajuda pessoal e financeira de Murray, a amizade de David e sua calorosa acolhida ao primeiro esboço, e a hospitalidade de Madame Vanier durante a época da redação, tudo isso representou para mim um estímulo muito grande. Sinto muita falta destes meus amigos, mas sei que o seu amor é muito mais forte do que a morte e será sempre, para mim, uma fonte de inspiração.

Dá-me grande alegria poder pensar neste livro como um verdadeiro fruto da amizade e do amor.

Anexo

Panegírico feito por Jean Vanier no funeral de Henri Nouwen em Utrecht na quarta-feira 25/09/1996

Ao longo dos anos em que conheci Henri ele sempre surpreendeu. A gente nunca sabia o que ia acontecer! E, assim, ele nos surpreendeu a todos, sábado de manhã. Sua família viu como ele estava bem e eu havia falado com ele sexta-feira à noite. Depois, no sábado, morreu.

Havia mistério em torno de Henri. Exatamente há quarenta anos ele estava prostrado nestes degraus para ser ordenado padre, nestes mesmos degraus onde hoje jaz o seu corpo. É, Henri voltou ao seu lar na Holanda e amanhã seu corpo irá retornar à sua comunidade. Sabemos todos quão importante o lar era para Henri. Henri teve muitas oportunidades de se dirigir a pessoas agonizantes e de as assistir. Sinto-me muito emocionado tendo sido solicitado a dizer algumas palavras sobre Henri perante sua família, seu pai, irmãos e irmã; perante sua família d'O *Amanhecer* e d'A *Arca*, perante a família de seus amigos.

Tendo conhecido Henri por alguns anos, a primeira coisa que quero dizer é que ele era um homem de muita energia, visão e discernimento, mas também um homem de muita dor. A angústia era frequentemente a força motriz de suas atividades, de sua marcha. De muitas maneiras ele era um homem em movimento. Sempre me emocionava

sentir a profundidade de sua dor. Mas Henri havia descoberto algo, porque, embora de algum modo estivesse fugindo da dor, ao mesmo tempo optou por caminhar lado a lado com o sofrimento; aceitou a angústia; não construiu barreiras para se proteger. De maneira misteriosa era um “médico ferido”* (*wounded healer*), o título de um de seus primeiros livros. Realmente, ele era um terapeuta ferido e, sob múltiplos aspectos, um homem ferido, buscando, desejando intensamente, clamando. Uma pessoa brilhante e sofrida que passou pelos anos de mudanças na Igreja e no mundo, pois o nosso é um mundo que se transforma de maneira bela e assustadora.

* N. T. A expressão se origina da mitologia grega e se refere ao centauro Chíron. Chíron era o mais célebre dos centauros; famoso pela sua sabedoria e conhecimento da arte de curar. Acidentalmente ferido por uma flecha envenenada, “é ele que instrui os heróis na arte da medicina e da música” e torna-se o mestre de Esculápio (Asclépio), o deus grego da medicina.

Quirão, em grego Kheiron, “que trabalha ou age com as mãos”, *cirurgião*, pois que esse centauro foi um *grande médico*, que sabia muito bem compreender seus pacientes, por ser um *médico ferido*. (BRANDÃO, Junito de Souza - *Mitologia Grega* - volume II, capítulo 3º, p. 90).

Bastante difundida na psicologia junguiana, essa figura do “médico ferido” é o ponto de partida do estudo realizado por C. Jess Groesbeck, publicado no “Journal of Analytical Psychology”, de Londres, e transcrito na “Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica”, nº 1, pp. 72/96, Petrópolis, 1983. Tomo a liberdade de citar alguns trechos do artigo que considero essenciais para a compreensão do tema:

p. 74: “Depois disso, Esculápio é entregue a Chíron, o centauro, para ser educado. Chíron já é conhecido e versado na arte de curar, e habita uma caverna no cimo do Monte Pelion. Kerényi afirma: “Tudo em Chíron, o médico divino e ferido... o faz parecer a mais contraditória figura de toda a mitologia grega. Apesar de ser um deus grego, sofre de uma ferida incurável;”

p. 93: No fundo, o próprio sofrimento é a fonte de um poder curativo e este “poder é o processo criativo”. Por esta razão “só um homem ferido pode curar, pode ser um médico”.

O mundo de sua ordenação em 1957 não era o mundo de hoje, 39 anos mais tarde. Hoje, o mundo e a Igreja em movimento mudam de forma inacreditável. Henri era um médico ferido implorando amizade e amor. Ele era também extremamente fiel na amizade e no amor. Da psicologia ao início de seus ensinamentos sobre espiritualidade, de Notre Dame a Yale e depois a Harvard, do Peru à Nicarágua. Era apaixonadamente interessado em tudo, pinturas, música, todas as expressões de arte e de teatro, mas acima de tudo em gente: gente de circo, gente com AIDS, gente das favelas da América Latina, bem como em gente bem comum. Estava procurando, suplicando, buscando, alimentado por uma angústia, lealdade e amizade, às vezes tremendamente exigente, mas sempre muito bela.

Quero falar algo sobre angústia. Nós todos temos medo da angústia e nós todos tentamos nos proteger; todos queremos tranquilidade. Henri estava mergulhando num mundo de insegurança. Às vezes eu sentia em Henri o coração ferido de Cristo, a agonia de Cristo. Pois Deus não é um Deus firme lá em cima, dizendo a cada um o que deve fazer, mas um Deus em agonia pedindo amor; um Deus que não é compreendido; um Deus que as pessoas rotularam. Deus é um amante, um amante ferido. Este é o mistério do Cristo, o amante ferido. E assim é Henri, um amante ferido querendo ser amado, desejando proclamar o amor. De muitas maneiras, Henri era um gênio. Tinha o dom da palavra. Quando eu lia os seus livros, o que sempre me impressionava era o sentido exato que possuía da “palavra”. Uma palavra pode matar ou dar vida. Uma palavra dentro da lei pode arrasar uma pessoa; entretanto, a palavra certa pode unir as pessoas. Assim era Henri, aquele em busca da palavra. O Verbo se fez carne e assim se tornou uma palavra de angústia e de dor. O Verbo se tornou carne de modo que a carne se transforme em Palavra.

Sempre me emocionou a profundidade da dor de Henri, a profundidade da sua busca, e o seu apelo por unidade e inteireza. Ele era um escritor apaixonado, uma

mensagem que emergia dessa busca de unidade e inteireza. Ansiosamente almejava essa unidade para ele e para outros. Ardentemente desejava a unidade na Igreja e entre cristãos. Alguns o consideravam muito conservador, outros muito liberal, mas na verdade ele era simplesmente um homem procurando e querendo anunciar Jesus, um amante tremendamente vulnerável. Assim é Jesus, um amante silencioso e vulnerável que espera, deseja ser amado. A pergunta fundamental de Jesus a cada um é: “Você me ama? Você realmente me ama?”.

Henri veio para *A Arca*. Ele escolheu vir para a *A Arca*. *A Arca* é um dos lugares mais pobres do mundo, porque o nosso povo é pobre. É um lugar de sofrimento porque *A Arca* é fundamentada na dor; toda a realidade d'*A Arca* se refere a acolher pessoas que sofrem porque foram rejeitadas e abandonadas. Não haveria um misterioso relacionamento entre o brado de amor de Henri e o daqueles d'*A Arca* que haviam sido rejeitados? Em todos os livros que escreveu nos últimos anos, ele fala como Adam e outros n'*O Amanhecer* o confortaram. Quando veio para *O Amanhecer*, vivia com Adam. Henri não era particularmente capaz de preparar o desjejum! Não era certamente a sua especialidade e naturalmente tudo o que ele tentava fazer na casa dava errado! Assim era Henri. Ele achava graça disso e também ficava zangado por causa disso. Ele podia ficar nervoso e exaltado, mas vivendo com Adam, vivendo com Gordie, que hoje está aqui, encontrava bem-estar. Ele descobriu que Adam, Gordie e Laura, sua pequena e bonita sobrinha, eram igualmente “médicos feridos”, eram belos terapeutas porque não se envergonhavam de amar. Atiravam-se aos braços de Henri e o beijavam. Era disso que precisava e talvez seja disso que nós todos precisemos sem o saber. Nós aparentamos ser fortes e poderosos; Henri não. Em todos os seus livros ele fala das suas fraquezas, fragilidade, necessidade de ser amado e como Gordie, Adam, Bill, Peter, David e muitos outros lhe revelaram o quanto era amado. Mostraram tam-

bém que, se Deus está nos céus, Deus é também o Verbo que se tornou carne. A luz que penetra o barro da dor. Este é o mistério da encarnação; Deus se fez carne, fez-se barro de modo que possamos tocá-lo, amá-lo e ouvi-lo. O Verbo se fez carne de modo que a carne se tornasse a Palavra. Muitas vezes senti como a carne de Henri revelava a Palavra.

Henri veio para *A Arca*. Ele *escolheu* *A Arca*. Optou por deixar de ser um professor brilhante para tomar parte nas exigências da vida comunitária. Não foi fácil para ele. Também não era sempre fácil para a comunidade porque Henri era sempre Henri com toda sua beleza, energia, dor, agitação e bondade. Num dos seus últimos livros, sobre o Filho Pródigo, lemos como Henri descobriu que estava sendo chamado a se tornar o pai, deixando de ser um adolescente inquieto para se tornar um pai para a comunidade — amante, clemente e misericordioso como o Pai. Ele descobriu a plenitude do seu lindo sacerdócio. Amando a Eucaristia ele cultuava o seu sacerdócio.

Assim ele encontrou um lar *n'A Arca*. Encontrou não somente um lar mas também inteireza. As coisas vieram juntas: o psicólogo, o professor e o padre se uniram porque ele estava vivendo com “médicos feridos”; gente que ninguém havia desejado; gente que tinha sido retirada de grandes instituições; gente desprezada e rejeitada; eles eram os seus “curadores feridos”. Havia um bonito elo entre a fragilidade de pessoas com deficiências e a fragilidade de Henri, entre o coração ferido de pessoas excepcionais e o coração ferido de Henri e o coração ferido de Cristo. Então ele encontrou um lar e lá se tornou mais forte. *A Arca* foi um presente para Henri, mas Henri foi uma dádiva inestimável para *A Arca*, um presente de Jesus para *A Arca*, na pessoa de um padre, de um amigo solidário. Henri era um homem compassivo. Iria até o fim do mundo para ajudar alguém que precisasse. Ele não era por demais interessado em normas, mas em gente, gente magoada, gente com dores, gente sofrendo, velhos, agonizan-

tes, aidéticos, gente comum com seus problemas; ele trouxe luz, esperança e conforto aos membros de sua comunidade e fora dela. Compartilhava sua vida, seus dons, seus amigos e sua espiritualidade crescente com as pessoas d'A Arca em todo o mundo.

De um modo misterioso Henri era atraído para outras pessoas, a sua dor ia ao encontro do sofrimento por que passavam; toda essa dor fazendo parte da paixão do Cristo crucificado. Com a sua palavra ele divulgou *A Arca* e a sua mensagem era acessível às pessoas, ajudando-as a se direcionarem. Ele anunciou algo de muito importante: que a unidade em nosso mundo e em nossas igrejas advirá dos pobres.

Quando Henri iniciou a sua vida religiosa, a Igreja era uma fortaleza, a Igreja fortaleza, mas ele aos poucos visualizou a Igreja como um templo onde as águas fluem e onde o povo, em particular os pobres e os que têm sede, vêm beber. Assim Henri foi alguém que deu nome às coisas: o gênio da palavra e a Palavra que se tornou carne. Ele amava as pessoas, todas as pessoas, o mundo e a Igreja. Muitos irão prantear a sua partida, porque ele era um presságio de esperança, um marco significativo num mundo dividido com cristãos divididos. A palavra de Henri transmitia a muitos um sentido.

Ontem à noite, falei com Jo Lenon, Coordenadora Internacional d'A Arca. Ela mandou o seu afeto para todos e disse: "Hoje à tarde eu estava falando com alguém. Um jovem estudante veio encontrar essa pessoa e ficou sabendo que Henri havia morrido. Esse moço havia acabado de ler um dos livros de Henri; ele veio e chorou, chorou, chorou exatamente porque o livro de Henri o havia despertado para a vida, havia dado novo sentido à sua vida; havia lhe ajudado a descobrir quem era". Assim, muitos irão chorar porque havia algo de profético em Henri. Ele aceitou a dor, optou por andar através da dor, porque esse é o caminho para todos nós. Escolher a cruz, caminhar com a cruz, porque nunca chegaremos à ressurreição

a menos que carreguemos a cruz, a menos que sejamos despojados. De muitos modos Henri era abnegado. Assim, muitos irão chorar, mas eis o que Henri escreveu num caderninho depois da morte de Adam, que ele amava: “Eu avalio o quanto iremos precisar uns dos outros nos dias e semanas por vir. Como iremos viver sem o Adam? Como nos reuniremos quando sentimos a dor pungente de sua ausência? Ninguém pode responder a estas perguntas, mas devemos confiar que unidos encontraremos vida nova entre nós. De fato isto já está acontecendo. O enterro de Adam reuniu pessoas que não se sentiam bem umas com as outras, pessoas que acreditavam que não mais se veriam. A cura e o perdão estão acontecendo no *espaço vazio* que Adam deixou para trás.”¹

Como conseguiremos sobreviver sem o Henri? Como iremos nos reunir quando sentimos a dor pungente de sua ausência? Ninguém pode responder a estas perguntas, mas devemos confiar que unidos encontraremos vida nova entre nós. De fato isso já está acontecendo. O enterro de Henri reuniu pessoas que não se sentiam bem umas com as outras. A cura e o perdão estão ocorrendo no espaço vazio que Henri deixou para trás. O espaço vazio de uma visão profética onde não somos somente cristãos, mas outros igualmente à procura da verdade, do amor, de uma espiritualidade verdadeira, uma espiritualidade que fluirá de corações sofridos, não através do poder, mas através de corações humanos feridos. Assim devemos preencher este espaço vazio.

Quero terminar com algo muito belo que Henri escreveu no seu livro *Our Greatest Gift*: “Como podemos nos preparar para a morte de modo que possamos encontrar uma nova maneira de transmitir o espírito de Deus e o nosso espírito àqueles que nos quiseram bem e a quem amamos?”

1. “Em memória de Adam”, abril de 1996.

“Uma nova maneira de morrer, preparando-nos para transmitir o espírito de Deus e o nosso espírito àqueles que nos quiseram bem e a quem amamos.” A questão hoje é como nos prepararmos para receber esse espírito, o espírito de Deus, o espírito de Jesus, o mesmo espírito que motivou, inspirou e conduziu o Padre Henri — e assim eu termino, chamando-o de Padre Henri!

Jean Vanier

L'ARCHE - B.P. 35

60350 Trosly - Breiul - França

Índice

A história de dois filhos e seu pai	7
<i>Prólogo: Encontro com uma pintura</i>	9
O pôster	9
A pintura	12
O acontecimento	18
A visão	22
<i>Introdução: O filho mais jovem,</i> o filho mais velho e o pai	27
PARTE I: O FILHO MAIS MOÇO	33
1. Rembrandt e o filho mais moço	35
2. Partida do filho mais jovem	39
Uma rejeição radical	39
Insensível à voz do amor	42
Procurando onde não pode ser encontrado	47
3. A volta do filho mais jovem	50
Estar perdido	50
Reinvidicando a filiação	54
O longo caminho para casa	58
O verdadeiro filho pródigo	61
PARTE II: O FILHO MAIS VELHO	67
4. Rembrandt e o filho mais velho	69

5. O filho mais velho parte	74
De pé com mãos entrelaçadas	74
Perdido em ressentimento	76
Sem alegria	79
Uma questão não resolvida	82
6. A volta do filho mais velho	85
Uma conversão possível	85
Deixando de lado a rivalidade	89
Através de confiança e gratidão	92
O verdadeiro filho mais velho	96
PARTE III: O PAI	99
7. Rembrandt e o pai	101
8. O pai acolhe de volta à casa	107
Pai e mãe	107
Nem mais nem menos	111
O coração de Deus	114
Um primeiro e eterno amor	117
9. O pai quer comemorar	119
Dando o melhor	119
Um convite à alegria	122
Não sem tristeza	126
<i>Conclusão:</i> Tornar-se o pai	131
Um passo solitário	131
A paternidade da misericórdia	135
Pesar, perdão e generosidade	140
<i>Epílogo:</i> Vivendo a pintura	147
Agradecimentos	155
<i>Anexo:</i> Panegírico feito por Jean Vanier no funeral de Henri Nouwen, em Utrecht	157

Impresso na gráfica da
Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Via Raposo Tavares, km 19,145
05577-300 – São Paulo, SP – Brasil – 1998